



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS

DANIELA DOS REIS SANTOS LIMA

LETRAMENTOS NA ESCOLA:
UMA PROPOSTA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A
PARTIR DE CRÔNICAS LITERÁRIAS

FEIRA DE SANTANA
2018



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS
Avenida Transnordestina, S/N - Bairro Novo Horizonte - CEP 44.036-900
Fone: (75) 3161-8872 – E-mail: profletras@uefs.br
www.profletras.uefs.com.br

DANIELA DOS REIS SANTOS LIMA

LETRAMENTOS NA ESCOLA:
UMA PROPOSTA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A
PARTIR DE CRÔNICAS LITERÁRIAS

FEIRA DE SANTANA
2018

DANIELA DOS REIS SANTOS LIMA

**LETRAMENTOS NA ESCOLA:
UMA PROPOSTA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A
PARTIR DE CRÔNICAS LITERÁRIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Letras -
PROFLETRAS - da Universidade Estadual de
Feira de Santana, como requisito para
obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Girlene Lima Portela

**FEIRA DE SANTANA
2018**

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carneado - UEFS

L697 Lima, Daniela dos Reis Santos

Letramentos na escola : uma proposta de ensino de Língua Portuguesa a partir de crônicas literárias / Daniela dos Reis Santos Lima. – 2018.
228 f. : il.

Orientadora: Girlene Lima Portela.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, 2018.

1. Letramento literário. 2. Língua Portuguesa – ensino. 3. Literatura – crônicas. I. Portela, Girlene Lima. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 372:806.90

Elaboração: Luis Ricardo Andrade da Silva - Bibliotecário - CRB-5/1790

TERMO DE APROVAÇÃO

DANIELA DOS REIS SANTOS LIMA

**LETRAMENTOS NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA A PARTIR DE CRÔNICAS LITERÁRIAS**

Dissertação de Mestrado aprovada como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, no curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Estadual de Feira de Santana, pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Girlene Lima Portela – Orientadora
Orientadora, Mestrado Profissional em Letras, UEFS

Profa. Dra. Alana de Oliveira Freitas El Fahl – Primeira Examinadora
Examinadora Interna, Mestrado Profissional em Letras, UEFS

Profa. Dra. Carla Luzia Borges – Segunda Examinadora
Examinadora Externa, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos, UEFS

Feira de Santana, 15 de março de 2018

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e pelas oportunidades a mim ofertadas.

Aos meus pais, Pedro e Maria, por me conduzirem no caminho da honestidade e da benevolência.

Ao meu esposo, Rendel Lima, pela compreensão e amor em todas as horas, pelo apoio constante na realização dos meus sonhos e por ser um pai presente, dando-me suporte na educação do nosso filho, durante as minhas ausências.

Aos meus sogros, Balbino e Rosália, pelo apoio nos instantes necessários.

À minha orientadora, Professora Doutora Girlene Lima Portela, pelo exemplo de determinação e disciplina, pela orientação cuidadosa e pela partilha de saberes.

Às Professoras Doutoradas Alana de Oliveira Freitas El Fahl e Carla Luzia Carneiro Borges, pelas contribuições oferecidas durante o exame de qualificação.

Ao diretor do Colégio Estadual José Leitão, Ananias Cruz, pelo incentivo e apoio em minhas andanças.

Aos alunos do 9º ano F3 matutino, do Centro Educacional Nilton Oliveira Santos, por terem contribuído para a realização de mais uma etapa da minha trajetória profissional.

Aos meus colegas de mestrado, pelos momentos de aprendizagem, troca de experiências e incentivo. Em especial, à Daiane Paim e à Gilmara Freitas, pelo acolhimento e generosidade a mim dispensados.

Aos demais amigos e familiares, por torcerem pela realização desse momento tão especial em minha vida.

[...] só lê e escreve quem, de alguma maneira, for despertado, seduzido, induzido a esses gestos instauradores de autorias, de intervenções individuais e/ou coletivas e que, de forma muito especial, combinam letramentos não formais, reconhecimento de vivências e capacidades pessoais, abertura para as diferentes linguagens que participam do dia a dia dos cidadãos.

(BRAIT, 2015, p. 12)

RESUMO

O presente texto, intitulado **Letramentos na escola: uma proposta para o ensino de Língua Portuguesa a partir de crônicas literárias**, apresenta uma proposta de intervenção pedagógica no ensino de leitura e escrita, a partir do gênero textual/discursivo crônica literária, em uma turma do 9º ano, de uma escola pública municipal de Santaluz-Ba. Por meio de uma sequência didática, adaptada com base em Schneuwly e Dolz (2004) e Costa-Hübes (2009), objetivamos o desenvolvimento das competências leitoras e escritoras nos alunos, com base nas perspectivas dos letramentos. Nesse sentido, apoiamos-nos nos construtos teóricos de Street (1995), Soares (1998;2002), Rojo (2009), Cosson (2016), Lajolo (2001), Petit (2009), os PCN de Língua Portuguesa, terceiro e quarto ciclos (1998), Sá (1985), Cândido (1992;1995), Freitas (2011), Antunes (2010;2016), entre outros. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e de base etnográfica, que intenta responder à seguinte questão: de que maneira o desenvolvimento de uma sequência didática, com enfoque no gênero textual/discursivo crônica literária, pode contribuir para o desenvolvimento de competências leitoras e escritoras, nas aulas de Língua Portuguesa, com base nas perspectivas dos letramentos? Assim, além do gênero crônica, responsável pelo letramento literário, inserimos na pesquisa o uso de linguagens multimodais, como a fotografia, com vistas à apropriação, no âmbito escolar, de práticas comumente utilizadas pelos alunos nos tempos hodiernos. Os resultados da pesquisa mostram que é possível ampliar a competência comunicativa dos alunos, bem como a reflexão crítica acerca do mundo e de si mesmos, através dos letramentos, em especial o literário, com destaque para a crônica e sua característica humanizadora.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem de Leitura e escrita; pesquisa-intervenção; crônica literária; letramento literário.

ABSTRACT

The present text, entitled **Letramentos in school: a proposal for the teaching of Portuguese Language from the literary chronicles**, presents a proposal for a pedagogical intervention in teaching reading and writing, from textual/discursive genre literary Chronicle, in a class of ninth grade, a public school Hall of Santaluz-Ba. Through a didactic sequence adapted based on Schneuwly and Dolz (2004) and Costa-Hübes (2009), aim the development of skills in students, writers and readers based on the perspectives of literacy. In this sense, we support the theoretical constructs of Street (1995), Soares (1998; 2002), Rojo (2009), Cosson (2016), Lajolo (2001), Petit (2009), the PCN of Portuguese Language, third and fourth cycles (1998), Sá (1985), Cândido (1992; 1995), Freitas (2011), Antunes (2010; 2016), among others. This is a qualitative and ethnographic based character, which brings answer the following question: in what way is the development of a didactic sequence, with a focus on textual/discursive genre literary Chronicle, may contribute to the skills development readers and writers, in Portuguese Language, based on the perspectives of the literacy? So, in addition to the genre, literary literacy Chronicle, we insert in the search using multimodal languages, as the photography, with the appropriation, in the framework of school practices commonly used by students in the times today. The survey results show that it is possible to enlarge the communicative competence of students, as well as critical reflection about the world and themselves, through the literacy, especially the literary, highlighting the chronic and your feature humanizing.

Keywords: teaching and learning of reading and writing; Research-intervention; literary Chronicle; literary literacy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Desempenho do <i>locus</i> da pesquisa no IDEB (2015)	21
Figura 02 - Mapa de localização de Santaluz-Ba	28
Figura 03 - Modelo de sequência didática de acordo com Dolz e Schneuwly (2004)	35
Figura 04 - Modelo de sequência didática de acordo com Costa-Hübes (2009)	36
Figura 05 - Esquema de sequência didática elaborada para a pesquisa	37
Figura 06 - Registro no diário de bordo pela aluna nº 21	57
Figura 07 - Apresentação de paráfrase de crônica de Cecília Meireles	60
Figura 08 - <i>Layout</i> do blog <i>Crônicas: o cotidiano em palavras</i>	61
Figura 09 - Resposta da aluna nº 04 a respeito da identificação de uma crônica	64
Figura 10 - Definição da aluna nº 04 sobre o gênero crônica	67
Figura 11 - Definição da aluna nº 11 sobre o gênero crônica	68
Figura 12 - Avaliação da aluna nº 04 sobre o uso do celular e das imagens fotográficas durante as aulas	72
Figura 13 - Registro no diário de bordo da aluna nº 07	76
Figura 14 - Primeira versão da crônica literária escrita em grupo	89

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 - Gênero	33
GRÁFICO 02 - Idade	33
GRÁFICO 03 - Você possui o hábito da leitura?	51
GRÁFICO 04 - Material de leitura que mais utiliza	51
GRÁFICO 05 - As pessoas responsáveis por você sabem ler e escrever?	52
GRÁFICO 06 - Que tipo de leitura seus responsáveis costumam fazer?	52

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 - Lista de livros lidos pelos alunos	55
QUADRO 02 - Elementos que caracterizam as crônicas dos alunos	91
QUADRO 03 - Linguagem coloquial presente nas produções dos alunos	99
QUADRO 04 - Recursos de estilo utilizados por A11 em sua escrita	99

SUMÁRIO

1 ENTRE VIVÊNCIAS E AUTORIAS DA NOSSA HISTÓRIA	14
2 O CONTEXTO DA PESQUISA	18
2.1 A PROBLEMÁTICA	18
2.2 O PERCURSO METODOLÓGICO	23
2.2.1 Método e procedimentos da pesquisa	25
2.2.2 Lócus da pesquisa	28
2.2.3 Os sujeitos da pesquisa	31
2.2.4 Limites da pesquisa	32
2.3 O PROJETO DE INTERVENÇÃO	34
3 LETRAMENTOS NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DE CRÔNICAS LITERÁRIAS	49
3.1 GERAÇÃO DE DADOS: ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA.....	50
3.1.1 A sondagem	50
3.1.2 O módulo de sensibilização	53
3.1.3 Módulo de Apresentação do Gênero.....	58
3.1.4 Módulo de Reconhecimento do Gênero e Apresentação da situação	61
3.1.5 A Oficina de fotografia e a Atividade de campo	69
3.1.6 Produção inicial	72
3.1.7 Módulo de intervenção	76
3.1.8 Produção final	78
3.1.9 A culminância	80
3.2 AS CONTRIBUIÇÕES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO CRÔNICA LITERÁRIA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	82
3.2.1 A crônica literária brasileira	83
3.2.2 Análise das crônicas literárias produzidas pelos alunos	86
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE SONDAAGEM	107
APÊNDICE B - CADERNO DE APRENDIZAGEM DO ALUNO	111
APÊNDICE C - LIVRO DAS CRÔNICAS PRODUZIDAS PELOS ALUNOS	158
APÊNDICE D - FOLDER DA EXPOSIÇÃO <i>OLHARES COTIDIANOS: ENTRE CRÔNICAS E IMAGENS</i>	208
ANEXO A - FOTOGRAFIA DO CANTINHO LITERÁRIO	209

ANEXO B - FOTOGRAFIAS DA RODA DE CONVERSA E DA VISITA À BIBLIOTECA MUNICIPAL GUIDO GUERRA	210
ANEXO C - IMAGENS DA OFICINA DE FOTOGRAFIA E DA ATIVIDADE DE CAMPO	211
ANEXO D - FOTOGRAFIAS DA EXPOSIÇÃO <i>OLHARES COTIDIANOS: ENTRE CRÔNICAS E IMAGENS</i>	212
ANEXO E - CRÔNICA LITERÁRIA PRODUZIDA POR A4	213
ANEXO F - CRÔNICA LITERÁRIA PRODUZIDA POR A11.....	215
ANEXO G - CRÔNICA LITERÁRIA PRODUZIDA POR A12.....	217
ANEXO H - CRÔNICA LITERÁRIA PRODUZIDA POR A18	219
ANEXO I - CRÔNICA LITERÁRIA PRODUZIDA POR A30.....	221
ANEXO J - PARECER COMITÊ DE ÉTICA	223

1 ENTRE VIVÊNCIAS E AUTORIAS DA NOSSA HISTÓRIA

O leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, faz o que bem entende, distorce, reemprega, introduz variantes, deixa de lado os usos corretos. Mas ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo.

(PETIT, 2009, p. 28-29)

Em meio a leituras de mundo e de palavras, vamos constituindo a nossa história. Cada aprendizado reflete as experiências adquiridas ao longo dos anos, de maneira que não há como sermos os mesmos sempre. Dessa forma, nesta introdução, faço um breve relato de passagens de minha vida, que foram salutares para a minha formação enquanto pessoa e profissional da educação. Assim, mesmo com algumas adversidades, mantidas na memória afetiva como marca de resiliência, acredito no devir decorrente da incessante busca do conhecimento.

Na infância, o meu contato com os livros era bastante limitado, uma vez que, naquela época, possuir exemplares literários era condição para poucos. Mesmo assim, ainda rememoro a leitura do meu primeiro exemplar de conto de fadas, adquirido na época da pré-escola, uma adaptação homônima do conto popular italiano *La gatta cenerentola* (A gata borralheira). Lembro-me da sensação ao abri-lo e do universo mágico em que eu adentrava ao ler aquela narrativa, consolidando assim, momentos singulares de fruição. Contudo, após esse primeiro contato, tais vivências tornaram-se raras. Na escola, local onde deveria haver um acervo diversificado de livros, era possível apenas a leitura de textos do livro didático, quando este era acessível.

Constitui a minha trajetória estudantil praticamente na escola pública, com exceção dos dois primeiros anos da pré-escola. Recordo-me que, no período do primeiro grau, hoje correspondente ao ensino fundamental, no início dos anos noventa, não ocorria a distribuição de livros didáticos, nem de livros literários para a biblioteca da escola onde eu estudava. Apesar disso, diante das adversidades, sempre havia uma maneira de nos adequarmos ao contexto em que estávamos inseridos. Entre as feiras de livros usados e as feiras do “troca-

*troca*¹, meus pais conseguiam adquirir alguns exemplares a preços acessíveis, priorizando as áreas de conhecimento consideradas mais relevantes, como *Português* e *Matemática*.

As visitas à biblioteca pública municipal, na maioria das vezes, eram destinadas a pesquisas escolares, cópias extensas de conteúdos solicitados pelos professores, encontradas nas enciclopédias *Barsas*, pois não havia o acesso a conhecimentos variados, como ocorre nos dias de hoje, através do acesso à internet. Realizávamos – eu e meus colegas de classe – essa tarefa com afinco. Até aquele momento, não havia o despertar para a importância da leitura de livros. Com exceção de escassas tentativas de fomento à leitura, pelos professores de Língua Portuguesa, esse perfil se delineou até o ensino médio, onde pude vivenciar outros contatos, ainda tímidos, com alguns textos literários.

Com o ingresso na universidade, o meu repertório leitor amplia-se. Aprovada no curso de Letras, logo após a conclusão do ensino médio, no final da década de noventa, eu pude vivenciar as leituras dos clássicos nacionais, prosas e poesias, obras cecilianas, machadianas, clariceanas, entre outras, além de obras de escritores de terras além-mar, como os romances de Eça de Queirós e de José Saramago. De lá para cá, a cada obra lida, percebo o quanto a leitura, seja de livros literários ou de livros teóricos, contribui para a formação de novas percepções acerca do mundo e de nós mesmos.

Tornei-me professora de educação básica logo após a conclusão de minha graduação. Nesse ínterim, eu já havia adquirido conhecimento de muitas teorias que seriam basilares para o ensino de Língua Portuguesa. No entanto, a prática pedagógica em sala de aula, quase sempre, escapa às explicações adquiridas no ambiente acadêmico. Por esse motivo, na maioria das vezes, aprende-se a ser professor, no exercício da profissão. E para isso, é necessária a formação para a prática, não apenas para o domínio teórico.

Ciente dessa importância e sentindo a necessidade de aperfeiçoar-me cada vez mais, continuei em busca de novos caminhos na área da pós-graduação. Primeiramente, no curso *latu senso*, com a especialização em Estudos Linguísticos, e posteriormente, no *scripto sensu*, com o Mestrado Profissional em Letras, o PROFLETRAS. Ambos essenciais para a minha visão atual sobre a docência e seus impactos na constituição da sociedade. Contudo, reitero a importância da formação deste último curso, para a consolidação de uma prática pedagógica baseada em estudos empíricos, experimentados em sala de aula. A partir dele, eu

¹ Como eram nomeadas as feiras organizadas por pais e professores, com a finalidade de trocar, entre os alunos, os livros usados em anos anteriores.

pude utilizar na prática, como se pode constatar neste estudo, pressupostos teóricos essenciais ao ensino de Língua Portuguesa.

Esta breve contextualização, de minha trajetória leitora e profissional, faz-se pertinente, por evidenciar, principalmente nos contatos iniciais com a leitura, que não há muita divergência dos contextos socioeducacionais dos sujeitos desta pesquisa. Dessa forma, tomando como exemplo as minhas vivências, é importante ressaltar aqui, o papel da escola e da universidade, enquanto agências de letramento, na transformação de conjunturas sociais. Por esse motivo, mantenho a minha esperança no poder emancipatório de uma educação democrática e de qualidade, pois como afirma o mestre Paulo Freire (2000, p. 67), em sua célebre frase: “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Assim, este estudo, pautado nas teorias dos letramentos e alicerçado em Street (1995), Soares (1998; 2002), Rojo (2009), Kleiman (2005), Dionísio (2016) e Cosson (2016), entre outros, apresenta resultados do projeto de intervenção – *O cotidiano em palavras: uma proposta de desenvolvimento de habilidades escritoras a partir do gênero crônica*² – no ensino de leitura e escrita. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e de base etnográfica que visou o desenvolvimento de competências leitoras e escritoras, a partir do gênero textual/discursivo crônica literária, nos alunos de uma turma do 9º ano, da rede municipal de ensino de Santaluz-Ba. Para tanto, utilizamos como metodologia o modelo de sequência didática, defendido por Dolz e Schneuwly (2004) e adaptado por Costa-Hübes (2009), com algumas modificações para atender aos propósitos da pesquisa.

Dessa maneira, o presente texto está estruturado em quatro seções, a saber: a primeira, intitulada *Entre vivências e autorias da nossa história*, é uma seção introdutória, que apresenta um breve percurso de minha formação leitora e profissional, que culminou no desenvolvimento desta pesquisa. A segunda, *O contexto da pesquisa*, subdivide-se em três partes, que irão tratar da problemática que desencadeou a questão da pesquisa; do percurso metodológico, o qual irá abordar o método utilizado para o desenvolvimento deste estudo, bem como a caracterização dos sujeitos envolvidos e do *lócus* de pesquisa; do projeto de intervenção, que versará sobre os detalhes do planejamento da sequência didática.

A terceira seção, *Letramentos na escola: uma proposta de ensino de Língua Portuguesa a partir de crônicas literárias*, subdivide-se em duas partes. A primeira tratará da

² O título do projeto destaca o desenvolvimento de habilidades escritoras, porém é importante ressaltar que, além da escrita, foram desenvolvidas ações em torno da leitura, em especial a literária. A permanência do título se deu por questões burocráticas do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), uma vez que a sua mudança acarretaria atraso na aplicação da intervenção.

análise das aulas desenvolvidas na sequência didática, embasadas em construtos teóricos imprescindíveis à prática docente. A segunda tratará das contribuições do gênero textual/discursivo crônica literária para o ensino de Língua Portuguesa. Nesta última, será feita uma breve descrição do percurso histórico da crônica literária no Brasil e, por fim, a análise das crônicas produzidas pelos alunos.

Na seção destinada às *Considerações finais*, serão apresentados os achados da pesquisa, intentando mostrar que há caminhos possíveis para práticas exitosas, no ensino de Língua Portuguesa, em escolas públicas. Nesse sentido, a pesquisa de intervenção acarreta ganhos imprescindíveis ao ensino de leitura e escrita, uma vez que ela parte da análise e reflexão acerca dos fenômenos ocorridos *in lócus*, com vistas a dirimir as dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelos alunos.

2 O CONTEXTO DA PESQUISA

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo.

(FREIRE, 1996, p. 29)

Neste capítulo, faremos uma explanação a respeito do contexto no qual a pesquisa foi aplicada. Para tanto, iniciaremos com a apresentação da problemática, partindo de um contexto geral para a situação delineada no *lócus* da pesquisa, utilizando-se de dados estatísticos de exames externos aplicados pelo Ministério da Educação. Em seguida, trataremos do caminho percorrido para alcançar os desígnios de nosso estudo, além da caracterização dos sujeitos envolvidos e da escola-laboratório. E, por fim, detalharemos o processo de construção da sequência didática, bem como as ações planejadas para a sua aplicação em sala de aula.

2.1 A PROBLEMÁTICA

A prática da leitura e da escrita de textos, na educação básica, continua sendo um desafio para os professores de Língua Portuguesa. Em se tratando de escola pública, o contexto exige maior atenção, por conta das lacunas que, de maneira recorrente, vão sendo formadas durante o processo de aprendizagem. Esse é um retrato que costuma se arrastar desde os primeiros anos escolares, com consequências perceptíveis em toda a trajetória escolar dos alunos. Por conseguinte, muitos deles, quando egressos dessas instituições têm as oportunidades negadas, em decorrência das dificuldades de interação com o mundo letrado³.

Ao lado dessa realidade, existem diversos fatores que não nos permitem atribuir culpabilidade, exclusivamente, à educação pública. A ausência do hábito de leitura nos lares, a pouca ou nenhuma formação escolar dos pais – acarretando a falta de acompanhamento escolar de seus filhos –, além de situações vivenciadas cotidianamente que afetam a autoestima dos alunos (desemprego na família, baixo poder aquisitivo, casos de violência, entre outros), resultam no acometimento de seus desempenhos escolares. Assim, podemos

³ A expressão *mundo letrado*, empregada aqui, se refere às práticas sociais de leitura e escrita, utilizadas para interagir em determinados grupos da sociedade.

concluir que a questão é bem complexa, já que também envolvem fatores socioeconômicos e comportamentais.

A existência dos aspectos citados acima torna a educação pública peça fundamental para a amenização dos abismos sociais existentes em nosso país. É por esse motivo que o ensino formal, atribuído à instituição escolar, ainda possui grande importância, uma vez que dele pode resultar transformações de realidades que, sem a sua intervenção, seriam mais drásticas. Nesse sentido, a escola deve criar estratégias que possam contribuir para a democratização do saber e para o acesso a uma melhor condição social.

Como meio para dirimir as adversidades, o desenvolvimento do hábito da leitura, instigado nos alunos desde cedo, pode ser um fator decisivo. As contribuições que o ato de ler pode proporcionar a quem está aberto ao universo dos livros são incontestáveis. A ampliação de conhecimentos e de percepção do mundo, a capacidade de tecer conceitos e ideias próprias a partir da leitura de um livro, a relação estabelecida entre o lido e o mundo particular, são algumas benesses adquiridas a partir da prática constante da leitura. Em oposição a isso, a sua ausência acomete a qualidade da aprendizagem discente, tornando o conhecimento restrito, sem possibilidade de suscitar reflexões que vão além de verdades impostas. Ler, então, é um ato libertador, sendo o papel da escola, de todos os professores, em especial os de Língua Portuguesa, possibilitar que os alunos desenvolvam o gosto por ler.

Não obstante, para que haja condições favoráveis de incentivo à leitura, é necessário que as escolas públicas estejam bem estruturadas. É inadmissível que, em pleno século XXI, ainda existam problemas de ordem estrutural que se configuram como verdadeiros empecilhos para a aprendizagem do discente. Exemplos disso são as salas de aula superlotadas, quantidade limitada de carteiras escolares, salas inadequadas para uso de recursos tecnológicos, entre outros. Assim, torna-se inviável para o professor, regente de inúmeras séries, disciplinas e turmas, desenvolver um acompanhamento personalizado e de qualidade.

O pouco aproveitamento dos espaços escolares para a prática da leitura é outro fator que contribui para os tímidos resultados no ensino público. Comumente, não há uma política que incentive o hábito de ler nessas instituições. Por esse motivo, os locais destinados a essa finalidade são utilizados como depósito de livros didáticos usados – como é o caso das “salinhas de leitura” –, ou como um local em que os alunos vão para conversar, folhear um livro rapidamente e colocá-lo na estante. Dentre os frequentadores desses lugares, os que conseguem desenvolver o hábito de leitura podem ser considerados sujeitos autodidatas.

Como a iniciação à leitura de livros de maneira autônoma é pouco comum, o seu acesso inicial precisa ser mediado por um adulto leitor. No âmbito escolar, essa função deve

ser desempenhada pelos docentes. Nesse sentido, não há como os professores se eximirem do compromisso de serem porta-vozes dos livros e exemplos de leitores a serem seguidos pelos educandos. Para que ocorram resultados promissores nesse processo formativo, torna-se necessária a realização de ações mobilizadoras de leituras diversas, em situações distintas de comunicação, que sejam capazes de conquistar os alunos com entusiasmo.

Contrariando essa premissa, a condição leitora do professor de Língua Portuguesa no Brasil ainda necessita de avanços. A quarta edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*⁴, realizada pelo Instituto Pró-livro com base no ano de 2015, aponta que, entre os professores entrevistados, cinquenta por cento afirmaram não ter lido nenhum livro nos últimos três meses. Dentre os exemplares mais lidos, destacam-se os religiosos e os motivacionais.

Assim, podemos afirmar que a ausência do hábito de leitura também é um problema do professor, por esse motivo, ele não consegue despertar em seu aluno o desejo de ler. Entretanto, ao lado desses dados sobre o hábito da leitura dos docentes, é importante salientar as condições exaustivas em que eles se encontram. Não é rara a existência de professores que conciliam cargas horárias semanais extenuantes, para conseguir uma renda maior. Assim, diante das atribuições que lhes são imputadas, o tempo destinado à leitura para ampliação do conhecimento torna-se limitado.

Mesmo diante de inúmeras dificuldades, é importante que o professor de Língua Portuguesa reconheça a significância de seu papel, enquanto mediador da aprendizagem do aluno e, assim, possa transformar aulas enfadonhas, em momentos ricos, de incentivo ao desejo pela leitura. Nesse sentido, planejar ações que ultrapassem a utilização constante do livro didático em sala de aula, é um passo importante para que a formação de leitores proficientes seja consolidada.

Na perspectiva do letramento literário⁵, a possibilidade de ocorrer uma formação leitora, somente com o uso do livro didático, é insuficiente. A presença de textos fragmentados, acompanhados por atividades prolixas e divergentes do nível de aprendizagem da turma, distancia cada vez mais o interesse do aluno. Diferente disso, o texto literário deve ser vivenciado, a partir de situações que consigam suscitar reflexões acerca do mundo e de si mesmo.

⁴ A pesquisa *Retratos de leitura no Brasil* é realizada pelo Instituto Pró-livro. Nela, caracteriza-se como leitor o sujeito que leu ao menos um livro no período de três meses.

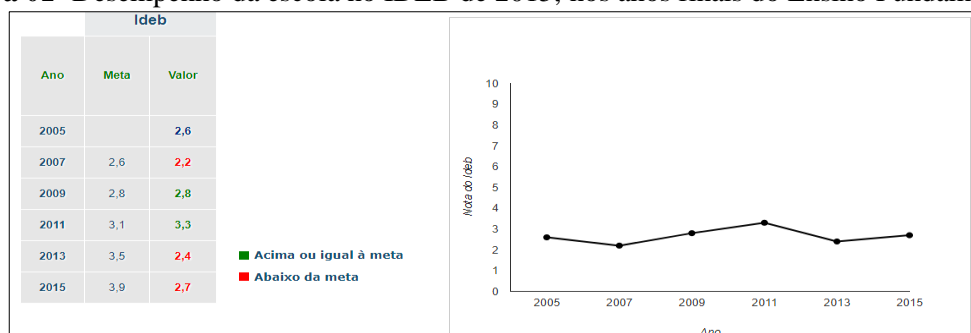
⁵ O letramento literário, de acordo com Rildo Cosson (2016), refere-se ao domínio e apropriação da linguagem literária pelos alunos.

Outro fator que merece atenção no ensino de Língua portuguesa se refere à prática da produção de texto em sala de aula. Mesmo após inúmeras discussões, ainda é comum a utilização de metodologias tradicionais, centradas na escrita de tipologias de texto, ao invés de gêneros textuais. O parâmetro utilizado por professores que ainda se fundamentam nesse modelo de ensino, comumente, parte de situações abstratas, sem ao menos suscitar debates ou uma leitura introdutória a respeito do tema. Essa atitude reforça o mito de que a produção de texto necessita apenas de inspiração, dispensando, assim, o planejamento e as etapas de escrita, revisão e reescrita.

Ao lado desse contexto apresentado, é importante frisar que mudanças significativas vêm ocorrendo no âmbito educacional dos tempos hodiernos. Influenciado pelo advento das novas tecnologias digitais, um novo perfil de estudante, mais autônomo na busca pelo saber, tem sido delineado. Assim, nas escolas, tem ocorrido o seguinte fenômeno: de um lado, os professores, nascidos na era analógica; do outro lado, alunos nascidos em meio à diversidade de aparatos tecnológicos, habituados ao seu uso constante. Dessa maneira, acompanhar tal evolução requer do professor uma postura crítica acerca de sua *práxis*, uma vez que o acesso ao conhecimento se tornou democrático e independente dos limites da sala de aula.

Essa problemática geral nos leva a refletir, mais pontualmente, a realidade na qual nosso estudo se inscreve, uma vez que a escola onde a nossa pesquisa de intervenção ocorreu, assim como várias escolas públicas brasileiras, convive com as questões listadas acima. Nos últimos anos, a referida instituição não obteve um desempenho satisfatório na avaliação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). O Índice de Desenvolvimento Básico (IDEB)⁶, medido através da Prova Brasil, tem apresentado nota inferior à meta esperada, nas séries finais do Ensino Fundamental II, nas duas últimas aplicações.

Figura 01- Desempenho da escola no IDEB de 2015, nos anos finais do Ensino Fundamental II.



Fonte: Portal do INEP

⁶ O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) é calculado a partir de dois componentes: a taxa de rendimento escolar (aprovação) e as médias de desempenho nos exames aplicados pelo INEP.

Conforme podemos notar, no ano de 2013, quando se projetava uma pontuação de 3,5, a escola alcançou a média 2,4. No biênio posterior, em 2015, o desempenho foi menor, uma vez que, com a nota 2,7, a instituição também não conseguiu alcançar a média esperada de 3,9. A baixa no rendimento dos alunos, em relação à meta esperada nos anos seguintes a 2011, nos conduz a refletir a respeito da aprendizagem efetivada dentro da escola. Assim, compete-nos questionar se as práticas de letramento, desenvolvidas na instituição escolar, têm contribuído para a melhoria da aprendizagem dos alunos ao longo dos anos.

Dessa forma, em busca por resultados satisfatórios no ensino de Língua Portuguesa, nossa pesquisa objetivou desenvolver, nos alunos-alvo, competências leitoras e escritoras, a partir de crônicas literárias, com base nas concepções de letramento. O percurso metodológico utilizado na aplicação da proposta interventiva privilegiou a inserção das múltiplas linguagens e das novas tecnologias digitais, a partir do registro de imagens fotográficas, através do aparelho celular. Assim, intentamos responder à seguinte questão de pesquisa: de que maneira o desenvolvimento de uma sequência didática, com enfoque no gênero textual crônica literária, pode contribuir para o desenvolvimento de competências leitoras e escritoras, nas aulas de Língua Portuguesa, com base nas perspectivas dos letramentos?

Seguindo esse viés, tencionamos modificar a maneira como a leitura e a escrita são trabalhadas em sala de aula. Concluímos que, na maioria das vezes, essas atividades são realizadas de maneira descontextualizada e repentina, como se não fosse necessário o cumprimento de algumas etapas para a sua efetivação. No caminho oposto a essas metodologias, assumimos a concepção de texto como lugar de interação, em todas as ações desenvolvidas durante a pesquisa.

Assim, a proposta de produção da crônica literária partiu de uma situação concreta, na qual os alunos puderam planejar seus escritos, pautados em objetivos pré-estabelecidos, além de presumirem seus possíveis interlocutores e, com isso, adequarem a linguagem utilizada. Nesse viés, o ensino de produção textual em sala de aula pode se consolidar de modo mais significativo, tornando mais fácil para o aluno o desenvolvimento de uma escrita coerente e pertinente ao contexto de comunicação.

Sabe-se que o ensino de produção textual não pode ser considerado moroso, a ponto de o aluno perder o interesse pela sua aprendizagem. Para que isso não ocorresse, a nossa pesquisa buscou privilegiar o conhecimento prévio e a valorização do universo cultural dos estudantes. Com esse pensamento, tencionamos contribuir para o aumento de suas autoestimas e de suas percepções enquanto membros integrantes da comunidade e da escola.

Para inserir, em nosso estudo, os novos letramentos que vêm surgindo com advento das novas tecnologias, desenvolvemos atividades de leitura a partir do texto imagético. Para tanto, a intervenção contou com uma oficina de fotografia, ministrada por uma profissional da área, a fim de que os alunos pudessem conhecer a linguagem e aplicar algumas técnicas pertencentes a essa arte, em uma atividade de campo. Para compartilhar os momentos em sala de aula e para que os alunos realizassem as autoavaliações, após cada módulo de aprendizagem, foi criado um blog intitulado *Crônicas: o cotidiano em palavras*.

A escolha pela crônica literária, no desenvolvimento de nossa pesquisa, justifica-se por ela ser um gênero textual/discursivo de linguagem simples, acessível ao público da pesquisa. Além disso, ela consegue instigar no aluno o olhar reflexivo diante das situações cotidianas, contribuindo, assim, para a sua formação crítico-reflexiva. Dessa maneira, as crônicas literárias levadas para a sala de aula trataram de temas do cotidiano, de maneira leve e descontraída, favorecendo, com isso, o fomento à prática da leitura e da escrita textual. Esses momentos tornaram-se mais significantes pelo contato estabelecido entre os alunos e o gênero em seu suporte de veiculação, nesse caso, os livros de coletâneas de crônicas literárias.

Além das crônicas de escritores consagrados, como Fernando Sabino (1923-2004), Cecília Meireles (1901-1964), Rubem Braga (1913-1990), entre outros, foram também utilizadas crônicas do escritor luzense Eptácio Carvalho (1984). Assim, intentamos contribuir com o despertar do aluno para o sentimento de pertença de lugar, a partir da valorização dos autores munícipes e da cultura local representada em suas obras. As crônicas do referido autor tratam de temas que resgatam os hábitos costumeiros da população e o enaltecimento de suas raízes.

Assim, este estudo poderá contribuir positivamente para o ensino de Língua Portuguesa, ao trazer a análise de uma experiência interventiva no ensino de leitura e produção textual, a partir de crônicas literárias. Nesse sentido, este material também poderá ser fonte de consulta, para os professores que desejarem conhecer o percurso desenvolvido e também tiverem a pretensão de promover um trabalho com base nas concepções de letramento adotadas.

2.2 O PERCURSO METODOLÓGICO

O caminho percorrido para a construção de nossa pesquisa foi realizado por etapas que visaram à melhoria do processo ensino-aprendizagem em Língua Portuguesa. Assim, buscamos o conhecimento de teorias que pudessem nortear a nossa prática e, com isso,

oferecer subsídios necessários para atenuar os problemas de aprendizagem dos alunos. Durante esse percurso, percebemos que ainda há muito a ser feito para que o resultado almejado se concretize e a competência comunicativa dos alunos seja desenvolvida progressivamente com o passar dos anos escolares.

Partindo dessa constatação, concluímos que a escola, até o momento atual, não tem exercido de maneira competente o seu papel na formação leitora e na aprendizagem da escrita textual pelos alunos. Diante disso, lançamos um olhar apurado na problemática apresentada na seção anterior, a fim de descobrirmos os fatores determinantes e traçarmos estratégias na tentativa de diminuir essa situação que teima em perdurar, apesar da existência de vários programas nacionais e projetos pedagógicos escolares criados para saná-la.

Na tentativa de amenizar os problemas de aprendizagem em Língua Portuguesa, a nossa pesquisa procurou respostas para a seguinte questão: de que maneira o desenvolvimento de uma sequência didática, com enfoque no gênero textual/discursivo crônica literária, pode contribuir para o desenvolvimento de competências leitoras e escritoras, nas aulas de Língua Portuguesa, com base nas perspectivas dos letramentos?

Nesse sentido, a nossa pesquisa de intervenção objetivou o desenvolvimento e o aprimoramento de competências leitoras e escritoras, a partir de leituras e produções de crônicas literárias, utilizando-se de uma sequência didática que primou pela valorização da cultura local e a inserção das múltiplas linguagens, possibilitando assim, a formação de leitores e escritores cômicos de suas contribuições para o êxito em suas aprendizagens.

As ações desenvolvidas foram planejadas a partir do modelo de ensino de sequência didática, com base em Dolz e Schneuwly (2004) e Costa- Hübes (2009), com adaptações para a realidade estudada e os objetivos pretendidos. De acordo com os autores da escola de Genebra⁷, “uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 97).

Tendo como base o gênero textual/discursivo crônica literária, mas sem deixar de contemplar outros gêneros no decorrer da sequência didática, as atividades giraram em torno das práticas contextualizadas de leitura e escritura de textos, concretizadas em situações reais de comunicação. Com isso, privilegiamos o desenvolvimento de ações, que pudessem

⁷ O termo *autores da escola de Genebra* faz referência a Joaquim Dolz e a Bernard Schneuwly, ambos professores da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra (Suíça) e autores de livros que abordam o ensino de gêneros textuais na escola, a partir de sequências didáticas.

proporcionar a interação entre leitor/autor/texto, além de primarmos pela produção escrita processual, com vistas à adequação da proposta comunicativa.

2.2.1 Método e procedimentos da pesquisa

A partir dos questionamentos obtidos em torno do objeto de estudo desta pesquisa, optamos pela análise de natureza qualitativa com base etnográfica, já que, almejamos a compreensão de uma realidade, a partir da descrição e análise dos dados obtidos. Não se trata, aqui, de uma pesquisa numérica, com fins quantitativos, pois “ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (MINAYO, 2002, p. 21-22), correspondendo a uma relação de profundidade com o objeto estudado, que vai além de estatísticas e operacionalizações de variáveis.

O uso da pesquisa qualitativa nas ciências sociais é recente. Por muito tempo, ao se pensar em pesquisa, a alternativa possível era a quantitativa, devido à objetividade presente nas suas análises quantificadas em números e estatísticas. Diferentemente das pesquisas numéricas, a qualitativa, como afirma Goldenberg (2004, p. 14), preocupa-se com “o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória, etc”. Por natureza, ela possui caráter reflexivo, subjetivo, já que pretende compreender os fenômenos em determinados grupos.

Assim, também optamos pelo modelo de pesquisa-intervenção, uma vez que o nosso trabalho intentou intervir na maneira como se dá o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, em uma turma do 9º ano do ensino fundamental II, de uma escola pública municipal, na cidade de Santaluz-Bahia. Nessa perspectiva, utilizamos metodologias diferenciadas (produção e utilização de materiais didáticos específicos, atividades extraclasse, uso de tecnologias digitais, dentre outras) capazes de promover mudanças no fazer pedagógico. Assim, nossa *práxis* foi pautada na ação-reflexão-ação, com vistas ao fortalecimento de atitudes que proporcionassem resultados positivos na aprendizagem dos alunos. Conforme Damiani (2012),

as intervenções em Educação, em especial as relacionadas ao processo de ensino/aprendizagem, apresentam potencial para, simultaneamente, propor novas práticas pedagógicas (ou aprimorar as já existentes), produzindo conhecimento teórico nelas baseado. (DAMIANI, 2012, p. 2)

A escolha pela pesquisa-intervenção assegurou-nos a possibilidade de produzir conhecimentos, a partir das experiências adquiridas no próprio fazer pedagógico. Nessa perspectiva, a teoria está a serviço da prática, podendo ser refutada ou confirmada, com base na pertinência das ações desenvolvidas no grupo estudado. Desse modo, para a área de educação, esse tipo de pesquisa traz ganhos importantes, uma vez que ela é consolidada dentro da realidade do contexto educacional.

Tripp (2005, p. 443), utilizando o termo pesquisa-ação, cuja denominação se assemelha à da pesquisa de intervenção, afirma que ela “é uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos”. É importante destacar que durante a intervenção o pesquisador planeja, implementa, descreve e avalia uma mudança, para que ocorra a melhoria de sua prática, aprendendo mais a respeito da prática e da própria investigação (TRIPP, 2005).

Na pesquisa-intervenção, é importante que o pesquisador elabore relatos tanto dos métodos utilizados durante a sua aplicação, fundamentando-os teoricamente, quanto dos métodos utilizados para avaliar os resultados, constituídos pelos instrumentos de coleta e análise dos dados (DAMIANI, 2002, p. 8). O cuidado em separar esses dois momentos em relatos faz-se salutar para o entendimento do componente investigativo e do processo que gerou o resultado da pesquisa aplicada. Agindo dessa forma, a investigação adquire maior rigor científico e reconhecimento de seu caráter interventivo-educacional.

O processo de aplicação da pesquisa obedeceu aos critérios estabelecidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), prezando pela integridade dos sujeitos envolvidos. As etapas para submissão, realizadas no site da Plataforma Brasil, seguiram as normas estabelecidas para aplicação de pesquisas com seres humanos, as quais foram consubstanciadas através dos documentos exigidos, desde os necessários para a liberação da aplicação na escola-laboratório, até os termos de assentimento e consentimento assinados pelos pais, responsáveis e alunos.

Mediante convite, os pais e/ou responsáveis, os alunos e o grupo gestor da escola foram convocados para participar da reunião de apresentação da proposta interventiva. O encontro foi realizado no *lócus* da pesquisa, após uma reunião de pais e mestres agendada pelo grupo gestor. Na ocasião, foram entregues os Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para a realização da leitura e assinatura dos que ali estavam presentes. No momento, também foram sanadas algumas dúvidas, em relação à aplicação da intervenção.

A fase posterior à apresentação do projeto destinou-se à aplicação do questionário de sondagem (ver APÊNDICE A), um dos instrumentos utilizados na pesquisa. Nele, estavam contidas perguntas sobre o perfil socioeconômico dos alunos, idade, sexo, grau de escolaridade dos pais e/ou responsáveis, hábitos de leitura e escrita dos participantes e familiares, conhecimentos a respeito do gênero textual crônica literária e algumas questões sobre a importância da disciplina Língua Portuguesa e da prática da escrita no cotidiano das pessoas.

Com as informações obtidas após a sondagem, fizemos os primeiros levantamentos de dados que traçaram o perfil da turma, contribuindo assim para a elaboração da sequência didática e do caderno de atividades utilizado durante a intervenção bimestral. Nesse ínterim, sentimos a necessidade de estabelecer um tempo entre a atividade diagnóstica e o início do projeto, para que fossem feitos os ajustes necessários ao público da pesquisa.

Além do questionário de sondagem, utilizamos o diário de bordo – tanto para a professora-pesquisadora, quanto para os sujeitos da pesquisa – como um dos instrumentos de coleta de dados. Nele, foram feitos registros das aulas desenvolvidas, seus aspectos positivos e negativos, as reações dos alunos diante das propostas, enfim, os acontecimentos relevantes que serviram como dados para a análise. Esse instrumento foi de grande valia para que as ações ocorridas *in lócus* não passassem despercebidas ou fossem esquecidas. O diário também trouxe uma contribuição positiva para a avaliação da pertinência das atividades realizadas na turma.

Durante a aplicação do projeto, também optamos pela utilização de questionários de autoavaliação, com base nas competências trabalhadas no decorrer das aulas. Assim, os alunos puderam avaliar se a aprendizagem estava sendo realmente efetivada. Além disso, esse instrumento de pesquisa, junto ao diário de bordo (dos alunos), nos possibilitou refletir acerca da adequação da metodologia pedagógica aos sujeitos da pesquisa. As autoavaliações eram postadas no blog, após a finalização de cada aula.

As ações planejadas em cada módulo da sequência didática foram organizadas em um caderno de aprendizagem (ver APÊNDICE B), cuja finalidade destinou-se ao desenvolvimento de atividades de letramento, a partir de leituras e escritas, com base no gênero textual/discursivo crônica literária. Além disso, o referido material pedagógico desempenhou a função de instrumento de coleta e de análise dos achados da pesquisa. No intuito de adequá-lo ao perfil da turma, alguns ajustes eram realizados a cada desenvolvimento dos módulos de aprendizagem.

No intento de coletar informações sobre o histórico escolar dos alunos, no ano em vigência e nos anteriores, fizemos um trabalho de pesquisa nos arquivos escolares pessoais.

Assim, através dos dados contidos nas pastas e em fichas de acompanhamento de aprendizagem, pudemos perceber o desempenho dos estudantes na disciplina Língua Portuguesa, além de informações sobre evasão e reprovação em seus percursos escolares.

2.2.2 Lócus da pesquisa

Figura 02 - Mapa de localização de Santaluz-Ba



Fonte: Google Maps

Conforme explicitado anteriormente, a nossa investigação se deu em uma turma do 9º ano de uma escola pertencente à rede municipal de ensino de Santaluz-Ba, cidade localizada na região sisaleira do semiárido nordestino, a 274,7 km da capital baiana. O público da escola é composto por alunos de diversos bairros da cidade e também da zona rural. É uma instituição de grande porte, bastante conhecida pela população, por acolher uma parcela considerável de estudantes do ensino fundamental II, do referido município.

A escola-laboratório possuía um total de 1.550 alunos matriculados em 2017, nos três turnos de funcionamento. O período com maior número de estudantes era o matutino, com um total de 650, a maioria proveniente dos bairros situados na sede. O público do turno vespertino era composto por 600 alunos, sendo, grande parte, moradores da zona rural. O turno noturno possuía 300 alunos, advindos da zona rural e também da sede, em sua maioria eram pais de família ou alunos que possuíam distorção série-idade. As modalidades de ensino ofertadas pela instituição são o Ensino Fundamental I e II, no diurno, e o Ensino Fundamental II e a Educação de Jovens e Adultos (EJA), no período noturno.

O *locus* da pesquisa fica localizado no centro da cidade. O seu Indicador de Nível Socioeconômico (INSE) classifica-se como médio-baixo⁸, em consonância com a condição socioeconômica da média da população. A economia da cidade gira em torno das atividades de agricultura e pecuária, como o plantio do feijão, da mandioca, o cultivo do sisal e a criação de caprinos e bovinos, que quase sempre são castigadas pelos períodos de estiagem; e pelo trabalho nas pedreiras, realizado pelos canteiros⁹, cujas condições são consideradas extenuantes e perigosas. Muitos pais de alunos e/ou responsáveis trabalham nessas ocupações.

O corpo docente da escola é constituído por 61 professores, com formação acadêmica nas diversas áreas de ensino. Há quase uma década, após o desenvolvimento de ações do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) no município, muitos desses profissionais, que ainda não eram graduados, conseguiram ingressar no primeiro curso de licenciatura. Os docentes que lecionam a disciplina Língua Portuguesa possuem formação plena em Letras, muitos deles com especialização *latu sensu* na área.

Em consonância com a política nacional de inclusão de alunos portadores de necessidades especiais, a escola possui uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), em funcionamento nos turnos diurnos. Assim, os alunos matriculados na instituição, enquadrados em algum tipo de deficiência (física, intelectual ou sensorial), recebem o acompanhamento de docentes com formação continuada em Educação Especial, em horário oposto à aula normal.

Além das disciplinas comuns que compõem a grade curricular, a escola desenvolve um projeto de música, com a intenção de incluir linguagens artísticas no ambiente escolar e desenvolver talentos. No entanto, essas aulas não estão abertas para todos os estudantes, devido à ausência de espaço adequado e à quantidade insuficiente de instrumentos musicais, ficando a cargo do professor, disponibilizado pela Secretaria de Educação, a seleção de alguns alunos para participarem das aulas.

A cada dois meses, o grupo gestor realiza reuniões de pais e mestres, com o intuito de apresentar o desempenho dos alunos nas disciplinas e fortalecer a parceria entre a família e a escola, contribuindo assim para reforçar o compromisso dos pais com a educação de seus filhos. Outra ação desenvolvida para estreitar os laços entre a família e a escola é a

⁸ Informação retirada do site do Portal do INEP. O Indicador de Nível Socioeconômico das Escolas (INSE) é uma nota técnica criada no segundo semestre de 2014, cujo objetivo é situar o conjunto dos alunos atendidos por cada escola em um estrato, definido pela posse de bens domésticos, renda e contratação de serviços pela família dos alunos e pelo nível de escolaridade de seus pais.

⁹ Profissional que trabalha no ofício ou arte de talhar blocos de rocha bruta de forma a constituir sólidos geométricos, normalmente paralelepípedos, para utilização na construção de edifícios ou de muros.

comemoração do Dia da Família, no qual os alunos apresentam, para os seus pais, produções (leituras, dramatizações, danças, dentre outras) que abordam o valor da instituição familiar.

Os eventos da escola são organizados em torno das datas comemorativas, portanto, não há um calendário específico para projetos que fomentem a arte e a ciência. Contudo, é válido ressaltar que, nessas comemorações, são promovidas diversas atividades artísticas, como a dança, a música e o teatro. Dentre os eventos realizados pela escola, destacam-se os festejos juninos, a semana de emancipação política do município e a celebração da independência do país.

O colégio, alvo do estudo, possui uma sala de informática que se encontra desativada, devido à falta de manutenção nos computadores e à ausência de um profissional capacitado para ministrar as aulas específicas. Além desse espaço, há outros que necessitam adequações para serem frequentados pelos alunos, como é o caso da sala de leitura, cujas condições estruturais não são atrativas, pois não há mesas e carteiras suficientes para a realização de leituras, tampouco estantes em boas condições de uso, para organização dos livros por gêneros, temáticas ou autores. Além disso, o seu acervo, constituído por obras oriundas do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), é considerado insuficiente para os discentes.

Apesar disso, quinzenalmente, durante o intervalo escolar, a equipe de coordenação pedagógica promove a Biblioteca Itinerante, uma ação que objetiva aproximar os livros dos alunos, no momento em que eles estão mais descontraídos. Para a organização dessa atividade e do ambiente da sala de leitura, a instituição disponibiliza uma funcionária nos três turnos em que a escola funciona.

A estrutura física da escola está dividida em seis pavilhões, com um total de vinte e quatro salas. Nos turnos matutino e vespertino, todas as salas estão em funcionamento por conta da quantidade maior de alunos, porém, à noite, horário em que ocorre o maior índice de evasão e repetência, há apenas nove salas em atividade. Além das salas de aula, da sala de leitura e de informática, já citadas anteriormente, há uma sala de vídeo, para utilização de recursos audiovisuais pelos professores, uma cantina, um pátio coberto, quatro banheiros, uma sala de professores, uma diretoria, uma secretaria e uma sala de coordenação.

Para mais das condições estruturais citadas acima, a escola necessita de novas carteiras e mesas para os alunos e uma reforma para permuta de portas, ventiladores e janelas, uma vez que estes se encontram danificados. No âmbito da escola, ocorre com frequência situações de agressão verbal e física entre os estudantes, bem como momentos de muita indisciplina em sala de aula. O grupo gestor tem mostrado empenho em acolher a família e tentar dirimir os

conflitos existentes na escola, porém são necessárias mais políticas afirmativas, dentro e fora do ambiente escolar, capazes de amenizar a incidência desses fatos.

2.2.3 Os sujeitos da pesquisa

A turma escolhida para a aplicação da intervenção era composta por 31 alunos (28 frequentes e três considerados desistentes, devido à quantidade de faltas), matriculados no 9º ano F3 do ensino fundamental II, no turno matutino. Dentre os alunos frequentes, dezoito eram do sexo feminino, enquanto os do sexo masculino somavam um total de dez. Mais de 64% da turma estavam na faixa etária de quatorze anos e aproximadamente 20% estavam entre os treze e os quinze anos de idade. Na classe, ainda havia a presença de alunos com distorção série/idade, três deles com dezesseis e um com dezenove anos.

A participação dos estudantes da turma foi consentida pelos pais e/ou responsáveis e assentida por eles mesmos, mediante assinatura do TALE e TCLE. Dentre os participantes, dois declararam estar repetindo o nono ano, enquanto três afirmaram ter repetido outra série do ensino fundamental II, não havia casos de desistência. Em relação ao desenvolvimento de algum trabalho ou serviço, dois alunos afirmaram ter exercido alguma função para auxiliar no sustento da família.

Oitenta por cento dos alunos eram de famílias cuja renda mensal era inferior ou igual a um salário mínimo. Desses, apenas vinte por cento declararam uma renda familiar entre dois ou três salários. A maioria dos envolvidos na pesquisa morava com o pai e a mãe, porém oito deles afirmaram morar com a mãe, a avó ou outros (não especificaram). Na atividade de sondagem, quando perguntados sobre a ocupação desempenhada pelos seus pais e/ou responsáveis, mais de oitenta por cento declararam que seus familiares exerciam alguma função, enquanto aproximadamente quatorze por cento afirmaram a ocorrência do desemprego na família.

Dentre as funções desempenhadas pelos pais e/ou responsáveis, estavam as profissões de pedreiro, empregada doméstica, caminhoneiro, mecânico, vaqueiro, manicure, canteiro, professor, trabalhador autônomo e funcionária de estabelecimento comercial. Um dado curioso diz respeito ao não conhecimento dos alunos sobre o nível de instrução de seus pais. Assim, sessenta por cento declararam não ter ciência dessa informação em relação ao pai, enquanto aproximadamente 33% afirmaram não saber informar a formação da mãe.

Os dados obtidos a partir da atividade diagnóstica apontam que grande parte dos pais e mães possui o ensino médio completo, havendo também duas ocorrências de formação em

nível superior e três casos de ausência de escolarização – este último dado apresenta uma situação que compromete o desempenho dos alunos em sua trajetória escolar. As práticas de leituras desenvolvidas pelos pais ou responsáveis, apontadas pelos alunos, quando estes possuíam escolarização, eram feitas a partir de jornais, revistas, livros literários e textos de internet.

Apesar de estarmos na era da tecnologia, nem todas as pessoas têm acesso aos aparelhos tecnológicos disponíveis no mercado. Essa constatação faz-se presente na realidade dos alunos envolvidos na pesquisa, uma vez que apenas 64% possuem computador com acesso à internet em casa e mais de 10% não tem acesso às tecnologias digitais móveis, nem mesmo os celulares que são tão comuns nos dias atuais.

Em se tratando das práticas de leitura realizadas, mais de 69% dos alunos demonstraram preferência pelos textos que circulam na internet ou redes sociais, enquanto aproximadamente quinze por cento apresentaram preferência por livros. Os motivos que incitam os participantes da pesquisa a realizarem leituras, apontados na atividade diagnóstica, foram variados, destacando-se a aquisição de informações, curiosidade, conhecimento, diversão, interesse, prazer, entre outros.

Mesmo sendo um gênero textual de grande circulação na escola, os alunos demonstraram não ter conhecimento sobre a crônica literária e seus autores no Brasil. Tratando-se da escrita de textos, os participantes afirmaram que costumam escrever para amigos nas redes sociais, em comemorações de aniversário. Eles também atribuíram a escrita de textos a momentos de inspiração, pois alegaram escrever ao estarem motivados, em situações que precisam externar sentimentos.

Todas essas informações foram de suma importância para o delineamento do nosso projeto de pesquisa. Dessa forma, tendo em mãos esses dados, planejamos a nossa intervenção a partir da sequência didática que será descrita mais a frente.

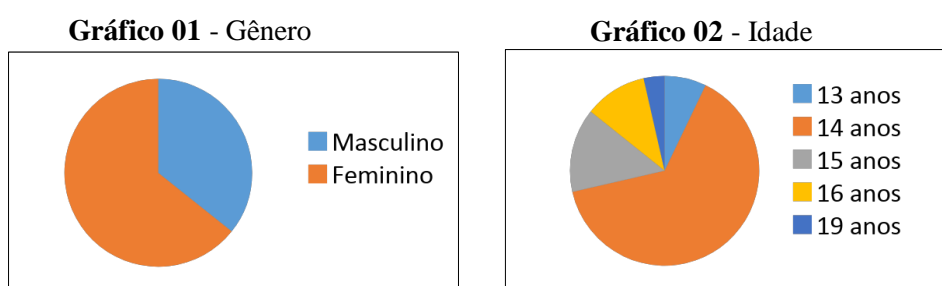
2.2.4 Limites da pesquisa

A turma escolhida para a aplicação da intervenção não estava sob a minha regência, por esse motivo, em comum acordo com o grupo gestor, coordenação da escola e a professora regente, ficou concordado que as aulas ocorreriam durante 3h/a semanais (duas aulas geminadas e uma isolada). Os encontros sempre aconteciam após o intervalo, período em que os alunos demonstravam morosidade para se concentrar nas atividades propostas em sala de aula. Assim, conseguir aliar o tempo disponível ao ritmo de aprendizagem da turma tornou-se

um dos grandes desafios no decorrer da intervenção. Apesar disso, após algumas adaptações, as ações planejadas excederam pouco mais que um bimestre (o tempo estimado para toda a aplicação).

O primeiro contato com os alunos em sala de aula se deu durante a aplicação do questionário de sondagem. Conforme relatado, a turma não estava sob a minha regência, por esse motivo, era perceptível o clima de ansiedade e de curiosidade diante da proposta de intervenção. A aplicação ocorreu durante uma aula cedida por uma professora da turma e durou o equivalente a duas horas/aulas. Antes de entregar a atividade diagnóstica, foram feitos alguns esclarecimentos, sobre a importância da veracidade das informações, para um resultado preciso da pesquisa. Mesmo assim, os alunos demonstraram inquietação e desconfiança diante de algumas questões. Alguns alegaram não saber as informações solicitadas, mas a maioria conseguiu responder a atividade diagnóstica completa.

Em sua maioria, a turma era composta por adolescentes, com a prevalência do sexo feminino, na faixa etária entre treze e quatorze anos, além de alguns com distorção série/idade. Dentre estes, havia um que fazia acompanhamento psicológico, mas, até a finalização da intervenção na escola, não existia o relatório do profissional que o acompanhava, somente atestados de comparecimento em consultas. Esse aluno, em especial, possuía dificuldades para acompanhar as atividades e para participar das propostas de socialização, mas, em níveis distintos, essa realidade pertencia a uma grande parte da classe.



Fonte: Questionário de sondagem

A partir do primeiro contato com a turma, foi possível constatar algumas características como indisciplina, falta de concentração e resistência diante da leitura e da escrita. Por se tratar de um público formado, sobretudo, por adolescentes, o comportamento agitado da turma pode ser considerado comum. No entanto, durante a aplicação do diagnóstico, ao responderem às questões sobre leitura e escrita, foi possível observar o descontentamento dos alunos, por meio das palavras e gestos esboçados, diante dessas práticas realizadas na escola.

A reação negativa e quase automática expressa pelos alunos, diante da temática da leitura e da escrita, reflete o quanto essas atividades têm sido pouco atrativas, ao longo dos anos, na escola. Ao analisarmos essas práticas no âmbito escolar, podemos concluir que elas, quase sempre, estão distanciadas de situações prazerosas. Por vezes, o ato de ler em sala de aula, – até mesmo pela natureza institucional escolar, na qual as atividades de linguagem são criadas para atender uma função específica –, torna-se desconexo da realidade, correndo o risco de ficar restrito a atos de decodificação da língua pelos alunos. Diante disso, a fim de apresentar aos alunos usos reais dos gêneros textuais, é importante insistir na realização de ações que partam de contextos “legítimos” de interação comunicativa, mesmo que elas sejam instituídas para aquele momento.

Assim, intentaremos contribuir para a formação de uma visão profícua do aluno em relação à leitura e à escrita, partindo de situações que evidenciem a riqueza atrelada aos seus hábitos constantes. Para constituir a amostragem desta pesquisa, foram escolhidas produções textuais realizadas por cinco alunos, dois do sexo masculino e três do sexo feminino, a partir do critério de assiduidade nas aulas desenvolvidas durante a pesquisa. É importante frisar que nessa turma o número de alunas era maior que o de alunos, além disso, os mais faltosos eram sempre os do sexo masculino.

2.3 O PROJETO DE INTERVENÇÃO

A maneira como o professor de Língua Portuguesa conduz a sua aula reflete a concepção de língua constituída em sua trajetória profissional. Por esse motivo, é importante que tenhamos o conhecimento das diferentes teorias que giram em torno da linguagem e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem, a fim de que as práticas pedagógicas aplicadas em sala de aula não sejam realizadas de maneira intuitiva e inconsistente. De acordo com Antunes (2003),

Nada do que se realiza na sala de aula deixa de estar dependente de um conjunto de princípios teóricos, a partir dos quais os fenômenos linguísticos são percebidos e tudo, conseqüentemente se decide. Desde a definição de objetivos, passando pela seleção dos objetos de estudo, até a escolha dos procedimentos mais corriqueiros e específicos; em tudo está presente uma determinada concepção de língua, de suas funções, de seus processos de aquisição, de uso e de aprendizagem. (ANTUNES, 2003, p. 39).

Assim, cômicos dessa necessidade, optamos por alicerçar o nosso trabalho na visão interacionista, uma vez que concebemos a linguagem como um lugar de interação entre os

membros que compõem a sociedade, ou seja, acreditamos que é nela, e através dela, que interagimos no meio social. Desse modo, não compreendemos o texto como algo pronto e acabado, mas sim como uma via de mão dupla, onde autor e leitor constroem significados, à medida que inserem, nas leituras e produções escritas, suas experiências construídas sócio-historicamente.

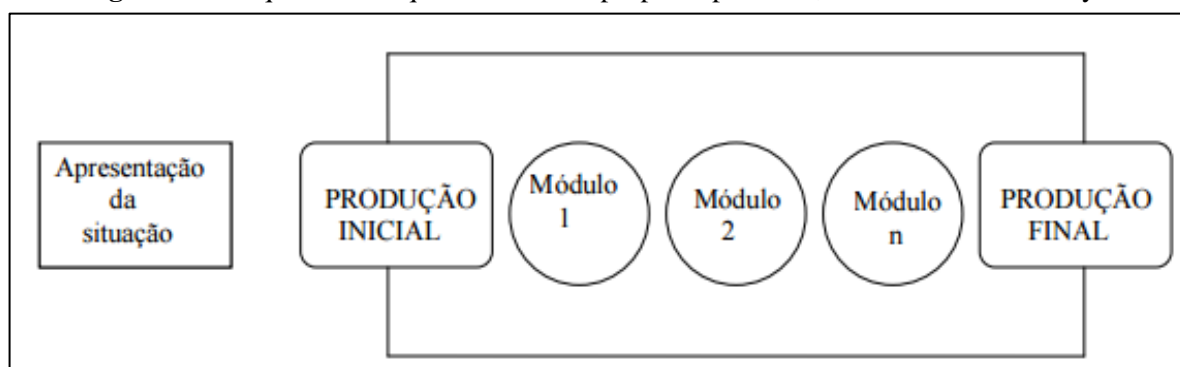
Pautados nessa concepção, entendemos que o ensino de Língua Portuguesa requer o uso da língua em situações reais de comunicação, de maneira que fique evidente a função assumida pela linguagem, nas diferentes manifestações ocorridas no meio social. Nessa perspectiva, o trabalho desenvolvido em sala de aula deve priorizar o texto como objeto de estudo, utilizando-o como ponto de partida e de chegada, nas ações desenvolvidas.

Embasados teoricamente, planejamos o nosso projeto de intervenção com base no modelo de sequência didática defendido por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e Costa-Hübes (2009), com algumas adaptações realizadas para a finalidade da pesquisa.

A Sequência Didática (SD) é um conjunto de ações desenvolvidas em torno de um gênero textual, com vistas ao desenvolvimento da competência comunicativa do aluno. Assim, “uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um texto, permitindo-lhe assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 97).

Muito tem se discutido sobre a eficácia do ensino com base no modelo de sequência didática. Um dos argumentos utilizados para contestá-lo alega o engessamento das práticas realizadas a partir desses moldes. No entanto, é importante ressaltar a contribuição dada por esses estudiosos ao ensino de línguas, ao elaborar uma metodologia com base na didatização dos gêneros textuais. De acordo com esses pesquisadores da escola de Genebra, a sequência didática é dividida pelas seguintes etapas: *apresentação da situação, produção inicial, módulos de intervenção e produção final*, o que se confirma na figura abaixo:

Figura 03 - Esquema de sequência didática proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly.

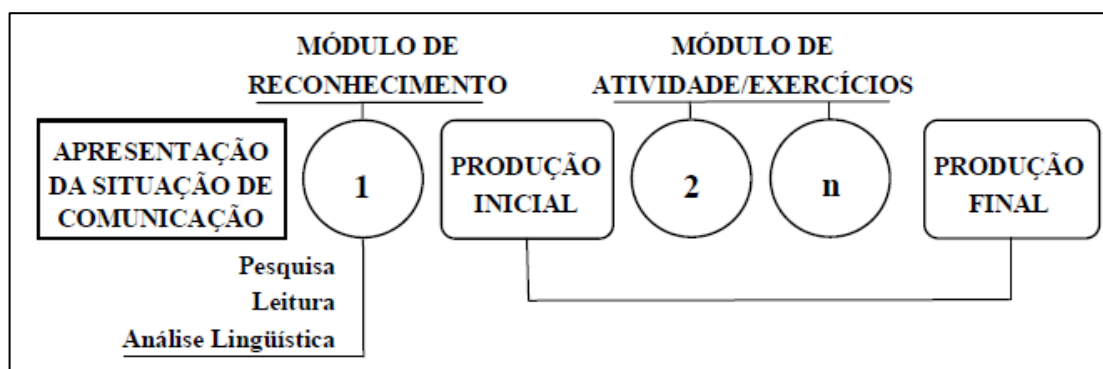


Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004, p. 98.

Conforme a proposição dos autores citados, cada etapa de desenvolvimento da sequência didática é responsável por ações que culminarão na produção do gênero textual. Assim, na *apresentação da situação*, os alunos conhecerão a situação comunicativa a que serão expostos; na *produção inicial*, serão elaborados os primeiros textos, a partir de conhecimentos prévios; nos *módulos de intervenção*, os professores irão intervir nas dificuldades dos alunos, a partir do que foi diagnosticado na primeira produção; e na *produção final*, os alunos colocarão em prática os conhecimentos adquiridos na aplicação da proposta. Espera-se que, ao final da sequência didática, eles tenham o domínio do gênero estudado.

Costa-Hübes (2009) faz uma adaptação do modelo apresentado pelos pesquisadores da escola de Genebra, alegando a necessidade de o aluno entrar em contato com o gênero textual proposto, com vistas ao conhecimento de características inerentes ao texto, antes da realização da produção inicial. Assim, a referida autora propõe a inserção do *Módulo de Reconhecimento do Gênero*, para que sejam realizadas leituras, pesquisas e análises linguísticas de textos que já foram publicados. Vejamos o modelo adaptado por Costa-Hübes (2009):

Figura 04 - Esquema de Sequência Didática adaptada por Costa-Hübes (2009)



Fonte: Costa-Hübes, 2009

Tomando como modelo as propostas dos autores apresentados acima, elaboramos uma sequência didática, com adaptações para atender o propósito da pesquisa. Por se tratar de um trabalho com foco não apenas na escrita, mas também no desenvolvimento de habilidades leitoras a partir do gênero crônica literária, inserimos alguns módulos e atividades, com vistas ao desenvolvimento do letramento literário, além do letramento a partir do texto imagético.

Assim, nossa sequência didática foi organizada da seguinte forma: *aplicação da sondagem, módulo de sensibilização, módulo de apresentação do gênero textual crônica literária, apresentação da situação e módulo de reconhecimento do gênero, oficina de fotografia e atividade de campo, produção inicial, módulo de intervenção, produção final e*

culminância do projeto. Vejamos o esquema da sequência didática elaborada para o desenvolvimento de nossa pesquisa:

Figura 05 - Esquema da sequência didática adaptada para esta pesquisa



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Conforme observado na figura acima, acrescentamos alguns módulos para adequar a SD à pesquisa. Na etapa dois, inserimos a *atividade de sondagem*, o *módulo de sensibilização*, a fim de despertar nos alunos a valoração pelo hábito da leitura e da escrita, e o *módulo de apresentação do gênero*, cujo foco centrou-se na leitura do gênero crônica literária. Na etapa três, além do *módulo de reconhecimento do gênero* proposto por Costa-Hübes (2009), inserimos a *oficina de fotografia e atividade de campo*, com intuito de que os alunos pudessem desenvolver práticas letramento, a partir da leitura de imagens, além da utilização de tecnologias móveis. Assim, a nossa intervenção dividiu-se em nove etapas, as quais serão explicitadas abaixo:

1. *Sondagem*: objetivou o levantamento do diagnóstico das condições socioeconômicas dos alunos, dos seus hábitos de leitura e de escrita e de seus familiares, dos conhecimentos a respeito do gênero textual crônica literária, de algumas questões sobre a importância da disciplina Língua Portuguesa e da prática da escrita no cotidiano das pessoas;
2. *Módulo de sensibilização*: teve como objetivo conduzir o aluno a compreender a importância do hábito da leitura e da escrita na formação cidadã;
3. *Módulo de apresentação do gênero e da situação comunicativa*: teve como finalidade proporcionar o contato dos alunos com o gênero crônica literária, através da leitura e

da proximidade com suportes originais (livros de crônicas), bem como a apresentação da situação comunicativa a que os alunos estavam sendo submetidos;

4. *Módulo de reconhecimento do gênero*: destinado ao estudo das características do gênero textual, desde a sua função social, até a sua composição estrutural e marcas linguísticas. Essa etapa objetivou dar condições para que os alunos produzissem a primeira escrita;
5. *Oficina de fotografia e atividade de campo*: o objetivo dessa etapa foi proporcionar aos alunos o contato com a linguagem fotográfica e seus significados. A atividade de campo propôs que os alunos colocassem em prática os conhecimentos adquiridos na oficina;
6. *Primeira produção*: destinou-se à produção da primeira versão escrita da crônica literária pelos alunos;
7. *Módulo de intervenção*: teve como objetivo intervir nas dificuldades de escrita apresentadas pelos alunos, na primeira produção da crônica literária;
8. *Produção final*: objetivou a escrita da última versão da crônica literária, através de um processo de escrita e reescrita, com intenção de preparar o texto para o público-alvo;
9. *Culminância*: etapa em que os alunos apresentaram suas produções à comunidade escolar. O objetivo desse momento foi a concretização da situação comunicativa, realizada a partir do contato entre o autor, o texto e o leitor.

A seguir, apresentaremos a descrição das ações da sequência didática, desenvolvidas durante a aplicação da intervenção.

I. MÓDULO DE SENSIBILIZAÇÃO

Carga/horária: 3h/a

O módulo de sensibilização teve como objetivo despertar, no aluno, a percepção sobre a importância da leitura e da escrita na formação cidadã e promover a integração entre os envolvidos na pesquisa. Além disso, intentamos desconstruir estereótipos que dificultam o ato de ler e escrever em sala de aula.

Competências e habilidades trabalhadas:

- Respeitar o outro e perceber-se integrante de um grupo;
- Reconhecer a importância da leitura e da escrita para a formação cidadã.

Ações/atividades:

- Acolhida dos alunos com a entrega de marcadores de páginas, contendo frases sobre a importância da leitura e da escrita;
- Mostra do curta-metragem *Os fantásticos livros voadores do Sr. Morris Lessmore* (*The fantastic flying books of Mr. Morris Lessmore*), vencedor do Oscar de melhor animação no ano de 2012;
- Leitura dos textos “Ler é muito mais que um prazer”, disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br>, e “A descoberta” de Luís Fernando Veríssimo;
- Discussão sobre a importância da leitura na vida das pessoas, com base nos dois textos lidos e no curta-metragem;
- Elaboração de lista de livros lidos pelos alunos até o momento;
- Leitura de depoimentos de escritores consagrados na literatura nacional, bem como de escritores da própria comunidade, sobre o processo de criação textual;
- Discussão sobre o papel da escrita no cotidiano das pessoas e sobre estereótipos construídos em torno da criação textual;
- Aplicação de ficha de autoavaliação, com foco na aprendizagem dos alunos e nas estratégias de aprendizagem.

II. MÓDULO DE APRESENTAÇÃO DO GÊNERO**Carga horária: 3 h/a**

O módulo de apresentação do gênero teve a finalidade de proporcionar o contato do aluno com o gênero estudado, através de atividades de leitura. Por se tratar de um gênero pertencente à esfera literária, nesse módulo priorizamos a realização de leituras, com o intuito de desenvolver o letramento literário. A partir deste, intentamos contribuir para o desenvolvimento da sensibilidade estética, da imaginação, da criatividade e do senso crítico dos alunos, além de possibilitar que eles conseguissem estabelecer relações entre o lido, o vivido e o conhecido (conhecimento de mundo).

Competência e habilidade trabalhadas:

- Reconhecer, no texto literário, a oportunidade de nos levar a refletir sobre nós mesmos e sobre o mundo.

Ações/atividades:

- Leitura da letra da canção “Paisagem da janela” de Lô Borges e Fernando Brant, acompanhada do vídeo da música disponível em: <https://goo.gl/kN5m6i>;
- Tempestade de ideias (*brainstorm*) na lousa, para registro de palavras que representassem a mensagem central da canção;
- Discussão a respeito do tema da canção, relacionando-o com o olhar sobre o cotidiano;
- Registro sobre as percepções cotidianas, a partir do seguinte questionamento: *o que eu vejo da minha janela?*;
- Leitura da biografia de Cecília Meireles;
- Apresentação do livro *Escolha seu sonho* de Cecília Meireles, a partir da leitura da capa, seus elementos verbais e não verbais, e da sinopse do livro;
- Leitura da crônica *A arte de ser feliz* da mesma autora;
- Discussão acerca do tema abordado na crônica de Cecília Meireles e sua relação com o cotidiano das pessoas;
- Produção de paráfrase da crônica em grupo;
- Apresentação das paráfrases em forma de dramatização;
- Orientação para preenchimento da ficha de autoavaliação, pelos alunos, no blog *O cotidiano em palavras*, em momento posterior.

III. APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO**Carga horária: 1 h/a**

A apresentação da situação teve a finalidade de apresentar para os alunos a situação comunicativa à qual ele estava sendo submetido. Nessa etapa, deixamos evidente, para os alunos, o gênero escolhido para o desenvolvimento do trabalho, o público a que se destinava a produção e a forma que ela assumiria. Ainda nesse estágio, foram diagnosticados alguns conhecimentos dos sujeitos da pesquisa sobre a crônica literária, a fim de estabelecer uma comparação com os saberes adquiridos posteriormente.

Ações/atividades:

- Levantamento do conhecimento prévio dos alunos a respeito do gênero textual crônica literária;

- Realização do *Jogo da verdade*: atividade lúdica na qual os alunos julgavam se informações escritas em tarjetas, sobre o gênero textual crônica, eram verdadeiras ou falsas;
- Discussão sobre as informações adquiridas, a partir do levantamento de algumas características do gênero, nas crônicas lidas até essa etapa;
- Apresentação da situação comunicativa proposta pelo projeto de intervenção;
- Momento dedicado a considerações a respeito da atividade proposta.

IV. MÓDULO DE RECONHECIMENTO DO GÊNERO

Carga horária: 6 h/a, dividida em três encontros de duas aulas.

O módulo de reconhecimento do gênero textual consistiu na apresentação das características da crônica literária: função social, estrutura composicional e marcas linguísticas. Nessa intervenção, escolhemos explorar o máximo dessas características, por esse motivo essa etapa tornou-se extensa. Além disso, realizamos uma roda de conversa com um escritor munícipe de crônicas, a fim de proporcionar um momento de interação entre o autor e os leitores.

Competências e habilidades trabalhadas:

- Conhecer características próprias do gênero textual;
- Conhecer a linguagem que caracteriza o texto literário (recursos de estilo);
- Distinguir um gênero textual do outro;
- Identificar os elementos inerentes ao tipo de texto;
- Adequar-se a situações sociointerativas, formais e informais, de uso da fala.

Ações/atividades:

1º Momento

- Leitura em voz alta (pela professora-pesquisadora) da crônica *Na escuridão miserável* de Fernando Sabino;
- Discussão a respeito da crônica lida;
- Leitura de verbete do *Dicionário de gêneros textuais*, de Sérgio Roberto Costa, sobre a história da crônica e sua evolução ao longo dos anos;

- Leitura, em grupo, de uma notícia retirada de um *site* e da crônica *Pneu furado* de Luís Fernando Veríssimo;
- Levantamento das características dos dois textos e identificação da crônica;
- Aula expositiva sobre os elementos que compõem a narrativa;
- Leitura da crônica *Escultura em gesso*, do escritor local Epitácio Carvalho;
- Identificação dos elementos narrativos que compõem a crônica lida.
- Orientação para o preenchimento da ficha de autoavaliação, pelos alunos, no blog *O cotidiano em palavras*, em momento posterior.

2º Momento: Visita à Biblioteca Municipal Guido Guerra, apresentação do acervo pelo bibliotecário e realização da roda de conversa intitulada *Com a palavra, o cronista!*, com a participação do escritor de crônicas literárias luzense, Epitácio Carvalho.

3º Momento

- Realização de dinâmica em grupo: entrega de texto seccionado (crônica *Caso de Canário* de Carlos Drummond de Andrade), sem o desfecho, para que os alunos organizassem e produzissem o final da narrativa;
- Leitura da produção realizada pelos alunos;
- Apresentação do livro *Elenco de cronistas modernos*, uma coletânea de crônicas publicada pela editora José Olympio, a partir da leitura da sinopse e de comentários a respeito dos autores das crônicas que compõem o livro;
- Realização da leitura da crônica *Caso de canário* de Carlos Drummond de Andrade, em voz alta, através de slides, pela professora-pesquisadora, com acompanhamento, pelos alunos;
- Revisão de alguns conceitos e características do gênero crônica pelos alunos;
- Identificação dos elementos que compõem o enredo da narrativa e de características da linguagem literária presente na crônica lida;
- Leitura de textos informativos sobre as características da crônica literária;
- Retomada da situação comunicativa proposta pelo projeto de intervenção.

V. OFICINA DE FOTOGRAFIA E ATIVIDADE DE CAMPO

Carga horária: 3h/a e atividade extraclasse

A oficina de fotografia e a atividade de campo foram etapas criadas para que os alunos conhecessem a linguagem fotográfica e seus significados, oportunizando-lhes a utilização desse conhecimento ao fotografar o cotidiano das pessoas da cidade, com o uso do aparelho celular. A oficina foi ministrada por uma profissional especializada na área. Esse momento antecedeu a produção inicial, já que as imagens capturadas pelos alunos serviram de mote para a produção da crônica literária.

Competências e habilidades trabalhadas:

- Utilizar-se de linguagens múltiplas e de seus significados;
- Praticar situações comunicativas permitidas pelas tecnologias;
- Operar com as ferramentas tecnológicas contemporâneas.

Ações/atividades:

- Aplicação de oficina de fotografia, por uma fotógrafa profissional, abordando a origem e significados da linguagem fotográfica;
- Realização de atividade de campo, para capturar imagens fotográficas que representam o cotidiano dos moradores da cidade.
- Orientações para o preenchimento da ficha de autoavaliação, pelos alunos, no blog *O cotidiano em palavras*, em momento posterior.

VI. PRODUÇÃO INICIAL

Carga horária: 4h/a

A etapa da produção inicial consistiu na escrita da primeira versão do gênero textual crônica literária pelos alunos. Com base nas informações adquiridas no módulo de reconhecimento do gênero, os alunos iniciaram o processo da escrita, seguindo as etapas do planejamento, produção textual, revisão e reescrita. É válido ressaltar que essa atividade foi mediada pela professora-pesquisadora, mas sem interferência no processo criativo dos alunos.

Competências e habilidades trabalhadas:

- Planejar o texto considerando os recursos linguísticos, extralinguísticos, textuais e intertextuais;
- Utilizar, adequadamente, as marcas do gênero e do tipo textuais, considerando a situação de produção escrita, o suporte, os interlocutores e os objetivos do texto;
- Expressar-se de forma autônoma e autoral.

Ações/atividades:

- Apresentação do livro *Pequenas felicidades*, uma coletânea de crônicas organizada pelos autores Carmem Lúcia Campos e Nilson Joaquim da Silva, a partir da leitura da capa, de seus elementos verbais e não verbais, e da sinopse do livro;
- Leitura em voz alta, pela professora-pesquisadora, da crônica *Negócio de menino com menina* de Ivan Ângelo, acompanhada pelos alunos, através da apresentação em slides;
- Divisão da classe em grupo para a escolha da imagem fotográfica, que servira de mote para a produção da crônica;
- Leitura da imagem fotográfica, a partir de questionamentos da professora-pesquisadora, sobre elementos que compõem o texto imagético, e também com o auxílio de questões presentes no material didático;
- Planejamento da crônica em grupo, a partir do preenchimento de um quadro com informações sobre os elementos que compuseram a narrativa;
- Produção da crônica narrativa em grupo;
- Realização da revisão do texto, acompanhada de ficha de análise, a partir da troca das produções entre os grupos;
- Reescrita da crônica literária, após a avaliação do grupo sobre a revisão do texto;
- Aplicação da ficha de autoavaliação (no material didático).

VII. MÓDULO DE INTERVENÇÃO**Carga horária: 3 h/a**

O módulo de intervenção teve a finalidade de intervir nas dificuldades de escrita, diagnosticadas na primeira versão produzida pelos alunos. Como já havíamos explorado bastante as características do gênero textual crônica literária na etapa de reconhecimento do gênero, sentimos a necessidade de aplicar somente um módulo, com vistas à revisão de conceitos e análise de recursos estilísticos utilizados por alguns cronistas.

Competências e habilidades trabalhadas:

- Reconhecer os elementos que compõem a narrativa;
- Reconhecer os recursos estilísticos presentes na crônica literária;
- Utilizar-se de recursos estilísticos em produções escritas.

Ações/atividades:

- Apresentação do livro *As cem melhores crônicas*, uma coletânea de Joaquim Ferreira dos Santos publicada pela editora Objetiva, a partir da leitura da sinopse e de comentário a respeito da organização das crônicas por épocas, representando os costumes de cada tempo;
- Apresentação do título da crônica de Fernando Sabino *A última crônica*, para que os alunos fizessem inferências a respeito do seu conteúdo;
- Leitura de trecho de texto biográfico sobre Fernando Sabino;
- Audição de *A última crônica*, acompanhada pelo texto impresso no material didático;
- Identificação dos elementos da narrativa, presentes na crônica;
- Apresentação de conceito sobre recursos estilísticos e estilo individual do autor;
- Identificação de recursos estilísticos em *A última crônica* de Fernando Sabino;
- Aula expositiva sobre alguns recursos estilísticos, a saber: figuras de linguagem (algumas), metalinguagem, intertextualidade, linguagem coloquial e descrição;
- Reescrita de trecho da crônica produzida em grupo, com o propósito de enriquecimento da linguagem, a partir da utilização de recursos estilísticos;
- Orientação para preenchimento de ficha de autoavaliação, no blog *O cotidiano em palavras*, em momento posterior.

VIII. PRODUÇÃO FINAL**Carga horária: 6 h/a**

A produção final destinou-se à etapa da produção da versão definitiva da crônica literária pelos alunos. Nesse estágio, o processo de ensino-aprendizagem primou pela preparação do texto, com vistas ao cumprimento da situação comunicativa proposta pela pesquisa. Seguindo o entendimento da escrita como uma atividade processual, foram realizadas atividades de planejamento, revisão e reescrita. Nessa fase, também foi possível constatar os conhecimentos adquiridos pelos alunos, acerca do gênero estudado no decorrer de toda a aplicação da intervenção.

Competências e habilidades trabalhadas:

- Planejar o texto considerando os recursos linguísticos, extralinguísticos, textuais e intertextuais;
- Utilizar adequadamente as marcas do gênero e do tipo textuais, considerando a situação de produção escrita, o suporte, os interlocutores e os objetivos do texto;
- Expressar-se de forma autônoma e autoral.

Ações/atividades:

- Conversa informal, sobre o processo de criação de textos, com uma ex-aluna da escola, mantenedora de uma página na rede social *instagram*, na qual escreve contos e crônicas literárias autorais;
- Leitura compartilhada da crônica de Rubem Alves, *Meu ideal seria escrever*;
- Discussão a respeito do tema explorado por Rubem Alves, relacionando a situações em que a leitura pode ser um refrigério para a alma;
- Preparação para o início da escrita individual do texto, a partir da contemplação e leitura da imagem fotográfica escolhida (antes de iniciar a aula, os alunos haviam feito a escolha individual da imagem fotográfica);
- Planejamento da escrita da crônica literária, a partir da criação dos elementos que fizeram parte da narrativa;
- Realização de *Dinâmica descritiva*: cada aluno descreveu um colega sem dizer o nome, para que os outros os reconhecessem pelas características. A dinâmica foi utilizada para reforçar a importância de elementos descritivos na produção da crônica;
- Produção da versão final da crônica literária pelos alunos;
- Revisão e reescrita coletiva, através da projeção em slides de trechos das crônicas escritas pelos alunos. Nessa etapa, foi enfatizada a reescrita de palavras com grafia incorreta e a ordenação das ideias;
- Revisão individual dos textos pelos alunos, após algumas sinalizações da professora-pesquisadora, com o acompanhamento de ficha de revisão;
- Reescrita da crônica literária pelos alunos;
- Orientação para o preenchimento da ficha de autoavaliação, pelos alunos, no blog *O cotidiano em palavras*, em momento posterior.

IX. CULMINÂNCIA

1º momento

Carga/horária: 2h/a

Antes da realização da culminância, houve o momento de preparação do evento, com a elaboração conjunta do folder de divulgação. Assim, o texto construído em sala de aula conteve as seguintes informações: objetivos da exposição, público-alvo, horário, local, títulos das crônicas produzidas e seus respectivos autores¹⁰. Para que ocorresse a produção do folder, foi oportunizado aos alunos o contato com gênero, a fim de que eles conhecessem a sua estrutura e finalidade.

Ações/atividades:

- Discussão sobre a importância da culminância para a concretização da situação comunicativa proposta pelo projeto;
- Leitura e apresentação do modelo de um folder;
- Apresentação das características de um folder e sua finalidade;
- Produção conjunta do folder da exposição;
- Avaliação final do projeto de intervenção.

2º Momento (extraclasse)

O projeto de intervenção culminou em uma exposição intitulada *Olhares cotidianos: entre crônicas e imagens*, cuja finalidade foi promover a interação entre autor, texto e leitor, com vistas à concretização da situação sociocomunicativa. Nessa mostra, foram expostas as crônicas produzidas pelos alunos, as imagens fotográficas capturadas na atividade de campo e painéis temáticos com textos informativos sobre crônicas literárias e autores. Além disso, houve a distribuição das crônicas trabalhadas em sala de aula, para o público presente, e a organização de um cantinho para a audição de crônicas literárias de autores renomados como Fernando Sabino (1923-2004), Moacyr Scliar (1937-2011), entre outros.

¹⁰ Embora haja uma orientação por parte do CEP que a identidade dos alunos seja preservada, consideramos que a valorização dos sujeitos escritores e a autoria de suas produções seriam uma maneira de melhorar a autoestima dos estudantes, que se empenharam em dar o melhor de si para o resultado da intervenção.

Competências e habilidades trabalhadas:

- Utilizar-se da língua, com propriedade, em situações sociocomunicativas formais;
- Reconhecer-se enquanto ser ativo, participante de um grupo;
- Reconhecer e valorizar o seu potencial criativo.

Ações/atividades:

- Acolher os visitantes com mensagem de boas vindas e breve apresentação do projeto;
- Apresentação das características do gênero textual crônica literária pelos alunos;
- Leitura das crônicas produzidas (realizada pelos alunos);
- Acolhimento dos visitantes, pelos alunos, nos expositores onde as fotografias e as crônicas estavam expostas (momento de realização de leituras e interação entre autor, texto e leitor);
- Distribuição de lanche para alunos, pais e grupo gestor da escola;
- Encerramento da exposição com agradecimentos e depoimentos dos alunos.

O capítulo seguinte tratará da coleta e da análise dos dados, além dos resultados obtidos na aplicação do projeto de intervenção, tendo como base o estabelecimento da relação entre as teorias estudadas e as práticas pedagógicas realizadas em sala de aula.

3 LETRAMENTOS NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DE CRÔNICAS LITERÁRIAS

As relações do homem com o mundo, inegavelmente, estão mediadas por sua percepção e construídas pela linguagem. É bem verdade que a natureza dessa linguagem é de caráter social, pois a condição de sua existência é a própria exigência de troca e comunicação.

(YUNES, 2002, p. 53)

Os estudos sobre o letramento, nos últimos anos, vêm passando por uma série de mudanças, no sentido de acompanhar a evolução das práticas sociais de uso da linguagem. O conceito do termo [letramento], surgido na década de 80, nasceu da necessidade de adaptação às transformações da época, logo, podemos concluir que os usos da linguagem são o reflexo das atividades sociais desenvolvidas em cada tempo. À medida que a sociedade evolui, o conhecimento se amplifica, juntamente à necessidade de utilizar-se da língua para explorar o mundo.

Como exemplo do impacto das práticas de letramento na sociedade ao longo dos anos, podemos citar Chartier (2004, p.91), ao atestar a grande influência do escrito impresso, na circulação dos modelos culturais, na França do Antigo Regime. Lá, entre os séculos XVI e XVIII, já havia uma modificação no estilo de vida das pessoas, mesmo de quem não era alfabetizado, decorrente da circulação dos livros e sua capacidade de penetrar na sociedade, ditando normas e condutas, mas também permitindo a sua utilização livre e autônoma.

Assim como na França do Antigo Regime, as inserções de novas práticas de usos da linguagem continua acarretando transformações no cotidiano das pessoas. Hoje, com o avanço das novas tecnologias também surgiram novas maneiras de se utilizar da leitura e da escrita e, por conseguinte, novas posturas dos indivíduos que compõem a sociedade. Soares (2002) afirma que, mais que práticas sociais da leitura e da escrita, o conceito de letramento perpassa pela condição ou estado de quem exerce efetivamente tais práticas na sociedade, ao manter “com os outros e com o mundo que os cerca, formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas” (SOARES, 2002, p. 145-146).

Na atualidade, devido às múltiplas manifestações da linguagem no meio social, podemos afirmar que o uso do termo letramento no singular encontra-se defasado. As práticas comunicativas contemporâneas manifestam-se de múltiplas formas, através do impresso, do visual, do audiovisual, elas encontram-se no território do hibridismo, das multimodalidades, uma vez que imagens e palavras se fazem presentes em grande parte das

produções textuais que circulam socialmente. Dessa forma, faz-se imperativo a adoção do termo *letramentos*, no plural, a fim de abarcar a multiplicidade dos usos da leitura e da escrita no novo tempo.

Street (2014, p. 18) aponta para a necessidade de utilizar o termo *letramentos* no plural em oposição “à ênfase dominante num ‘Letramento’ único e ‘neutro’, com L maiúsculo e no singular”. Essa perspectiva lança um olhar mais apurado para as práticas culturais de *letramento*, ao perceber que elas variam de um contexto para outro e que aparecem sempre envoltas em princípios ideológicos socialmente construídos.

Com efeito, a pluralização do conceito de *letramento* traz ganhos significativos para o ensino de Língua Portuguesa, uma vez que os múltiplos usos da leitura e da escrita nos contextos sociais acarretam mudanças comportamentais, cognitivas e discursivas. Côncios disso, intentamos desenvolver em nossa pesquisa, práticas de *letramentos* que abarcaram o texto literário, em especial pela escolha do gênero textual pertencente a essa esfera, no caso, a crônica, além do texto imagético.

Nas seções seguintes, apresentaremos o delineamento de nossa intervenção, a fim de responder às questões de estudo e atingir os objetivos propostos.

3.1 GERAÇÃO DE DADOS: ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

3.1.1 A sondagem

Em *A importância do ato de ler*, Paulo Freire (1989, p. 19) legitima o uso da leitura em um nível maior de criticidade, ao afirmar que o ato de ler “não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita [...]”. Para Freire, a tarefa de ler não deve se limitar à superfície textual, uma vez que é na experiência leitora que ocorre a conexão entre o lido e o vivido, a ampliação do conhecimento de mundo (sem distanciar-se do seu), em um processo de interação entre autor, leitor e texto.

Em consonância com os ideais freirianos e à luz dos pressupostos bakhtinianos sobre os gêneros discursivos, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN), lançados no final da década de 90, enfatizam um ensino de Língua Portuguesa com base nos usos sociais da leitura e da escrita. Esse documento oficial orienta os professores a abdicarem de práticas descontextualizadas e superficiais que dificultam o entendimento da língua, restringindo-a a paradigmas existentes em compêndios gramaticais. Ao invés disso, deve-se privilegiar o entendimento do aluno sobre a importância da linguagem nos processos que

compõem as atividades sociais. Assim, os PCN de Língua Portuguesa, terceiro e quarto ciclos (1998), ressaltam que é necessária a utilização tanto da linguagem escrita quanto da oral, a fim de “atender as demandas sociais, além de responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção dos discursos”. (BRASIL,1998 p.32).

Desse modo, faz-se necessário que a leitura e a escrita na escola ocorram a partir de situações diversas, em contextos reais de comunicação. Buscando perseguir essa proposição, ao iniciarmos nosso estudo, lançamos mão de um questionário diagnóstico, a fim de mensurar o conhecimento dos alunos acerca de suas relações com a leitura/escrita, bem como sobre o gênero textual/discursivo que trabalharíamos ao longo da intervenção. Dentre as questões levantadas, a resposta para a enquete, acerca do material de leitura por eles utilizados, mostra que há certa divergência entre o que eles respondem e a realidade observada ao longo da intervenção, como pode ser constatado abaixo:

Gráfico 03 - Você possui o hábito da leitura?

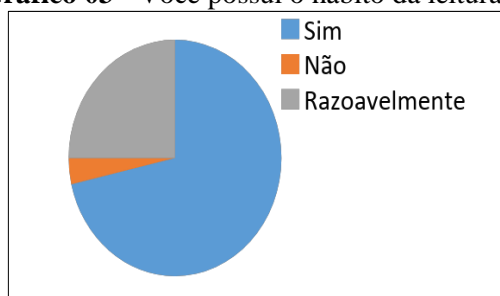
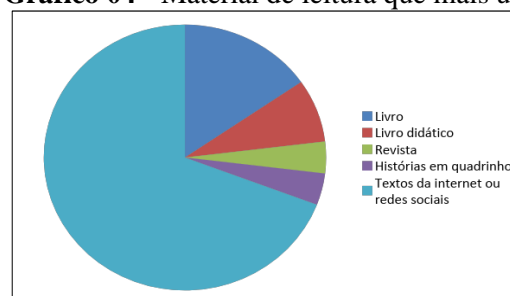


Gráfico 04 - Material de leitura que mais utiliza



Fonte: Questionário de sondagem

Assim, apresentando uma contraposição a esses dados, em alguns momentos da aplicação da proposta interventiva, tornava-se evidente a resistência dos alunos quando a leitura era solicitada. Tal situação era observada comumente durante as tentativas de leituras compartilhadas, nas quais poucos alunos, sempre os mesmos, demonstravam interesse em ler em voz alta. Dessa maneira, podemos inferir que por trás da aversão ao ato de ler, pode estar velada uma falha na maneira como foi conduzida a leitura na escola ao longo dos anos.

Os textos que circulam na internet, conforme explicitado no gráfico, são os que despertam maior interesse nos alunos, seguidos, em um número menor, pelos livros (que podem ser literários ou não) e livros didáticos. A partir destes dados, faz-se necessário refletirmos acerca do discurso enraizado ao longo dos anos por nós, professores de educação básica, ao afirmarmos que “os alunos não gostam de ler”. Quiçá, no contexto atual, essa afirmação possa ser adequadamente substituída pela pergunta “o que os alunos gostam de

ler?”. A partir da democratização de informações instituída pelo acesso à internet, a leitura não se encontra mais restrita à escola ou à biblioteca, haja vista a multiplicidade de textos disponíveis no meio virtual. Contudo, isso não significa que os alunos tornaram-se exímios leitores fora do ambiente escolar, embora seja notório que os materiais de leitura estão mais acessíveis para eles, que para gerações anteriores.

Nossos achados corroboram com a preocupação de Rojo (2009), quando ela afirma que as práticas de letramento desenvolvidas no âmbito escolar não têm conseguido um resultado satisfatório nos últimos anos, pois as ações que promovem o letramento na escola têm sido limitadas a metodologias tradicionais, o que torna o seu conceito restrito. Ampliando essa preocupação, Soares (1998, p. 20) afirma que “não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também fazer uso do ler e do escrever, saber fazer uso das exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente”.

As práticas de leitura desenvolvidas fora do ambiente escolar também são fatores decisivos na formação leitora dos alunos. Nesse processo, a família exerce grande influência na função de mediadora. No entanto, quando não há o cumprimento dessa responsabilidade, cabe à escola suprir a lacuna. Outro dado obtido através do questionário diagnóstico revela tais hábitos entre os pais e/ou responsáveis pelos sujeitos da pesquisa, vejamos a seguir:

Gráfico 05 - As pessoas responsáveis por você sabem ler e escrever?

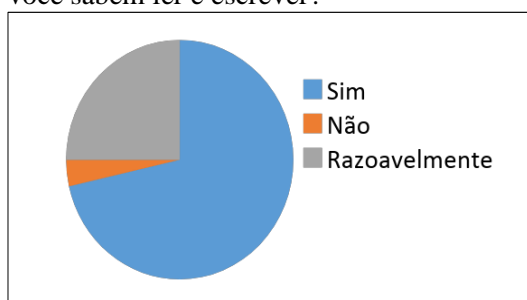
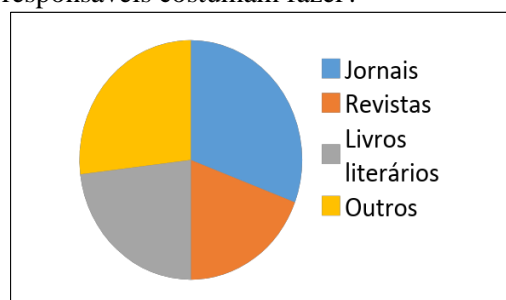


Gráfico 06 - Que tipo de leitura seus responsáveis costumam fazer?



Fonte: Questionário de sondagem

Os dados apontam um percentual considerável de pais e/ou responsáveis que detém o domínio da leitura e da escrita, porém, nesta pesquisa, não há um tratamento detalhado sobre o material lido por eles. Assim, as informações, encontradas no gráfico acima, não especificam o tipo de jornal ou revista, nem o critério de literariedade definido pelos sujeitos da pesquisa. Na informação “outros”, foram detalhados hábitos de leituras na internet e mensagens pessoais em aplicativos de redes sociais.

Em relação ao gênero crônica literária, os alunos informaram não possuir conhecimento sobre o seu conceito, nem a respeito de seus autores. Apesar desse dado,

sabemos que esse gênero textual é bastante utilizado nas escolas. Nos livros didáticos, ele possui presença marcante, por ser um gênero pouco extenso e por possuir uma linguagem acessível ao público juvenil. Mesmo assim, os usos que são feitos dele, no âmbito escolar, acabam ficando restritos a atividades extensas de interpretação de texto.

Em relação à escrita de textos, notamos que os sujeitos da pesquisa possuem uma visão equivocada do ato de escrever, a mesma perpetuada durante anos nos contextos escolares. Ao serem questionados sobre as dificuldades em relação à produção escrita, as respostas dadas por eles subentendiam a escrita como “inspiração”, domínio de regras gramaticais e expressão do pensamento.

Levando em consideração esses aspectos, pudemos delinear as ações necessárias para intervir na aprendizagem de Língua Portuguesa, com vistas à ampliação da competência comunicativa dos alunos, a partir de atividades que incitaram práticas de letramento diversas.

3.1.2 O módulo de sensibilização

Ao propor um trabalho com a leitura e a escrita na escola, um tema demasiadamente explorado e propagado pelo corpo docente, é necessária preparação e cautela, para que os sujeitos da pesquisa não o julguem como apenas mais uma proposta, em meio a tantas desenvolvidas no espaço escolar. No entanto, frente a essa possibilidade, é importante estar ciente de que esse rótulo pode ser atribuído pelos alunos, caso eles não se identifiquem com a proposta de intervenção. Esse é um dos primeiros conflitos enfrentados por pesquisadores que propõem intervir no ensino de Língua Portuguesa.

Pensando nisso, desenvolvemos o *módulo de sensibilização*, intitulado *As palavras e o mundo, as palavras são um mundo*, o qual consistiu em preparar os sujeitos da pesquisa para a proposta do projeto, mostrando-lhes a importância do hábito da leitura e da escrita para a formação crítica e a transformação social. Por ter sido a primeira oficina, o momento também objetivou a interação dos participantes. A ação desenvolvida, nessa fase, justifica-se por considerarmos o primeiro momento em sala de aula essencial para alicerçar a proposta pedagógica submetida aos alunos.

No intuito de fomentar a leitura, organizamos um *cantinho literário* (ver imagem em ANEXO A) e afixamos nas paredes cartazes e *banners*, com informações a respeito do gênero crônica literária e de cronistas brasileiros. A criação de um espaço de leitura em sala de aula possibilitou o contato dos alunos com livros literários de diversos gêneros e a ampliação do repertório leitor através do empréstimo de exemplares. Lajolo (2008, p. 7) afirma que “quanto

mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela”.

Baseados nessa e em outras propostas já tratadas aqui, a perspectiva de leitura adotada em nossa pesquisa, assume o caráter interacional da língua. Nesse sentido, corroboramos também com as palavras de Soares (1999, p. 18) ao afirmar que a leitura é uma interação verbal entre indivíduos socialmente determinados, uma relação dialógica entre o autor e seu universo e o leitor e suas vivências. Com isso, a referida autora descreve a experiência leitora como um movimento circular, sem arestas. Nessa perspectiva não há um posto hierárquico, mas sim a prevalência do respeito à formação social, histórica e cultural dos envolvidos no processo, pois como afirma Yunes (2002, p. 20) metaforicamente “cada um recebe a água vertida no receptáculo de que dispõe...”.

Retomando nossa experiência ao longo da intervenção, no primeiro encontro, os alunos receberam o material pedagógico produzido para atender aos desígnios da pesquisa e dar suporte às ações desenvolvidas em sala de aula. Além desse instrumento, intitulado por caderno de aprendizagem, os sujeitos da pesquisa receberam o diário de bordo, para que eles pudessem registrar as suas impressões a respeito do desenvolvimento das aulas. Por ser uma situação nova no contexto escolar, a reação esboçada por eles foi entremeada por surpresa, curiosidade e inquietação.

Após o momento de apresentação dos alunos, realizado entre as leituras de frases de fomento ao hábito de ler e de escrever (impressas em marcadores de páginas) e alguns (poucos) e tímidos discursos sobre a expectativa do projeto, assistimos ao curta-metragem *Os fantásticos livros voadores do Sr. Morris Lessmore*, uma animação ganhadora do Oscar 2012. Inspirado na obra homônima de Willian Joyce (1957), o curta aborda a leitura literária como uma alternativa às adversidades encontradas ao longo da vida. Nele, o personagem apresentado vive uma situação caótica e encontra nos livros o apanágio para se reestabelecer.

Da mesma forma, Petit (2009), em *A arte de ler ou como resistir à adversidade*, defende esse viés da literatura, citando experiências de pessoas que superaram crises através da leitura literária. Em sua obra, a referida autora nos chama a atenção para o fato de que “(...) não é apenas em momentos de desarranjos internos que os livros servem de auxílio, mas também quando acontecem crises que afetam simultaneamente um grande número de pessoas”. (PETIT, 2009, p. 17 e 18).

No momento da exposição do vídeo, os alunos permaneceram atentos, fascinados pelo recurso audiovisual. Contudo, não podemos deixar de mencionar o estranhamento de alguns,

diante do universo maravilhoso que a obra traz, o que nos leva a inferir que, em suas vidas, o espaço para a imaginação de um mundo além da realidade visível é limitado. Semelhante aos casos exemplificados por Petit, muitos deles vivenciaram situações de violência, nos últimos anos, com a perda de amigos precocemente.

Em semicírculo, promovemos a discussão sobre o vídeo assistido e realizamos a leitura de dois textos: um artigo de opinião retirado de um *site*, intitulado *Ler é muito mais que um prazer*, e a crônica *A descoberta*, de Luís Fernando Veríssimo (1936); o tema abordado em ambos referia-se à importância do hábito de ler. Inicialmente, as duas leituras foram realizadas de maneira silenciosa e, em seguida, compartilhadas pela turma em voz alta. Mais uma vez, não obtivemos êxito em relação à participação da turma nesse momento, uma vez que ele ficou restrito aos poucos alunos que demonstravam maior desinibição.

Em seguida, os alunos foram convidados a tecerem comentários a respeito dos textos, levando em consideração alguns questionamentos que incentivaram a participação oral. Contudo, essas investidas não obtiveram sucesso, pois os alunos ainda se recusavam a opinar no grupo. A fim de coletar informações acerca do universo leitor dos sujeitos da pesquisa, uma das atividades constituintes do material pedagógico propôs a elaboração de uma lista de livros lidos. Assim, pudemos constatar o pouco ou nenhum acesso deles às obras literárias.

Dentre os escassos livros por eles citados (a maioria dos alunos não citou exemplares lidos), podemos destacar alguns contos de fadas, histórias em quadrinhos, *best-sellers* e outros clássicos da literatura como *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), e *Meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos (1920-1984). Vejamos abaixo, um quadro com a listagem, realizada por cinco alunos, acerca dos livros lidos até essa etapa da pesquisa.

Quadro 01 - Lista de livros lidos pelos alunos até o momento da pesquisa

Alunos	Livros lidos	Total
Aluna 03	Alice no país das maravilhas, Os três porquinhos, Bambi e Bisa Bia, Bisa Bel.	03
Aluna 04	Bisa Bia, Bisa Bel.	01
Aluna 11	O pequeno príncipe e Meu pé de laranja lima.	02
Aluno 12	Cinquenta tons de cinza, Cinquenta tons mais escuros, A cabana, Harry Potter e a pedra filosofal e Percy Jackson.	05
Aluno 18	Turma da Mônica.	01

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A listagem elaborada pela aluna 03 nos leva a inferir que o seu contato com os livros se deu na infância – ou que a leitura de contos de fadas se deu de maneira tardia, possivelmente através das adaptações da *Walt Disney*. Já a presença do livro *Bisa Bia, Bisa Bel* na lista, um clássico de Ana Maria Machado (1941), adaptado pela coleção *Literatura em minha casa* do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), nos faz pensar em uma leitura realizada *a posteriori*, provavelmente no Ensino Fundamental II, no ambiente escolar.

De posse desses dados, podemos supor que houve uma quebra no desenvolvimento do repertório leitor da aluna, ocasionada pela estagnação entre o início e o término da infância, período em que a criança se encontra no Ensino Fundamental I. Tal hipótese pode encontrar fundamento, ao levarmos em consideração que o trabalho com a literatura nos primeiros anos escolares ainda alcança terreno fértil. Contudo, ao ingressar no Ensino Fundamental II, esse contato distancia-se abruptamente, como se a literatura perdesse espaço na escola com o avanço dos anos escolares.

A aluna nº 04 citou apenas a leitura do livro *Bisa Bia, Bisa Bel*, provavelmente, realizada também na escola. A aluna nº 11 citou em sua lista dois clássicos da literatura: *O pequeno príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry e *Meu pé de laranja lima* de José Mauro de Vasconcelos. Sem citar mediadores, ela se intitula autodidata, afirmando a sua atração por livros desde criança. Durante a aplicação do projeto de intervenção, a aluna se destacou pela quantidade de livros lidos do cantinho literário, alcançando a média de dois exemplares por semana.

O aluno nº 12 elencou em sua lista os *best-sellers* *Cinquenta tons de cinza* e *Cinquenta tons mais escuros*, da escritora britânica Erika Leonard James (1963), *A cabana*, do escritor canadense William P. Young (1955), *Harry Potter e a pedra filosofal*, da autora inglesa J. K. Rowling (1965) e *Percy Jackson*, do escritor estadunidense Rick Riordan (1964). Com isso, notamos que as leituras realizadas por esse aluno distanciam-se dos clássicos recomendados pela escola, o que atesta a não influência dessa instituição em sua formação leitora. É importante salientar que o referido aluno convive em um ambiente familiar onde a leitura é constante, já que em sua família há pessoas com licenciatura completa, exercendo o magistério.

O aluno nº 18 citou apenas a leitura de histórias em quadrinho, no caso, *A turma da Mônica* de Maurício de Souza (1935). É válido ressaltar o quanto as histórias em quadrinho são gêneros textuais importantes, para a incitação da leitura no público infantil e juvenil. A natureza de sua linguagem, constituída por imagens e palavras, é um atrativo ímpar para leitores mais jovens. Mesmo assim, apesar de ser um material de leitura de custo menor,

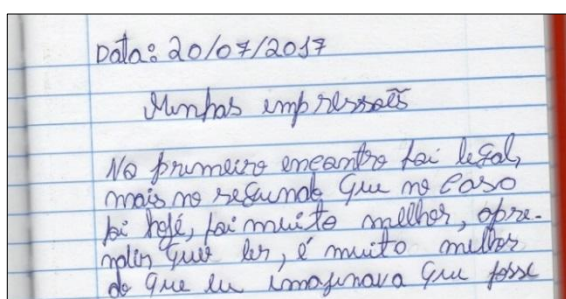
grande parte da população ainda não dispõe de recursos para investir em bens culturais, da mesma forma ocorre com a aquisição de livros literários.

A segunda parte desse módulo abordou a escrita como uma atividade que, apesar de laboriosa, também pode estar relacionada ao prazer. Além disso, intentamos mostrar aos alunos que somos escritores em potencial. Partindo de depoimentos de escritores consagrados e locais, sobre o processo de criação textual, refletimos sobre o caráter processual da escrita e a influência das leituras, seja de mundo e/ou de livros, na formação do escritor.

Assim, concluímos o módulo de sensibilização, com a realização da autoavaliação pelos alunos, a fim de que eles pudessem aferir os conhecimentos adquiridos. No decorrer dessa primeira etapa, notamos que os alunos possuíam dificuldades em compreender as questões de interpretação textual. Por conta disso, fez-se necessário o acompanhamento e a explicação de cada item de maneira individual, resultando, assim, em um tempo maior que o estipulado. Apesar da tentativa em auxiliá-los, muitos se recusaram a realizar as atividades solicitadas.

Outro instrumento utilizado, para o registro de impressões do encontro, foi o *diário de bordo*. Nele, os alunos puderam escrever suas opiniões, conhecimentos adquiridos e dúvidas surgidas durante a aplicação dos módulos. Os relatos eram realizados em sala de aula, mas, em muitas ocasiões, o tempo não era suficiente para que eles ocorressem. No sentido de encontrar uma solução para esse empecilho, permitimos que a escrita no diário fosse realizada pelos alunos, em seus lares.

Figura 06 - Registro realizado pela aluna nº 21 em seu diário de bordo.



Data: 20/07/2017

Minhas impressões

No primeiro encontro foi legal, mas no segundo que no caso foi hoje, foi muito melhor, aprendi que ler, é muito melhor do que eu imaginava que fosse.

Fonte: Diário de bordo da aluna

3.1.3 Módulo de apresentação do gênero

Segundo Cosson (2016), “a literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura (...) é mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim, sem renúncia da minha própria identidade” (COSSON, 2016, p. 17). Essa afirmação nos conduz a refletir sobre o quanto pode ser enriquecedora a experiência do aluno com o texto literário, haja vista o seu potencial humanizador.

De acordo com Cândido (2004, p. 182), “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. Assim, o uso do texto literário na escola contribui para a formação do aluno, pela sua capacidade de desenvolver o senso crítico-reflexivo em relação ao mundo e acerca de si mesmo.

Nessa linha de pensamento, o *módulo de apresentação do gênero*, intitulado *Lendo o texto literário*, destinou-se à leitura do texto pertencente à esfera literária, com vistas à promoção do contato dos alunos com o gênero crônica. Destarte, objetivamos desenvolver momentos de fortalecimento do processo de letramento literário, a partir da leitura do gênero. Nesse sentido, as atividades desenvolvidas intentaram estimular a sensibilidade estética, a imaginação, a criatividade, o senso crítico e a relação entre o lido/vivido ou conhecido (conhecimento de mundo).

O letramento realizado a partir do texto literário ocorre de maneira especial. De acordo com Cosson (2016, p. 12), esse processo “compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu domínio” – o domínio da linguagem literária. Assim, o desenvolvimento de atividades em torno do texto literário não deve ocorrer de maneira displicente, já que o entendimento da sua linguagem requer mediação atenta do professor, para que se estabeleça a sua compreensão.

Para a realização desse módulo, desenvolvemos um trabalho em torno da estratégia de *sequência básica*, apresentada por Cosson (2016), em seu livro *Letramento literário: teoria e prática*. Nessa obra, o autor propõe a sistematização do ensino da literatura na escola, a partir de dois modelos de sequências: uma básica e outra expandida. Para o desenvolvimento dessa etapa, escolhemos o modelo básico, o qual se subdivide em: *motivação, introdução, leitura e interpretação*.

A etapa da *motivação* consiste em aproximar o aluno da obra a ser lida. De acordo com Cosson (2016), os métodos mais utilizados, nessa fase, são os questionamentos ou a

discussão a respeito do tema, porém eles não são os únicos. A *introdução* apresenta o autor e a obra, caracterizando-os. A fase da *leitura*, de acordo com o autor, pode ser realizada na sala de aula, quando o texto for curto, ou encaminhada para casa, quando ele for longo; neste último caso é necessário um acompanhamento maior do professor, para auxiliar a compreensão textual. Por fim, a *interpretação* ocorre em dois momentos: interior, centrada na apreensão global da obra, e exterior, representada na materialização da interpretação da obra (COSSON, 2016, p. 51-69).

A crônica literária escolhida para a realização dessa atividade foi uma obra ceciliana, caracterizada por uma linguagem poética, de fácil entendimento, capaz de suscitar reflexões sobre questões existenciais. Com a leitura de *A arte de ser feliz* de Cecília Meireles, refletimos sobre a importância de lançarmos o olhar para fora de nós, a fim de observarmos as sutilezas que fazem parte do nosso cotidiano. Nessa crônica, a autora mostra que a felicidade está em todos os lugares e principalmente no modo como vemos as coisas ao nosso redor, ou seja, ela está dentro de cada um.

Seguindo o modelo de sequência básica, defendida por Cosson (2016), realizamos a *motivação*, a partir da leitura e escuta da letra da canção *Paisagem da janela*, de Lô Borges e Fernando Brant. Assim como a crônica de Cecília Meireles, a letra da canção apresenta um personagem contemplando a paisagem a partir de uma janela, apresentando o seu olhar sensível diante do cotidiano da cidade. Com base em dois questionamentos, realizamos algumas inferências sobre o estilo de vida das pessoas do lugar descrito na letra da canção e sobre as sensações despertadas durante a sua audição. Em seguida, de maneira metafórica, solicitamos aos alunos que escrevessem o que eles veem de suas “janelas”.

Para fundamentar o conteúdo abordado no módulo (*o texto literário*), utilizamos um trecho adaptado do livro *A linguagem literária* de Domício Proença Filho. Com esse propósito, intentamos apresentar aos alunos as características dessa linguagem, estabelecendo uma contraposição com a modalidade apresentada em textos não literários. Na obra citada, Proença (1995) faz uma análise de um poema de Drummond, atribuindo à linguagem literária um caráter especial, uma vez que “o ritmo que caracteriza o texto, a natureza do que se comunica e, ao chegar até nós por escrito, a distribuição das palavras no espaço do papel, justificam essa conclusão [de especialidade da linguagem]” (PROENÇA, 1995, p. 6).

Doravante, a etapa da *introdução* foi realizada a partir da leitura de uma breve

biografia da autora e da apresentação do livro *Escolha seu sonho*¹¹ de Cecília Meireles, uma coletânea de crônicas publicada pela Editora Global, com vistas à promoção do contato dos alunos com o suporte de publicação da obra que seria lida. Ao passo que os alunos manuseavam o livro, foram feitas inferências sobre o conteúdo da crônica, a leitura da capa e da sinopse. Além disso, utilizamos a estratégia de antecipação a partir de questionamentos sobre o título da crônica. Os alunos participaram ativamente dessa atividade, suscitando discussões a respeito do conceito de felicidade.

A leitura da crônica literária foi realizada de duas maneiras: silenciosamente e em voz alta, de modo compartilhado. No momento da leitura individual e silenciosa, a turma manteve-se concentrada, com exceção de dois ou três alunos. Em situação oposta, ocorreu a leitura compartilhada em voz alta, sendo notório o clima de tensão instalado: de um lado, os poucos alunos que liam não eram ouvidos pela maioria da turma; do outro lado, os que se interessavam em ler desistiam, diante das reações dos demais, desencadeando assim, momentos de ansiedade e preocupação. Essa situação se repetia constantemente, ocorrendo uma trégua quando a leitura em voz alta ficava sob a minha incumbência.

A etapa da *interpretação* foi dividida em dois momentos: o primeiro destinou-se à realização de uma atividade, para a compreensão da mensagem presente na crônica, e o segundo consistiu na produção de uma paráfrase, em grupo, (após a orientação de conceitos e procedimentos), para ser apresentada para a turma. Nessa etapa, os alunos se mantiveram resistentes ao desenvolvimento da proposta, contudo decidimos mantê-la, por entendermos a sua importância para a ampliação de seus conhecimentos. A reação esboçada por eles, durante essa atividade, nos fez refletir e analisar as ações desenvolvidas na pesquisa até aquele momento.

Figura 07 - Apresentação de paráfrase da crônica de Cecília Meireles



Fonte: Arquivo da pesquisadora

¹¹ Ressaltamos que, durante todas as etapas do projeto, proporcionamos o contato dos alunos com diversos livros de coletâneas de crônicas literárias, nas quais as obras lidas durante as aulas foram publicadas. Nesse sentido, primamos pelo fomento à leitura de livros, com vistas à ampliação do cabedal leitor dos alunos.

Outro recurso utilizado, no decorrer do projeto, foi o *blog Crônicas: o cotidiano em palavras*. O seu uso consistiu em compartilhar as atividades realizadas em sala de aula, além de servir como plataforma para que os alunos respondessem suas autoavaliações, após cada encontro realizado. Antes de os alunos o acessarem, houve um momento de explanação a respeito de sua organização e funcionamento. Assim, esse espaço possibilitou a manutenção do processo interativo entre os participantes da pesquisa, para além do tempo limitado das aulas.

Figura 08 - Layout do blog *Crônicas: o cotidiano em palavras*



Fonte: Página da internet

3.1.4 Módulo de Reconhecimento do Gênero e Apresentação da situação

Em um processo de ação-reflexão-ação, ocorrido após a análise do desempenho dos alunos nas atividades dos módulos anteriores, reelaboramos o material didático utilizado no caderno de aprendizagem, com vistas à adequação ao perfil do público da pesquisa. Assim, diante do diagnóstico do ritmo de aprendizagem dos alunos e do atraso no tempo previsto para a duração das últimas aulas, houve a necessidade de reduzir e/ou adaptar as atividades planejadas para a SD.

Com efeito, optamos por realizar atividades coletivas que estimulassem a participação ativa do grupo. Além disso, selecionamos crônicas literárias mais curtas, de tom humorístico, e antecipamos a roda de conversa com o escritor luzense Eptácio Carvalho, que estava prevista para módulos posteriores. Tal decisão fundamentou-se na seguinte orientação dos PCN de Língua Portuguesa, terceiro e quarto ciclos (1998, p. 65): “considerando que o tratamento didático não é mero coadjuvante no processo de aprendizagem, é preciso avaliar

sistematicamente seus efeitos no processo de ensino, verificando se está contribuindo para as aprendizagens que se espera alcançar”.

Antes de discorrermos a respeito deste módulo, consideramos relevante evidenciar outra teoria basilar de nosso trabalho. Assim, orientados pelos PCN de Língua Portuguesa (1998), terceiro e quarto ciclos, e por estudiosos da Linguística Textual e da Linguística Aplicada, nosso trabalho também busca fundamento na teoria dos gêneros textuais/discursivos voltados para o ensino, através da qual o texto é tido como o cerne do processo de ensino aprendizagem.

No entanto, é válido ressaltar que essa visão em relação ao texto, enquanto objeto de ensino da disciplina Língua Portuguesa, foi adotada há pouco tempo nas escolas do Brasil. Bezerra (2005, p. 37) afirma que, em nosso país, o ensino de LP sempre esteve atrelado à exploração da gramática normativa, através da imposição de regras, sejam elas prescritivas ou analíticas. No final do século XIX, quando ela foi inserida dos currículos escolares, ainda havia influência do ensino quase instrumental do *trivium*, disciplina ministrada em latim, que reunia gramática, retórica e lógica (Rojo, 2009, p. 84). Assim, esse modelo, centrado nas regras gramaticais, continuou sendo utilizado, para se fazer perpetuar o “bem falar e escrever” entre o público da classe social dominante, detentora da cultura erudita da época.

Tal contexto passa por mudanças, quando ocorre o processo de “democratização” do ensino, a partir do acesso à educação pública pelas classes populares. Nada obstante, a escola não conseguiu se adaptar ao novo público, cujo repertório cultural distanciava-se da erudição. Assim, durante muito tempo reproduzia-se um ensino elitista, totalmente distanciado da realidade dos alunos. O resultado era mais excludente que inclusivo. Quem não conseguia se encaixar nos paradigmas impostos, terminava por evadir da escola, buscando subterfúgios em trabalhos pouco valorizados, até mesmo por uma questão de sobrevivência.

Somente no final do século XX, mais especificamente entre as décadas de 1970 e 1990, ocorre uma mudança significativa nos currículos escolares, quando o ensino deixa de ser centrado em regras gramaticais e passa a visibilizar os procedimentos de leitura e de produção de texto (Rojo, 2009, p. 88). A partir da oficialização dos PCN, em 1998, o ensino de Língua Portuguesa toma como base as teorias em torno dos gêneros textuais/discursivos, influenciados pelos pressupostos bakhtinianos.

Além dos PCN, diversos estudiosos da linguagem tomaram como base os estudos de Bakthin (1979) sobre os gêneros discursivos. Aqui no Brasil, temos o legado indiscutível do professor Luiz Antônio Marcuschi. De acordo com ele, os gêneros textuais, apesar de possuírem uma forma, não podem ser considerados como modelos estanques “pois assim

como a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se” (MARCUSCHI, 2006, p. 24).

Seguindo as diretrizes desse autor, não é preferível analisarmos o gênero somente em sua forma estrutural, pois “quando ensinamos a operar com um gênero, ensinamos um modo de atuação sócio-discursiva numa cultura e não um simples modo de produção textual” (Idem, p. 25). Com isso, podemos afirmar que a função social do gênero sobressai aos aspectos estruturais. O citado autor ainda destaca a existência de gêneros mais maleáveis, que permitem marcas de autoria e não se enquadram em formas fixas, sendo o caso dos gêneros pertencentes à esfera literária.

Com base nos postulados apresentados acima, as atividades desenvolvidas no Módulo de Reconhecimento do Gênero intentaram analisar as características estruturais do gênero crônica literária, para fins de tratamento didático. Em nenhum momento houve a tentativa de cerceá-lo a uma forma estanque, uma vez que o seu caráter literário e híbrido permite uma escrita menos presa em paradigmas. Salientamos que abordaremos a teoria em torno do gênero crônica literária em seções posteriores e nos adentraremos no desenvolvimento do módulo em questão.

Sobre a imprescindibilidade do uso do módulo de reconhecimento do gênero, Swiderski e Costa-Hübes (2009) alertam que “antes mesmo de se chegar à produção inicial, o professor tem a oportunidade de criar para o estudante várias situações que envolvam a prática de leitura de textos do gênero selecionado que circulam na sociedade” (SWIDERSKI e COSTA-HÜBES, 2009, p. 121). Nesse sentido, essa etapa objetiva proporcionar o contato dos alunos com o gênero a ser estudado, a fim de que eles conheçam aspectos que compõem sua estrutura e sua função, para, posteriormente, consolidar a primeira escrita.

Assim, iniciamos esse módulo, intitulado *Muito prazer, eu sou a crônica!*, instigando nos alunos às seguintes questões sobre o gênero textual/discursivo em estudo: você sabe o que é uma crônica? Você já leu alguma crônica? Qual? Você tem conhecimento de algum cronista brasileiro? Qual?. Intencionalmente, utilizamos as mesmas questões da atividade diagnóstica, a fim de observarmos os possíveis avanços dos alunos nos conhecimentos em torno do gênero crônica literária. Em meio às discussões, a turma chegou ao consenso de que a crônica literária era uma “história”, referindo-se à narrativa. Tal atividade ocorreu no campo da discussão oral, acompanhada do registro das definições elaboradas pelos alunos na lousa. Costa-Hübes e Simioni (2014) define esse processo como uma etapa de pesquisa. De acordo com as autoras,

Após definido qual o gênero que se irá trabalhar, é hora de propiciar o seu reconhecimento por meio de *pesquisas*. Para isso, a sugestão é que o professor investigue sobre o que os alunos já sabem em relação ao gênero selecionado: se já viram textos do gênero em algum lugar; onde e em quais suportes esses textos se apresentavam; circulavam por meio de qual veículo, etc. (COSTA-HÜBES e SIMIONI, 2014, p. 28, grifo das autoras).

Objetivando sistematizar o conceito da crônica de maneira lúdica, realizamos o *Jogo da verdade*, o qual versou em testar conhecimentos a respeito da história do gênero e de suas características. Com essa metodologia, motivados pela ludicidade, os alunos participaram ativamente da aula, o que resultou em um momento mais dinâmico e interativo. Após o julgamento dos dados pelos alunos, ocorreu a confirmação das informações verdadeiras, a partir da leitura em slides. Na oportunidade, identificamos as características estudadas nas crônicas lidas até aquele momento.

A *posteriori*, escolhemos a crônica *Pneu furado*, de Luís Fernando Veríssimo, para a leitura. Antes disso, utilizamos a estratégia de antecipação para levantamento de hipóteses acerca do conteúdo do texto. Dessa vez, optamos pela realização da leitura compartilhada e em voz alta. Apesar de ser um texto breve, de linguagem fácil, os alunos não conseguiram entender o caráter humorístico do texto, sendo necessária a minha mediação. Com isso, tornou-se perceptível que a leitura da maioria dos alunos encontrava-se no nível da decodificação.

Com o intuito de evidenciar as características do gênero textual crônica literária, realizamos uma atividade de comparação entre dois gêneros: a crônica de Veríssimo e uma notícia. Para sistematizar essa atividade, utilizamos um quadro comparativo, que foi preenchido com informações, de ambos os textos, sobre os personagens, o ambiente, a situação apresentada, o suporte do gênero textual, o foco narrativo, o objetivo do texto e a linguagem utilizada. Posteriormente, solicitamos aos alunos a identificação e justificativa a respeito do texto que se classificava como uma crônica. Vejamos a conclusão da aluna nº 04:

Figura 09 - Resposta da aluna nº04 a respeito da identificação do gênero textual crônica

<p>• Qual dos dois textos é uma crônica? Justifique sua resposta.</p> <p>Texto 2, pois o texto 2 ele está mostrando uma situação, já o texto 1 está relatando uma notícia.</p>
<p>Texto 2, pois o texto 2 ele está mostrando uma situação, já o texto 1 está relatando uma notícia.</p>

Fonte: Caderno pedagógico do aluno

Na resposta acima, a aluna conseguiu identificar a crônica literária, demonstrando argumentos plausíveis para o processo inicial de reconhecimento do gênero textual estudado. Na justificativa apresentada, podemos notar que houve o levantamento de uma característica análoga a ambos os gêneros, uma vez que tanto a crônica quanto a notícia partem de situações cotidianas.

A estrutura do gênero crônica foi abordada, em aula expositiva, a partir da análise dos elementos que compõem a tipologia narrativa. Por ser um conteúdo bastante explorado na escola, os alunos não tiveram muita dificuldade em assimilá-lo. Desse modo, com o intuito de ampliar seus conhecimentos em relação às características do gênero, nos detivemos ao estudo das marcas linguísticas textuais de tempo, de lugar e elementos descritivos presentes nas crônicas lidas.

Sobre a necessidade de o professor explorar as características discursivas e linguísticas do texto em sala de aula, Lopes-Rossi (2006, p. 74) afirma que é necessário “criar condições para que os alunos possam apropriar-se de características discursivas e linguísticas de gêneros diversos, em situações de comunicação real”. Para tanto, a referida autora sugere a elaboração de projetos pedagógicos que visem à leitura, à pesquisa e à análise do gênero textual/discursivo em sala de aula.

Por questões organizacionais, o Módulo de Reconhecimento do Gênero foi dividido em duas etapas, intercaladas pela *roda de conversa* com o escritor luzense Epitácio Carvalho. Antes da realização do encontro com o autor, fizemos a leitura de uma de suas crônicas intitulada *Escultura em gesso*, a fim de provocar no aluno a curiosidade em relação ao processo de criação do cronista, as escolhas do tema, motivação, entre outros. Além disso, fizemos o estudo dos elementos presentes na narrativa e uma reflexão acerca da situação apresentada na crônica.

A roda de conversa *Com a palavra, o cronista!* (ver ANEXO B) ocorreu na Biblioteca Municipal Guido Guerra, sendo marcada como um dos momentos mais gratificantes do projeto. Com esse evento, os alunos puderam interagir com o autor do texto lido em sala de aula, ouvi-lo falar sobre a sua trajetória de leitor, sua iniciação no mundo da escrita de textos literários, além de suas impressões a respeito do gênero textual crônica. Em torno dessa atividade, havia uma expectativa adversa a respeito do comportamento dos alunos, mas, para a nossa surpresa, todos se mantiveram concentrados e participativos quando o momento se fazia oportuno.

A ida à biblioteca para a realização de uma roda de conversa com um escritor não costuma ser uma atividade habitual para os alunos. Assim, podíamos perceber o encantamento

deles desde o trajeto do ônibus, nos momentos de ludicidade, até a consolidação do evento. Tal reação intensificava-se à medida que a conversa com o cronista ganhava ares de leveza e de simplicidade, semelhante a uma prosa cotidiana. Nessa etapa, os alunos puderam vivenciar experiências literárias prazerosas, que foram além do ambiente restrito da sala de aula.

Nas palavras proferidas pelo cronista, os alunos puderam ouvir histórias familiares às vivências cotidianas de cada um. Na ocasião, a atenção deles foi assegurada pelo tom de proximidade estabelecido na conversa e pela curiosidade diante dos relatos das situações que desencadearam o processo de criação do autor. Assim, narrativas de viagens em ônibus interestaduais, experiências vivenciadas na feira livre e acentuadas na ficção das obras, relatos de peripécias de crianças, entre outras histórias, foram ouvidas prazerosamente e ressignificadas no universo leitor de todos que estavam presentes.

Cosson (2009) esclarece que, para promover o letramento literário, é preciso criar condições de acesso ao texto pertencente à esfera literária. Assim, ele tece as seguintes considerações:

Antes de mais nada, o letramento literário requer o contato direto e constante com o texto literário. É, aliás, esse o sentido básico do letramento literário. Sem esse contato, a vivência da literatura não tem como se efetivar. À escola e ao professor cabe, pois, disponibilizar espaços, tempos e oportunidades para que esse contato se efetive. (COSSON, 2009, p. 74).

Após a experiência da roda de conversa, prosseguimos as atividades do módulo de reconhecimento do gênero textual. Antes de iniciar a aula, foi apresentada para a turma a nova aquisição do *cantinho literário*, o livro *Fala sério amor* de Thalita Rebouças (1974), o que causou grande entusiasmo entre as alunas, sendo necessária a formação de uma lista de espera para a leitura do exemplar.

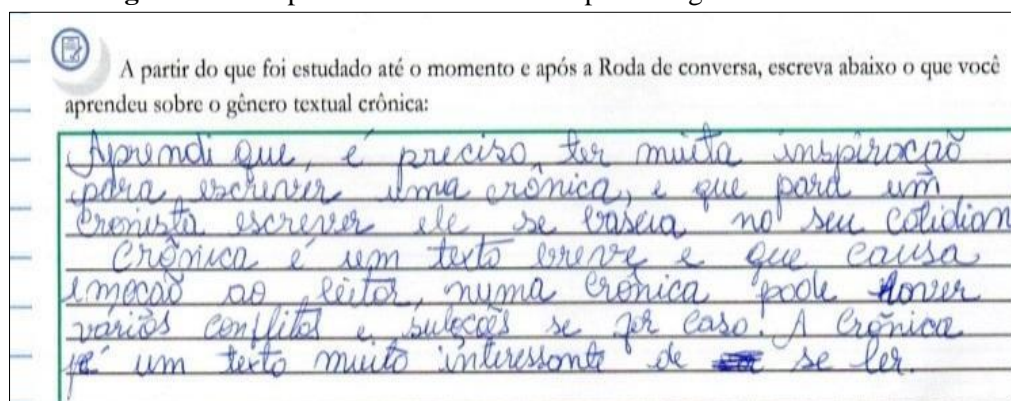
Em seguida, escolhemos a crônica *Caso de canário*, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), para a realização da leitura e, por conseguinte, ampliação do contato dos alunos com o gênero. No ensejo, a metodologia utilizada intentou desenvolver momentos de ludicidade e interação entre os sujeitos da pesquisa. Para tanto, organizamos a turma em grupo e distribuímos a crônica seccionada (dividida em seções), com vistas ao ordenamento do enredo e sua continuação, uma vez que o final foi suprimido.

Com essa proposta, apesar dos momentos de dispersão, que resultou na não realização da atividade por alguns grupos, os alunos participantes puderam desenvolver a criatividade, além de estratégias de reconhecimento e utilização de elementos de textualidade, como a coesão e a coerência. Além do mais, identificamos na crônica lida alguns recursos que

caracterizam a sua linguagem, como os elementos descritivos e o coloquialismo. Para finalizar, houve a socialização das produções e a leitura do texto completo de Carlos Drummond de Andrade.

Após as etapas descritas acima, os alunos foram novamente estimulados escrever suas impressões a respeito do gênero textual crônica. Para fins de análise comparativa, elencamos, mais uma vez, a resposta da aluna nº 04. Vejamos:

Figura 10 - Resposta da aluna nº 04 a respeito do gênero textual crônica



Aprendi que, é preciso ter muita inspiração para escrever uma crônica, e que para um cronista escrever ele se baseia no seu cotidiano. Crônica é um texto breve e que causa emoção ao leitor, numa crônica pode haver vários conflitos e soluções se for caso. A crônica é um texto muito interessante de se ler.

Fonte: Caderno pedagógico do aluno

Como podemos perceber, houve um avanço no conceito formulado pela aluna, a respeito da crônica literária. Na resposta acima, ela consegue reconhecer a brevidade do gênero, o caráter subjetivo capaz de emocionar e a sua matéria-prima, o instante cotidiano. Contudo, ainda não há a caracterização adequada de alguns elementos do enredo, uma vez que ela afirma existir “vários conflitos”, ao invés de apenas um. Em seguida, há a identificação de uma característica importante da crônica literária, expressa na frase “e soluções se for o caso”. Nesse excerto, a aluna consegue compreender a versatilidade do gênero, ao constatar que nem sempre ele irá apresentar uma solução para o conflito, já que, por vezes, a crônica suscita questionamentos, afim de que o leitor reflita sobre o tema abordado. Ainda nessa conclusão, é estabelecida, de maneira equivocada, a relação da escrita da crônica a um momento de inspiração, desmerecendo, assim, o trabalho laborioso de um escritor. Vejamos a conclusão de outra aluna a respeito da crônica:

Figura 11 - Resposta da aluna nº 11 a respeito do conceito do gênero crônica

A partir do que foi estudado até o momento e após a Roda de conversa, escreva abaixo o que você aprendeu sobre o gênero textual crônica:

Aprendi que a crônica é um texto breve de uma escrita interessante com personagens e assuntos do cotidiano situações vivenciadas na verdade nem precisa ser vivenciada o escritor Epiácio disse que ao ver situações já é capaz de criar e sempre tem a ver com problemas sociais entre outros assuntos que nos fazem refletir e repensar até mesmo nossas atitudes e o convívio social.

Aprendi que a crônica é um texto breve de uma escrita interessante com personagens e assuntos do cotidiano situações vivenciadas na verdade nem precisa ser vivenciada o escritor Epiácio disse que ao ver situações já é capaz de criar e sempre tem a ver com problemas sociais entre outros até mesmo nossas atitudes e o convívio social.

Fonte: Caderno pedagógico do aluno

O depoimento acima revela um olhar mais amadurecido da aluna sobre o gênero textual crônica literária. Além da brevidade do gênero e de sua temática, cujo ponto de partida se manifesta nas situações cotidianas, ela aponta a existência da ficção, ao afirmar que a história “nem precisa ser vivenciada”. Ademais, a referida aluna cita a contribuição do escritor Epiácio Carvalho, participante da roda de conversa, na formulação de seu conceito sobre o gênero, ao concluir que a crônica suscita reflexões sobre as “nossas atitudes e o convívio social”.

Para concluir o módulo, fizemos a leitura compartilhada de um texto didático sobre o gênero textual crônica literária e suas características. Em seguida, retomamos a situação comunicativa proposta pelo projeto, ao apresentar para os alunos o seu contexto, os objetivos almejados, o público-alvo da produção final e o suporte onde o material produzido seria veiculado.

Mais uma vez, os alunos foram orientados a preencherem a autoavaliação no blog do projeto, porém o número de acesso não foi satisfatório. A ausência de condições para a realização dessa atividade na escola, ocasionada pela falta de manutenção nos computadores da sala de informática, resultou em seu direcionamento para casa. Quando questionados sobre o motivo do não acesso ao blog, muitos alunos afirmavam não possuir internet e/ou celular, nem computador em casa, e outros declaravam esquecimento, demonstrando pouco compromisso com a atividade. Portanto, podemos concluir que nem sempre há condições suficientes para a utilização de recursos tecnológicos na escola e nos lares dos alunos.

3.1.5 A Oficina de fotografia e a Atividade de campo

A imagem fotográfica tem sido uma linguagem utilizada cotidianamente pelas pessoas, o seu uso nos tempos atuais facilitou-se pela maneira como ela se materializa. Outrora, esse processo estava condicionado a um método cauteloso de revelação em um suporte de papel. Hoje, a fotografia está disponível para ser visualizada, escolhida ou descartada em uma tela de *smartphone* ou de outros dispositivos. Em tempos de inovações tecnológicas digitais, o acesso a aparelhos capazes de reproduzir instantaneamente uma imagem em megapixels transformou essa arte em uma paixão compartilhada por pessoas do mundo inteiro.

Em *A câmera clara*, Roland Barthes (1984) traz à baila a fotografia como uma recriação de um momento que foi eternizado, já que através dela podemos reviver as nossas experiências em um único momento de contemplação. Por conta dessa capacidade de fazer emergir sensações de outrora, indo além da lembrança e aguçando os sentidos, o referido autor afirma que “a Fotografia tem alguma coisa a ver com ressurreição” (BARTHES, 1984, p. 124).

Em outro trecho do livro, Barthes (1984, p. 48-49) afirma que a fotografia possui a função de “informar, representar, surpreender, fazer significar, dar vontade”, sendo, por esse motivo, de grande importância para a sociedade. A capacidade de sintetizar todas essas funções em uma única superfície imagética faz da fotografia um instrumento poderoso de registro de situações próprias de cada época. Concluímos então que, uma imagem fotográfica consegue abarcar, em sua materialidade, diversos sentidos e percepções a cerca do mundo.

Entre jovens e adolescentes, o encantamento diante da fotografia é quase unânime. Motivados pela vitrine virtual da internet, o compartilhamento de imagens pessoais tornou-se comum entre os usuários das redes. Partindo desse contexto, o desenvolvimento da oficina de fotografia teve como motivação a utilização de práticas costumeiras dos alunos, fora do ambiente escolar, em atividades desenvolvidas em sala de aula. De acordo com Novellino (2007),

A fotografia tem estado cada vez mais presente nas vidas dos indivíduos desde o seu surgimento no séc. XIX. São registros de família, de amigos, de ocasiões importantes no cotidiano desses indivíduos que a tornam cada vez mais popular na sociedade ocidental. Seu uso profissional no registro de fatos históricos, na cobertura de acontecimentos atuais, na documentação médica e científica, [...], fazem da fotografia um instrumento versátil e ampliam seu universo de atuação. (NOVELLINO, 2007, p. 22).

Ademais, o trabalho com a imagem fotográfica na escola oportuniza o contato dos alunos com outras linguagens e seus significados. Sabemos que, no ambiente escolar, o espaço para o que fazer com as múltiplas linguagens ainda é limitado, devido à escassez de fundamentação para a prática em sala de aula. No entanto, em um mundo de manifestações comunicativas híbridas, faz-se necessário que essa instituição acolha os novos modos de linguagem, a fim de acompanhar as novas conjunturas sociais.

Diante disso, oferecemos aos alunos a realização de uma oficina de fotografia ministrada por uma profissional da área, por acreditarmos que a contribuição de alguém experiente somaria positivamente ao nosso projeto. Desse modo, confirmamos a nossa expectativa, a partir das exposições pontuais a respeito da fotografia, sua história e linguagem, bem como pela maneira como foi conduzida a oficina pela estudante Kamilla Santos, graduanda em Comunicação Social pela UNEB-Campus XV e pesquisadora do Projeto *Expedições fotográficas: perspectivas imagéticas do território do sisal*¹².

Intentando defender a necessidade da inclusão de novas formas de linguagem no contexto escolar, Kleiman (2005) afirma ser necessário que a escola privilegie letramentos advindos de outras linguagens, que não apenas a verbal, uma vez que “não faz sentido relegar a um segundo plano os conhecimentos sobre textos multimodais, que a maioria dos alunos já tem, assim como faz todo sentido ensinar o aluno a interpretar a linguagem imagética” (KLEIMAN, 2005, p. 50). De acordo com a autora, é necessário que os alunos consigam compreender os implícitos presentes nas imagens que tendem a manipulá-los diariamente.

Assim, objetivando o entendimento dos alunos diante da linguagem fotográfica e de seus significados, a oficina (ver imagem em ANEXO C) desenvolveu-se no período normal de aula, mediante consentimento de professores e direção da escola, tendo a duração de três horas/aula. Os conteúdos abordados variaram desde o estudo etimológico da palavra fotografia, a história e importância dessa arte para a sociedade, até os seus elementos componentes, como: plano, foco, movimento, forma, ângulo, cor, textura, iluminação, perspectiva, equilíbrio e composição.

Com essas explicações, os alunos puderam ter uma breve introdução a respeito da leitura de imagens. Apesar do foco do nosso trabalho não ser a linguagem fotográfica, buscamos ser coerentes, aplicando uma proposta que estivesse ao alcance dos alunos. Nesse

¹² Projeto de extensão, da UNEB-Campus XIV, que visa oportunizar aos alunos e interessados da comunidade externa o aprimoramento na arte da fotografia, através do exercício e análise desta, assim como um melhor conhecimento da região sisaleira.

sentido, não caberia solicitar a utilização dessa linguagem multimodal, sem ter conhecimento a respeito de seus significados. Assim, podemos concluir que desenvolvemos ações propiciadoras do letramento, a partir da leitura imagética.

De acordo com Dionísio (2006, p. 131), “imagem e palavra mantém uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada. Com o advento das novas tecnologias, com muita facilidade se criam novas palavras, novos *layouts* [...]”. Tendo em vista essa situação, é importante que tenhamos a consciência da necessidade de ampliar as capacidades de leitura dos alunos nos dias atuais, em especial as que estão relacionadas ao texto imagético, haja vista a sua multiplicidade de significados e a sua presença constante no dia a dia das pessoas.

Munidos de fundamentação teórica, os alunos puderam aplicar, na atividade de campo (ver ANEXO C), as técnicas apreendidas durante a oficina. Para registro fotográfico das situações cotidianas, foram utilizados celulares e *smartphones* dos alunos, além de câmeras profissionais (minha e da fotógrafa). Com isso, tornou-se possível aliar as novas tecnologias às práticas metodológicas adotadas em sala de aula. De posse dos celulares, os sujeitos da pesquisa puderam usar, em favor da aprendizagem, instrumentos que, por diversas vezes, são tidos como os vilões no processo de aprendizagem. De acordo com Coscarelli (2016),

As tecnologias digitais, disponíveis agora nos celulares e amplamente utilizadas por todas as camadas sociais como meio de comunicação, produção e disseminação de saberes, precisam ser estudadas e compreendidas. Os mais diversos contextos escolares precisam discutir e se apropriar dessas tecnologias para que os alunos também incorporem em suas vidas as inúmeras possibilidades oferecidas por equipamentos (computadores, *laptops*, celulares, *tablets* e outros *gadgets*) e aplicativos. (COSCARELLI, 2016, p. 11, grifo do autor).

Cientes dessa necessidade, intentamos desenvolver uma proposta de ensino de leitura e escrita que pudesse se utilizar desses equipamentos. Com empenho, os alunos se engajaram na busca pelo melhor ângulo, a fim de retratar o cotidiano das pessoas da cidade. Contudo, nem todos tiveram a oportunidade de participar. Alguns alegaram que estavam em horário de trabalho, outros auxiliando os pais em tarefas domésticas e outros afirmaram não possuir celular ou estar com o aparelho em más condições de uso.

Essa situação nos fez perceber que, apesar de a tecnologia estar acessível a um grande número de pessoas, ainda há um grupo, com menor poder aquisitivo, que não consegue obter ou manter um aparelho de celular moderno. Em meio a essas dificuldades, a persistência e o ânimo dos alunos que participaram daquele momento, fez-nos confirmar a necessidade de

inserir, nas aulas de Língua Portuguesa, atividades dinâmicas capazes de despertar no educando a participação ativa, a curiosidade e o gosto pelo aprender.

Os registros fotográficos capturados pelos alunos e por mim, em condição de pesquisadora (ver APÊNDICE C, a partir da página 161), revelam pessoas em seus trabalhos, as moradias simples do semiárido, a vegetação da caatinga e a feira livre. No decorrer da atividade de campo, o ambiente estava envolto em momentos de descontração e de engajamento dos alunos, justificados pelo sentimento de pertencimento do lugar, uma vez que estávamos visitando as ruas e os bairros onde eles moravam. Além disso, as profissões registradas nos cliques fotográficos são as mesmas exercidas por grande parte dos pais e/ou responsáveis pelos alunos.

Figura 12 - Avaliação da aluna nº 04 sobre o uso do celular e das imagens fotográficas em sala de aula

7. Qual a sua opinião a respeito da utilização das imagens fotográficas e do aparelho celular como recurso para o desenvolvimento das aulas?

Minha opinião é que foi muito criativo. A oficina de fotografia me despertou muito inspirou bastante quando eu fui fazer a crônica.

Minha opinião é que foi muito criativo. A oficina de fotografia me despertou muito inspirou bastante quando eu fui fazer a crônica.

Fonte: material didático produzido pela pesquisadora.

Após o *tour* pela cidade, para registro de imagens de situações cotidianas que mobilizaram a escrita das crônicas literárias, a atenção e o interesse dos alunos foram revigorados, resultando em atitudes positivas no decorrer das aulas. Por conseguinte, a minha relação com os sujeitos da pesquisa, enquanto professora-pesquisadora, decorreu em um vínculo mais forte, caracterizado pelo respeito e afeto mútuo. Corroborando isso, as manifestações contrárias às propostas do projeto tornaram-se quase exíguas.

3.1.6 Produção inicial

A oficina de produção inicial da crônica literária recebeu o título de *Eu sou o autor* e teve início após a oficina de fotografia e a atividade de campo. Ela foi dividida em quatro etapas consecutivas: o planejamento, a escrita, a revisão e a reescrita. Com isso, objetivamos mostrar para os alunos que toda escrita de textos deve ser realizada de maneira processual, com vistas ao atendimento da proposta comunicativa, à adequação da linguagem ao público e

aos critérios de textualidade. De acordo com Passarelli (1999, p. 84), “é preciso comprovar aos estudantes que a escrita não decorre de uma ‘inspiração transcendental’, de um misterioso talento, nem é fruto de improvisação” (Grifo da autora).

Valendo-nos dessa perspectiva, iniciamos essa etapa, partindo da escolha da fotografia que serviria como mote para a escrita da crônica. Nessa fase, optamos pelo desenvolvimento da atividade em grupo, a fim de que os alunos pudessem auxiliar uns aos outros. A escolha da fotografia ocorreu com antecedência, com o auxílio de um aplicativo de mensagens instantâneas. Essa ação permitiu que os alunos pudessem selecionar as imagens fotográficas, para serem impressas e utilizadas para o atendimento da proposta em sala de aula.

Com as imagens fotográficas em mãos, os alunos iniciaram o processo de leitura imagética. Para induzi-los a um olhar minucioso, foram feitos alguns questionamentos¹³ relacionados aos elementos constituintes da imagem: personagens, cenário, cores, enquadramento, ângulo, entre outros. Além disso, os alunos foram convidados a tecerem comentários a respeito dos significados apreendidos no momento da contemplação da fotografia. Em meio aos direcionamentos, muitos deles demonstraram ser capazes de ler e analisar as imagens.

O próximo passo concentrou-se na etapa do planejamento da crônica literária. Para tanto, utilizamos um quadro para esboço textual, no qual os alunos informaram o foco narrativo escolhido, os personagens, o tom da narrativa (lírica, humorística, crítica ou reflexiva), a situação desencadeadora do enredo, o espaço, o tempo e o desfecho. Como podemos perceber, o modelo utilizado para a produção da crônica literária possui a estrutura semelhante a de um conto, mas os alunos ficaram livres para desenvolver os seus textos da forma que consideraram melhor, tendo como exemplos as crônicas lidas até o momento.

Terminada a etapa do planejamento, cada grupo iniciou a escrita da crônica, demonstrando bastante empenho. Apesar da insegurança apresentada nos primeiros momentos, aos poucos os alunos iam adquirindo confiança para imaginar situações e usar a criatividade. Em alguns instantes, havia divergências de opinião, mas a atividade em grupo tornou-se um momento oportuno para o desenvolvimento do respeito mútuo e da capacidade de tomada de decisão no coletivo. A fim de auxiliá-los na escolha do léxico, dicionários de língua portuguesa e gramáticas escolares estiveram acessíveis para consulta durante esse processo.

¹³ As questões foram retiradas do Caderno de orientação do professor da Olimpíada de Língua Portuguesa.

Sobre a estratégia do uso do dicionário e de gramáticas durante a etapa de escritura textual, Portela (2014) afirma:

o aluno deve aprender a gostar de escrever, com o intuito de divulgar suas ideias. Entretanto, para que isso ocorra, é fundamental que ele conheça melhor a sua língua. Nesse sentido, a valorização do uso do dicionário e da gramática é fundamental para a ampliação do vocabulário bem como para o conhecimento mais formal da língua. Tais cuidados deverão auxiliar os estudantes a melhor identificarem suas forças e fraquezas no tocante às atividades escriturais. (PORTELA, 2014, p. 37).

Longe de explicações simplistas e de mitos relacionados ao ato de escrever, podemos afirmar que a atividade de escrita mobiliza diversos conhecimentos adquiridos a partir de vivências individuais. Koch e Elias (2009, p. 37) afirmam que “o escritor recorre a conhecimentos armazenados na memória relacionados à língua, ao saber enciclopédico, a práticas interacionais”. Ao ratificar essa afirmativa, as autoras citadas apresentam os tipos de conhecimentos ativados durante o ato da escrita: o *conhecimento linguístico*, o *conhecimento enciclopédico*, o *conhecimento de textos* e os *conhecimentos interacionais*, cujas descrições nos atentaremos a seguir:

O *conhecimento linguístico*, de acordo com as autoras citadas, refere-se ao saber adquirido da linguagem padrão, pois o texto escrito exige o uso dessa variedade. No entanto, é importante reconhecer que o aluno não irá dominar todas as regras de ortografia, de gramática e do léxico, pois ele está em processo de formação, adquirindo maturidade intelectual. Mesmo assim, é necessário reconhecer que o saber linguístico é um fator importante para a desenvoltura na escrita, pois o êxito do objetivo pretendido exige clareza e organização textuais.

O segundo tipo de conhecimento, o *enciclopédico*, diz respeito ao conhecimento de mundo da pessoa que escreve. Construído ao longo do tempo, ele é armazenado na memória, mas, no momento da escrita, mesmo que de forma inconsciente, ele vem à tona, fazendo transparecer o lugar de origem de quem fala, suas ideologias e conceitos em relação ao mundo a sua volta. Assim, ao escrever o seu texto, o aluno deixa marcas de identidade adquiridas em suas experiências ao longo da vida social.

O terceiro tipo refere-se ao *conhecimento de texto*. A partir dele, o escritor tem a noção de qual modelo utilizar para a sua escrita. Essa escolha dependerá da finalidade da situação sociocomunicativa e será conduzida por formas de textos pré-estabelecidas, os chamados gêneros textuais, que circulam na sociedade para atender as necessidades

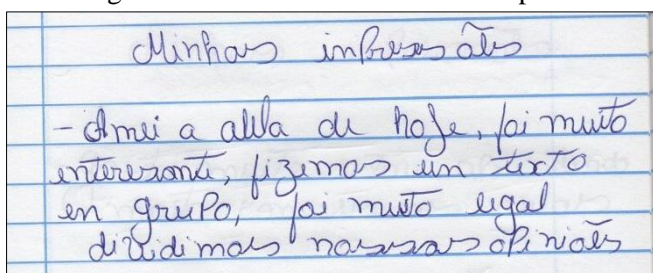
comunicativas dos interlocutores, em diversas situações que exigem a interação humana. Esses modelos são inúmeros e ilimitados, além disso, eles surgem ou renovam-se de acordo com as transformações ocorridas na sociedade.

O quarto e último conhecimento apresentado pelas autoras, nomeado no plural, já que necessita da ativação de diversos modelos cognitivos, são *os conhecimentos interacionais*. A partir deles, temos a noção de quem será o interlocutor do texto, da sua finalidade, adequação linguística, utilização de estratégias para o estabelecimento da comunicação, entre outros. Logo, ao aluno deve ser apresentada uma proposta de escrita a partir de uma situação real, para que ele consiga acionar esses conhecimentos.

Todos esses conhecimentos são essenciais ao momento da produção textual. Após a atividade de escrita, iniciamos o processo de revisão dos textos. Para tanto, adotamos uma ficha com critérios de análise e a estratégia da permuta dos escritos entre os grupos. O uso da ficha se justificou pela necessidade de os alunos compreenderem os critérios utilizados para a avaliação de suas produções, logo, antes de utilizá-la, tornou-se indispensável a explicação de cada tópico que a compunha.

Os critérios de avaliação foram divididos em três grupos: adequação à proposta comunicativa (objetivos da crônica e sua organização em torno de um episódio cotidiano), adequação às características estudadas do gênero (linguagem e elementos narrativos) e construção do texto (parágrafos, pontuação, acentuação, regras básicas de concordância, coerência e coesão). A adoção dessa medida encontra respaldo em Portela (2009, p. 106), ao afirmar que “incentivar o estudante à prática da revisão e da avaliação textual é uma tarefa extremamente importante, pois esta garantirá ao escritor assumir seu papel, testando suas potencialidades e reconhecendo suas fraquezas, corrigindo-as sempre que possível”.

No momento da revisão, os alunos sentiram dificuldades em analisar os textos uns dos outros, mas, na medida do possível, tivemos o cuidado de orientá-los nessa incumbência. Dando prosseguimento ao processo de escrita, os textos retornaram aos seus produtores, para adequação à análise realizada. Por fim, cada grupo realizou a reescrita, julgando procedente ou não as observações realizadas na ficha de revisão. Para fins de análises posteriores, preferimos não interferir na escrita produzida em grupo, por esse motivo o processo de revisão e reescrita ficou a cargo dos sujeitos da pesquisa.

Figura 13 - Registro no diário de bordo realizado pela aluna nº 07

Minhas impressões

Amei a aula de hoje, foi muito interessante, fizemos um texto em grupo, foi muito legal dividimos nossas opiniões.

Fonte: Diário de bordo do aluno

3.1.7 Módulo de intervenção

O Módulo de intervenção consistiu em reforçar alguns conhecimentos que não foram internalizados pelos alunos, a sua elaboração esteve condicionada à primeira produção escrita realizada no módulo anterior. A partir dela, diagnosticamos a dificuldade em desenvolver a narrativa, apesar de eles conhecerem a sua estrutura. Ademais, foi possível atestar o impasse ao iniciar a escrita – alguns alunos permaneciam utilizando a estrutura dos contos de fadas, ao optar pela expressão “era uma vez” – e ao organizá-la em início, meio e fim.

Além da estrutura do texto narrativo, escolhemos explorar mais a linguagem literária e sua natureza polissêmica. Assim, demos ênfase à análise de alguns recursos estilísticos como as figuras de linguagem, a utilização da metalinguagem como recurso, a intertextualidade e os elementos descritivos, dentro das obras escolhidas para o desenvolvimento do módulo. Em uma provocação a respeito do estudo do texto literário e sua função na escola, Soares (2011) afirma:

por que e para que estudar o texto literário? O que é que se deve estudar em um texto literário? Os objetivos de leitura e estudo de um texto literário são específicos a este tipo de texto de texto, devem privilegiar aqueles necessários à formação de um bom leitor de literatura: a análise do gênero do texto, dos recursos de expressão e de recriação da realidade, das figuras autor-narrador, personagem, ponto de vista (no caso da narrativa), a interpretação de analogias, comparações, metáforas, identificação de recursos estilísticos, poéticos, enfim, o “estudo” daquilo que é textual e daquilo que é literário. (SOARES, 2011, p. 44).

Côncios da necessidade de valer-se da riqueza do texto literário, escolhemos *A última crônica*, de Fernando Sabino, para iniciarmos o módulo. Primeiramente, utilizamos a

estratégia de antecipação, a partir da leitura do título e da última frase presente na crônica: “assim eu queria a minha última crônica”. Com isso, os alunos levantaram hipóteses sobre o tema do texto, questionaram se trataria da última produção do cronista, dentre outras indagações.

Na ocasião, a leitura foi realizada com o acompanhamento do áudio da crônica, através de um recurso disponibilizado pela *Olimpíada de Língua Portuguesa*, para os professores de educação básica. A experiência de ouvir a crônica literária narrada, os sons das buzinas dos carros nas ruas, dos talheres na mesa, a descrição detalhada na voz da narradora, aguçou ainda mais a sensibilidade dos alunos, diante da situação apresentada pelo cronista. Ao término da audição, era notável o enternecimento e o encanto, sensações justificadas por Cândido (2004, p. 179), ao afirmar que na produção literária, “a organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo”.

Em seguida, houve um momento de discussão, instigado por um aluno da classe, a respeito da representação, na crônica lida, da família de negros em situação de pobreza e da desigualdade social no Brasil. O momento foi oportuno para discutir questões que vão além de estereótipos e recorrem a um olhar mais apurado para realidade social do país. Com isso, pudemos analisar o contexto da época em que o texto foi escrito, estabelecendo um paralelo com a situação apresentada no contexto social atual.

Posteriormente, iniciamos o estudo dos elementos da narrativa presente na crônica, enfatizando as partes do enredo, as descrições que caracterizam os personagens e o ambiente, a partir de uma atividade de análise, contida no material didático produzido para a pesquisa. Nessa etapa, os alunos já se encontravam familiarizados com conteúdo estudado, portanto não houve muita dificuldade em responder as questões propostas. Mesmo assim, nem todos se propuseram a fazer o que se pedia.

Dando continuidade, abordamos o assunto *recursos estilísticos*, por meio de uma analogia com o estilo pessoal (maneira de se vestir, gosto musical...) de cada um. Nesse sentido, pudemos esclarecer que cada escritor possui o seu estilo, marcado pela linguagem e recursos utilizados ao escrever o texto literário. Como uso do projetor de *slides*, encerramos esse momento, mostrando, em *A última crônica* de Fernando Sabino, a presença da metalinguagem, da descrição, da linguagem coloquial e de algumas figuras de linguagem.

A atividade posterior consistiu em solicitar aos alunos a *reescrita* de um trecho da crônica produzida em grupo, com o propósito de enriquecimento de seus textos, a partir do uso de alguns recursos estilísticos. Houve alguma resistência em desenvolver essa etapa, uma

vez que eles acreditavam que o texto já estava acabado, dispensando, assim, o seu aprimoramento. Uma parte da turma conseguiu produzir a reescrita com bastante dificuldade, sendo necessária a intervenção em diversos momentos. Outros, por se sentirem incapazes, desistiam de realizar o que nós propúnhamos, evidenciando a presença de baixa autoestima e dificuldade de superação.

3.1.8 Produção final

A etapa da produção final objetivou produzir a versão final da crônica literária e valorar a situação comunicativa proposta pelo projeto. Dentre todos os módulos, esse foi o que mais se estendeu, por conta das etapas de escrita, revisão e reescrita (coletiva e individual). Dessa vez, o texto foi produzido individualmente, utilizando-se, também como mote, uma imagem fotográfica de uma situação cotidiana do município, escolhida anteriormente com o auxílio de um aplicativo de mensagem instantânea.

A princípio, realizamos a leitura, em voz alta, de uma breve biografia de Rubem Braga e de sua crônica *Meu ideal seria escrever*. A partir dela, discutimos sobre o papel da literatura na vida das pessoas e o seu poder de transformar a rotina diária dos leitores. Em seguida, demos início à leitura da imagem fotográfica, valendo-se da mesma estratégia utilizada na produção inicial: contemplação, leitura dos elementos que constituíam a imagem e de seus significados.

Individualmente, cada aluno iniciou o esboço de sua produção, partindo da escolha dos elementos que iriam compor a narrativa. Logo após, retomamos algumas características da crônica literária, a fim de revisar algumas especificidades do gênero. E para concluir a fase da introdução da escrita, convidamos uma ex-aluna da escola, mantenedora de uma página no *facebook* e no *instagram*, nas quais escreve contos e crônicas de autoria própria, para fazer um relato sobre o seu processo de criação textual e sobre o efeito da leitura e da escrita em sua vida. Essa atividade objetivou motivar os alunos na escritura de seus textos, evidenciando que, além dos escritores consagrados nacionalmente ou mundialmente, existem pessoas comuns que escrevem textos de excelência.

Para Cosson (2016, p. 17), é “na leitura e escritura do texto literário que encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos”. Assim, escrever sobre o cotidiano da cidade, representado nas imagens capturadas pelos alunos e pela professora-pesquisadora, oportunizou aos alunos a projeção de olhares para as vivências coletivas, levando-os a refletir sobre as condições de vida da população local. Como resultado, podemos

afirmar que escrever crônicas literárias, a partir de eventos cotidianos reais, promove o exercício do olhar sensível e reflexivo diante da realidade vivida.

O *momento inicial* da escrita transcorreu envolto em um clima de tensão, uma vez que os alunos demonstravam receio em não conseguir produzir a crônica. No sentido de amenizar a situação, conduzimos a atividade com leveza, sem pressioná-los, uma vez que o processo criativo é único, pessoal e avesso a situações forçadas. Além disso, esclarecemos que ainda haveria a oportunidade de revisar e reescrever o texto, tendo a minha mediação como auxílio, antes da escrita da versão final.

A *revisão* das crônicas literárias ocorreu de duas maneiras: inicialmente pelos alunos e, em seguida, por mim. Para tanto, foram utilizadas fichas com critérios de avaliação (conforme realizado na etapa da escrita da primeira versão), nas quais se tornou possível o conhecimento, dos sujeitos da pesquisa, acerca dos critérios norteadores de seus textos. O *feedback* (realizado por mim) levou em consideração as características do gênero textual (função, elementos composicionais e situação apresentada), bem como os aspectos linguísticos (concordância, pontuação e ortografia) e aspectos textuais (coesão e coerência). De acordo com Portela (2009, p. 107) o *feedback* é importante para que as “suas atitudes [dos alunos] sejam reconhecidas, melhoradas, ampliadas, que sirvam de modelo para ações futuras”.

Faz-se necessário esclarecer que, antes de iniciar a revisão textual, propiciamos o distanciamento entre os alunos e os seus textos, a fim de possibilitar a visualização das possíveis lacunas em seus escritos. Na ocasião, aproveitamos o momento para desenvolver uma atividade lúdica, capaz de abordar uma das características do gênero estudado. A dinâmica consistiu em descrever um colega da classe, a partir de suas características físicas e/ou psicológicas, utilizando-se de uma linguagem poética e metafórica. O momento resultou em descontração, embora alguns alunos tenham demonstrado timidez e discordância em participar.

A *reescrita* também ocorreu em dois momentos: um coletivo e o outro de maneira individual. Após os alunos receberem a devolutiva de seus textos com algumas anotações e marcações, utilizamos a estratégia de reescrita textual em grupo, com a utilização do projetor de *slides*. Para tanto, escolhemos quatro crônicas produzidas pelos estudantes, sem identificação da autoria. Assim, em conjunto, foram feitas correções de palavras com grafia incorreta, de trechos incoerentes, ausência de pontuação e acentuação, e acréscimos de trechos descritivos e algumas figuras de linguagem. Para Alves, Watthier e Hübes (2016, p. 170-171), a reescrita realizada em conjunto “permite a ampliação do conhecimento do aluno de forma

mais consistente, haja vista que ele é levado à reflexão acerca do uso da língua e tem a possibilidade de compreender que o texto não é um produto acabado”.

A exposição das crônicas literárias, para a reescrita coletiva, causou um estranhamento nos alunos, por ser uma prática pouco utilizada pelos professores de Língua Portuguesa. A princípio, havia uma tentativa em descobrir o autor do texto, situação que resultou em desconforto, mas, prontamente, os alunos perceberam o quanto poderia ser proveitoso para a aprendizagem a análise do texto em grupo.

A reescrita individual ocorreu logo após a coletiva, portanto, já existia uma orientação mais consistente em relação ao aprimoramento do texto. Mesmo assim, a atividade transcorreu através do atendimento individualizado dos alunos, dando-lhes suporte sempre que necessário, sem interferir em seus processos criativos. Essa fase desenvolveu-se de maneira lenta, mas não houve muita resistência. Assim, ocorreram avanços consideráveis, uma vez que o rechaço de alguns, na produção inicial, não se repetiu no momento da produção final. Apesar disso, nem todos conseguiram realizar a reescrita, e alguns desistiram de escrever a crônica no percurso do projeto.

3.1.9 A culminância

A etapa da culminância foi dividida em dois momentos: a preparação e a exposição das crônicas literárias e fotografias. O primeiro objetivou o reconhecimento da importância da exposição, para a concretização da situação comunicativa proposta pela pesquisa, e a elaboração do folder para a sua divulgação. O segundo momento consistiu em promover a interação entre os textos produzidos, o público-leitor e os alunos/autores. Nessa etapa, ressaltamos que as crônicas produzidas, juntamente às fotografias, iriam compor um livreto¹⁴ (ver em APÊNDICE C), o qual faria parte do acervo da salinha de leitura da escola.

Geraldi (1997), ao refletir sobre as atividades de produção textual na escola, traz à baila o conhecimento de que o texto deve ter como objetivo o processo de interação. Assim, de acordo com ele, “é para o outro que se produz o texto. E o outro não se inscreve no texto apenas no seu processo de produção de sentidos no leitor. O outro insere-se já na produção, como condição necessário para que o texto exista” (GERALDI, 1997, p. 102, grifo do autor).

¹⁴ O livro de coletânea de crônicas literárias produzidas pelos alunos foi organizado posteriormente à culminância. Para fins de entendimento do texto, foram feitas algumas correções ortográficas e semânticas, mas sem interferir no seu sentido global e no estilo criativo do aluno.

Conscientes dessa necessidade, e contrários à atitude de “engavetamento” dos textos produzidos pelos alunos, iniciamos a organização da nossa atividade de culminância, a partir da elaboração do *folder* expositivo (ver APÊNDICE D). Para isso, levamos para a aula um modelo desse gênero, produzido para um evento cultural da cidade, a fim de mostrar a sua estrutura e função. Em conjunto, elaboramos uma parte do texto informativo, no qual continha os objetivos da exposição, o público-alvo, a organização dos títulos das crônicas literárias produzidas e os nomes de seus autores.

Intitulamos a exposição de *Olhares cotidianos: entre crônicas e imagens*. Com a intenção de organizá-la, selecionamos alguns alunos para compor a comissão organizadora do evento. Assim, em um horário extraclasse, preparamos todo o ambiente, com cartazes contendo frases de incentivo à leitura e à escrita, textos informativos sobre o gênero crônica, painéis com imagens de cronistas brasileiros e os expositores contendo as crônicas produzidas pelos alunos e as imagens fotográficas das situações cotidianas do município.

A culminância transcorreu em um ambiente de cooperação, respeito e protagonismo estudantis (ver imagem em ANEXO D). Os alunos demonstraram possuir iniciativa e capacidade de decisão coletiva na organização das atividades desempenhadas. Nesse clima de entusiasmo, todos participaram do evento de culminância, até mesmo alguns alunos que não conseguiram concluir a escrita da crônica literária cooperaram de alguma maneira. A exposição ocorreu na sala de recursos audiovisuais e mobilizou toda a comunidade escolar.

Durante a exposição, os visitantes foram recepcionados pelos alunos com a distribuição de marcadores de páginas, contendo frases sobre a importância da leitura e da escrita. Em seguida, foram proferidas as boas vindas e uma breve explicação sobre o projeto e o objetivo da exposição. Prontamente, os alunos foram convidados a lerem as suas crônicas literárias para o público, com o auxílio de um microfone. Havia também um espaço, a *mesa do autor*, onde um aluno, caracterizado de escritor literário, distribuía “doses de crônicas” (crônicas literárias impressas e enroladas em espiral) para os visitantes e pronunciava um discurso sobre o ofício de escrever. Outro espaço, organizado nesse evento, destinou-se à audição de crônicas do acervo do programa *Olimpíada de Língua Portuguesa*.

Antunes (2016), ao trazer contribuições a respeito das competências comunicativas exigidas nas relações sociais da sociedade contemporânea, elenca uma série de capacidades. Dentre elas, a referida autora tece considerações acerca da competência para autoria, a qual diz respeito à capacidade de utilizar-se da língua para assumir a “condição de ser autor de um dizer” (ANTUNES, 2016, p. 13). Assim, ao apresentarem os seus textos para o público-leitor, tornou-se notório o sentimento de pertencimento dos alunos diante de seus escritos. Não

bastava para eles a realização da leitura em voz alta, com o auxílio do microfone. Era quase unânime o prazer em ler os textos para as pessoas que visitavam os expositores, intensificando ainda mais a interação entre textos, leitores e alunos/autores. Essa relação tornou-se visível tanto na apresentação da imagem fotográfica, com as narrações a respeito de como se deu o processo da captura das imagens, quanto na leitura dos textos e nas interrogações dos leitores.

O comportamento dos alunos ao serem solicitados para a realização de leituras e para a participação durante a exposição destoou das investidas realizadas em sala de aula. Dessa vez, de maneira espontânea, cada aluno sentiu-se motivado a ler e a interagir com o seu público, o que nos leva a concluir que leituras de textos autorais, realizadas em situações reais de comunicação, tendem a ser bem recepcionadas pelos alunos.

Assim, os alunos romperam estereótipos os quais estavam acostumados a serem rotulados e demonstraram outra conduta em relação à construção da própria aprendizagem. As práticas de letramento, realizadas no momento da culminância, deixou transparecer a melhoria da autoestima, a efetivação da aprendizagem e o contentamento por terem alcançado uma postura protagonista na construção de seus saberes.

3.2 AS CONTRIBUIÇÕES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO CRÔNICA LITERÁRIA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Neste capítulo, nos reportaremos às contribuições da crônica literária para o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Para tanto, iniciaremos com um breve panorama da crônica literária em solo brasileiro e, em seguida, faremos uma análise das produções dos alunos em sala de aula. Desse modo, a prática desenvolvida por nós, no decorrer da aplicação da proposta interventiva, encontrara apoio nos pressupostos teóricos de Cosson (2009;2016), Cândido (1995;2003), Lajolo (2001), Petit (2009a;2009b) e nos PCN de Língua Portuguesa (1998), terceiro e quarto ciclos, Sá (1985), Moisés (1967), Coutinho (2004), El Fahl (2011) e Lima (2016) e Antunes (2010;2016).

Salientamos que o letramento literário, abordado neste capítulo, teve início nas leituras do gênero textual/discursivo crônica literária em sala de aula, bem como nas atividades de campo (roda de conversa e *tour* pela cidade para registro de imagens fotográficas), sendo essas etapas salutares para o processo de escrita do gênero estudado. Dessa forma, esses momentos não foram estanques, já que eles estiveram interligados, de maneira contributiva, durante toda a aplicação da pesquisa, para que ocorresse a ampliação da competência comunicativa dos alunos.

3.2.1 A crônica literária brasileira

No Brasil, a história da crônica moderna inicia-se ao lado dos noticiários da vida real. Nos jornais impressos, numa seção intitulada de folhetim, onde tudo se originou, ela se configurava em um espaço mínimo, destinado à informação dos leitores sobre os acontecimentos da semana. Naquele período, delineava-se uma nova forma de escrita para além das durezas presentes nos boletins citadinos. O jornal, maior veículo de difusão do texto impresso, tornou-se o espaço propício para o nascimento e a evolução desse gênero em território nacional.

A nova roupagem da crônica é apresentada por Paulo Barreto (1881-1921), mais conhecido como João do Rio, quando ele inaugura outro modo de escrita, saindo de seu gabinete à procura de situações cotidianas capazes de gerar uma crônica. Nesse contexto, o cronista procura *in lócus* a matéria-prima para os seus escritos, estabelecendo um misto entre o olhar investigativo, próprio do ofício do jornalista, e a sensibilidade, típica do escritor literário. A partir daquele momento, esse gênero segue se (re)delineando, no sentido de acompanhar as transformações da vida moderna, trazendo para os jornais não apenas os comentários de acontecimentos diários, mas a subjetividade nas palavras dos cronistas, as quais começavam a dar ares de ficcionalidade. De acordo com Sá (1985, p. 8-9), com essa nova maneira de vivenciar a profissão de jornalista, João do Rio muda o enfoque, a linguagem e a estrutura do folhetim.

Podemos afirmar, assim, que a crônica, no suporte do jornal, se constituía como um refrigerio diário para o público-leitor. Nesse sentido, estabelecia-se o desafio para os seus escritores, visto que a linguagem literária, díspare da jornalística, munia-se de recursos próprios, utilizados intencionalmente para causar o efeito pretendido. Conscientes disso, escritores de renome nacional, seguindo os passos de Paulo Barreto, se empenharam em atribuir maior literariedade às crônicas, a exemplo de José de Alencar (1829-1877), Machado de Assis (1839-1908), Rubem Braga (1913-1990), exímio cronista cujo ofício foi dedicado exclusivamente à escrita desse gênero, Paulo Mendes Campos (1922-1991), entre outros. Assim, a crônica ganhava o seu público fiel nas tiragens tipográficas diárias e semanais (SÁ, 1985).

Em *A Vida ao Réis-do-Chão*, Cândido (2003) faz um breve recorte sobre a trajetória inicial de transformação do gênero, ao afirmar que:

Antes de ser crônica propriamente dita foi “folhetim”, ou seja, um artigo de roda-pé sobre as questões do dia – políticas, sociais, artísticas e literárias. Assim eram os da secção “Ao Correr da Pena”, título significativo à cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o Correio Mercantil, de 1854 a 1855. Aos poucos o folhetim foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje. (CÂNDIDO, 2003, p. 15). (Grifos do autor)

A relação entre o jornal e a crônica, entre os acontecimentos reais e a ficção, sempre renderam ao gênero uma discussão em torno do domínio discursivo ao qual ele pertencia. Nascida após o advento e “acessibilidade”¹⁵ (Grifo nosso) do jornal, no século XIX, por vezes, a sua classificação se instaura no terreno do hibridismo, entre o literário e o jornalístico, conforme ratifica Moisés (1967, p. 105): “a crônica oscila, pois, entre a reportagem e a literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da fantasia”. No viés literário, a riqueza da linguagem do cronista, em sua profundidade embora simples, a capacidade de suscitar reflexões que se sobressaem em situações comuns, o complexo no simples, confere à crônica um patamar etéreo, que lhe escapa à efemeridade do texto jornalístico. Tal fenômeno se consagra quando as obras se transformam em coletâneas literárias de excelência.

Outra questão a ser acentuada, neste breve histórico, diz respeito ao estereótipo construído em torno da crônica enquanto um “gênero menor”. Mesmo dispensando sumptuosidades, ela, assim como o conto, a novela e o romance, consegue despertar em seus leitores, sentimentos profundos e a reflexão acerca do mundo e de si mesmo. Cândido (2003, p. 12) afirma que, em sua despreensão, ela humaniza, uma vez que “permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição”.

El Fahl (2011, p. 57), corroborando a descrição de Cândido, afirma que a crônica consegue extrair o riso de situações tensas, uma vez que ela é “uma espécie de bálsamo de letras que retempera os fatos, muitas vezes indigestos, tornando-os palatáveis, provando que a literatura, embora não possa curar os males do mundo, ajuda a suportá-los”. Assim, no Brasil, em meio às adversidades, esse gênero encontra terreno fértil e, com certa “malandragem” e

¹⁵ O aspeamento da palavra acessibilidade nesse excerto foi considerado oportuno para evidenciar que o público-leitor do jornal naquela época era restrito às camadas sociais mais escolarizadas, ou seja, à classe dominante.

crítica velada, consegue denunciar problemas sociais ao abordar temáticas como o racismo, a má distribuição de renda, a corrupção, o trabalho infantil, entre outros.

A crônica tipicamente brasileira consegue expressar leveza e subjetividade, ao mesmo tempo em que consolida sua escrita de maneira marcante. A linguagem semelhante a uma conversa cotidiana, cujo efeito aproxima ainda mais o seu público-leitor, atribui maior singularidade à obra produzida. Assim, trata-se “de um gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura, a argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos (...)” (COUTINHO, 2004, p. 121).

A inserção desse gênero textual nas aulas de Língua Portuguesa proporciona um ganho em relação à introdução de práticas leitoras e escritoras no dia a dia dos alunos. Características como brevidade, fluidez, temática voltada para assuntos do cotidiano possibilitam o favorecimento do trabalho com jovens e adolescentes iniciantes no mundo da leitura, servindo como uma porta de entrada para outras obras literárias mais complexas. Dessa forma, a crônica se constitui como uma oportunidade ímpar para o desenvolvimento de atividades pedagógicas eficazes.

Lima (2016, p. 6) afirma que “é por meio de uma crônica que se podem conhecer particularidades de várias culturas, manifestações de um povo, de uma época, numa miscigenação entre o jornalístico e o literário [...]”. Assim, outro fator favorável em relação ao trabalho com a crônica em sala de aula diz respeito à possibilidade de exploração das manifestações culturais de um povo, uma vez que ela se caracteriza pela capacidade de descrever hábitos de determinada época, devido à argúcia de observação própria do cronista. A partir de sua leitura e escrita, podem ser realizadas atividades de reconhecimento da identidade cultural, contribuindo assim, para o desenvolvimento de sentimento de pertença de lugar.

Cândido (2003) demonstra grande satisfação ao constatar o uso do gênero pelos professores em sala de aula. Para ele, essa é uma oportunidade de o aluno entrar em contato com textos menos eruditos, com tons mais familiares e próximos da vida cotidiana. Dessa forma, há uma quebra no clima de seriedade/sisudez que, por vezes, é imputado no âmbito escolar. Nesse sentido, “aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas” (CÂNDIDO, 2003, p. 19).

A constatação realizada por Cândido (2003) nem sempre condiz com o que se espera do uso desse gênero na escola. Nos livros didáticos, ele é presença relevante, por possuir a

marca da brevidade e da linguagem acessível ao público. Contudo, o seu direcionamento pedagógico não favorece a exploração da riqueza literária, uma vez que atrelada à leitura surgem atividades de interpretação longas, pouco compreensíveis para os alunos. Cosson (2016, p.20) afirma que “a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo”. Assim, é mister que o professor de Língua Portuguesa saiba valer-se da riqueza literária da crônica, utilizando-se de ações que promovam o letramento literário.

A partir da leitura e da escritura do gênero crônica literária os alunos ressignificam seus olhares diante do cotidiano, exercitando o senso crítico e reflexivo, a capacidade de alteridade e de reconhecimento de si no outro (ver APÊNCIDE C). O texto literário, em especial a crônica, é, pois, artefato indispensável ao ensino de Língua Portuguesa pela capacidade de explorar a criatividade, na maneira como se configura a sua linguagem, de desenvolver o olhar apurado para as mazelas sociais, bem como pela sua capacidade humanizadora, desenvolvida no leitor em um processo de amadurecimento contínuo, após cada experiência de leitura vivenciada.

3.2.2 Análise das crônicas literárias produzidas pelos alunos

Para a análise das produções realizadas pelos alunos, tomaremos como base os pressupostos teóricos de Antunes (2010). Em uma abordagem esclarecedora, a autora aponta as deficiências existentes no campo da análise textual realizada pelos professores de Língua Portuguesa, ao afirmar que tal prática continua arraigada em métodos tradicionais, cuja função se resume à identificação de classes gramaticais e à análise de frases isoladas do sentido global do texto. O resultado desse imbróglio, conforme explicita Antunes, é um ensino de língua fragmentado, que em nada contribui para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno.

Cientes da riqueza contributiva dos estudos de Antunes (2010) para a análise textual, propusemo-nos a examinar os *aspectos globais* dos textos produzidos pelos alunos, que, de acordo com a autora, consiste no “entendimento do *texto como um todo*, daquilo que o perpassa por inteiro e que confere sentido às suas partes e a seus segmentos constitutivos” (ANTUNES, 2010, p. 65, grifo do autor). Nesses moldes, compreendemos que cada elemento característico do texto está a serviço do sentido global, portanto, não há como analisá-lo, desvinculando-o do todo.

Essa acepção encontra base no reconhecimento do texto como a materialização da linguagem, ou seja, em sua funcionalidade, ele é mediador das relações interativas sociais. Nessa perspectiva, a tessitura textual é um conjunto de elementos linguísticos, semânticos, pragmáticos e cognitivos, acionados pelos usuários de uma língua durante as situações sociocomunicativas. Desse modo, não há como restringir o seu estudo a elementos gramaticais isolados.

Os sujeitos da pesquisa realizaram as produções das crônicas literárias em dois momentos: o primeiro, em grupo e, o segundo, individualmente. Levando em consideração as características do gênero textual/discursivo, tomaremos como fenômeno para análise global das produções dos alunos o conteúdo temático expresso na situação cotidiana apresentada, os aspectos da composição textual da tipologia narrativa (a escolha do foco narrativo, a construção do enredo e a caracterização dos personagens e do espaço) e algumas marcas pontuais que evidenciam o estilo adotado pelos alunos-autores, como a linguagem coloquial, figuras de linguagem, trechos descritivos, entre outros.

No sentido de ratificar a dimensão do uso do texto literário para a promoção do letramento literário, com vistas à formação linguística, crítica e reflexiva dos alunos, pautaremos-nos nos construtos teóricos de Cosson (2016), Cândido (1995), Lajolo (2001), Petit (2009a;2009b) e os PCN de Língua Portuguesa (1998), terceiro e quarto ciclos; e, para fundamentar teoricamente as considerações a respeito da crônica, adotaremos as contribuições de Sá (1985) e Cândido (2003). Com base nessa análise, apresentaremos as estratégias que os alunos utilizaram para o desenvolvimento de suas competências escritoras, a partir do uso da linguagem literária em suas produções escritas e, de algum modo, nessa modalidade da língua, alcancarem práticas de letramento literário.

Respaldados nos pressupostos teóricos de Antunes (2016), veremos se houve avanço no desenvolvimento das *competências para autoria*, *competências para a interação*, *competências para a escrita de textos* e *competências ligadas à escrita como atividade multimodal*. (grifos nossos). Além dessas competências, a autora cita mais oito aptidões necessárias para o desenvolvimento da escrita nos tempos hodiernos. No entanto, sem desmerecer as demais, em nosso estudo, julgamos oportuna a análise das competências descritas abaixo:

- *Competências para a autoria*: a escrita, segundo concepções teóricas recentes, tem sido entendida como lugar de uma fonte enunciativa, como lugar da expressão de alguém que, em nome próprio ou não, assume a palavra, porque precisa, quer e pode dizer alguma coisa, porque precisa, quer e pode fazer alguma intervenção. [...];


- *Competências para a interação*: a escrita também tem ganhado destaque como atividade de interação, como lugar de encontro entre autor e leitor. Portanto, tem ganhado destaque a escrita de dois lugares, a escrita como atividade de falar a um outro. Dessa condição interativa da escrita, derivam implicações, como, por exemplo, poder-se prever *para quem se escreve; com quem se está interagindo; quem vai ter um encontro marcado com o texto que se escreve etc.* (Grifos da autora) [...];
- *Competências para a escrita de textos*: com os avanços da Pragmática Linguística, que vê a linguagem como atividade social, outra dimensão das línguas concerne à sua textualidade e aos critérios que definem o seu funcionamento como atividade comunicativa. Nesse âmbito, cresce o interesse pela escrita como ação de textualização, regulada pelas propriedades da coesão e da coerência. [...];
- *Competências ligadas à escrita como atividade multimodal*: nas transações do mundo contemporâneo, são extremamente valorizados textos que incorporam, em seu aparato gráfico, outros modos e recursos visuais de significar, ou a escrita que conjuga o verbal e o não verbal. (ANTUNES, 2016, p. 13-15).

É válido destacar que esta análise não traçará um avanço entre a primeira versão e a última, uma vez que a escrita inicial, realizada em grupo, não permite a comparação evolutiva do texto de mesma autoria. No entanto, utilizaremos uma das produções da primeira versão da crônica, realizada em um dos grupos, a fim de apresentar, de maneira geral, se os alunos conseguiram ter uma noção mais clara a respeito do gênero textual em estudo. Assim, escolhemos uma produção coletiva, no qual dois alunos-autores, cuja versão final constituem a amostragem desse trabalho, estiveram presentes. Salientamos que uma análise mais detalhada será realizada com base na última versão da crônica literária, produzida individualmente pelos alunos.

O processo de escritura textual, na primeira etapa, se desenvolveu a partir da divisão da classe em seis grupos, composto por quatro e/ou cinco pessoas. O processo de escrita grupal não obteve muito êxito, haja vista a postura de alguns alunos, marcada pela dificuldade de concentração no que se propunha a fazer. Dentre os grupos formados, somente quatro conseguiram desempenhar a ação solicitada. Nesse momento, também se tornou evidente a dificuldade dos alunos em realizar um trabalho coletivo, uma vez que a escrita ficava a cargo de apenas um ou dois integrantes da equipe, sem ao menos ocorrer um debate de ideias ou um planejamento em conjunto. Ao perceber essa situação, pontuamos a necessidade de produzir a escrita coletivamente, em comum acordo, a partir de uma relação de respeito às visões de mundo do outro. No sentido de resolver esse caso, foram lançados alguns questionamentos que buscaram a formação ideias conjuntas, a respeito do texto que seria produzido. A seguir, explanaremos alguns aspectos gerais, encontrados na versão inicial, que apontam o patamar de conhecimento dos alunos, em relação ao gênero crônica literária, até aquele momento:

Figura 14 - Primeira versão da crônica literária escrita em grupo

PRODUÇÃO INICIAL



Num certo dia ensolarado, céu aberto, árvores e plantas, à pedido da chuva, a terra seca e várias pedras espalhadas pelo chão.

Lá bem longe numa bela casa abandonada, no meio do nada numa caatinga com uma grande estiagem. Nesta casa morava uma mulher "solitária" e tão linda quanto sua casa. Essa mulher era muito branca, raramente saía de casa, só saía caso fosse muito necessário. Não sabia-se o motivo dessa sua solidão.

Não sabia-se, se ela tinha filhos ou algum parente (marido, mãe, avô, avó, pai, etc), ela era uma pessoa muito misteriosa, sua referência era esse lugar de grande estiagem.

Este lugar não era bastante frequentado, talvez por isso ela seria uma moça tão solitária.

Ela tinha o hábito de sempre abrir a porta, para esperar a espera de algo ou alguém, mas na verdade não; ela só apenas adorava admirar a linda paisagem onde sua casa localizava-se.

O motivo da sua solidão; era apenas porque ela não considerava uma solidão, e sim porque ela não sentia-se só, sentia-se sempre acompanhada pela natureza". [sic]

“Num certo dia ensolarado, céu aberto, árvores e plantas, à pedido da chuva, a terra seca e várias pedras espalhadas pelo chão.

Lá bem longe numa bela casa abandonada, no meio do nada numa caatinga com uma grande estiagem. Nesta casa morava uma mulher “solitária” e tão linda quanto sua casa. Essa mulher era muito branca, raramente saía de casa, só saía caso fosse muito necessário. Não sabia-se o motivo dessa sua solidão.

Não sabia-se, se ela tinha filhos ou algum parente (marido, mãe, avô, avó, pai, etc), ela era uma pessoa muito misteriosa, sua referência era esse lugar de grande estiagem.

Este lugar não era bastante frequentado, “talvez” por isso ela seria uma moça tão solitária.

Ela tinha o hábito de sempre abrir a porta, para esperar de algo ou alguém, mas na verdade não; ela só apenas adorava admirar a linda paisagem onde sua casa localizava-se.

O motivo da sua solidão; era apenas porque ela não considerava uma solidão, e sim porque ela não sentia-se só, sentia-se sempre acompanhada pela natureza”. [sic]

Fonte: Caderno pedagógico do aluno

Analisando os aspectos gerais da escrita acima, podemos notar que o grupo produziu um texto reflexivo, apontando o estilo de vida da personagem, caracterizada como solitária, e a sua relação com a paisagem em seu entorno. Por ser a produção da primeira versão, realizada em grupo, notamos que alguns aspectos da narrativa precisariam ser mais desenvolvidos, a exemplo do parágrafo inicial que não apresenta a continuidade do enredo, limitando-se a um trecho incompleto de descrição do ambiente. Também podemos notar a presença de alguns trechos incoerentes, observados na informação dúbia de conhecimento/desconhecimento do motivo da solidão da personagem. Além disso, há a presença de “desvios” gramaticais, conforme podemos observar nas ocorrências de colocação pronominal, – nesse caso, é bom frisar que a crônica literária permite o uso da linguagem coloquial, por esse motivo, em nossa análise, não enfatizaremos o cumprimento da norma padrão da língua - e de regras de pontuação, percebidos nos usos da vírgula e do ponto.

Além do mais, percebemos que há semelhanças entre o texto produzido por esse grupo e a primeira crônica trabalhada em sala de aula, *A arte de ser feliz*, de Cecília Meireles. Ambos apresentam a descrição da paisagem, sua relação com a personagem da narrativa e o seu mundo. Diante disso, ressaltamos a importância que os gêneros textuais, utilizados nas aulas de Língua Portuguesa, exercem na constituição de modelos de textos para os alunos, seja na formação de seus perfis de leitores, ou nas influências para suas produções escritas.

Nessa primeira escrita, tomada como amostragem, notamos que há uma noção, em desenvolvimento, a respeito do gênero estudado. Ao passo que as atividades modulares iam sendo realizadas, os conhecimentos dos alunos se consolidavam, já que as características inerentes à crônica literária eram exploradas paulatinamente. Nessa fase inicial, também foram constatados momentos de insegurança, atestados na dificuldade de iniciar a produção textual e de continuar o enredo de uma narrativa. Tal ocorrência pode ser considerada bastante comum nos processos de escrita, nesse caso, ela torna-se mais acentuada por envolver um público formado por alunos da educação básica, em fase de formação.

Através dos próprios alunos, tomamos conhecimento de um dado preocupante em relação ao ensino de produção textual na escola-laboratório. De acordo com eles, quase não há a escrita de textos em sala de aula. Recentemente, foi integrado ao currículo escolar o ensino da disciplina Redação, cuja carga horária se perfaz em 2h/a semanais. No entanto, segundo informações dos professores da instituição, até o momento da pesquisa, não havia ocorrido uma análise profícua acerca da pertinência e aplicabilidade dos conteúdos elencados na ementa, situação que, por vezes, gerava insegurança no trabalho pedagógico.

A evolução do conhecimento dos alunos em relação às características do gênero em questão, constatada nos momentos da escrita, deu-se após as etapas da revisão e da reescrita em grupo (na versão inicial) e ampliou-se nos processos individuais de escrita e revisão, *feedback* (intervenção nossa) e reescrita coletiva e individual (versão final). Esse percurso, no qual os alunos demonstraram grandes avanços, intentou melhorar a capacidade criativa dos alunos-autores, sem cerceá-los a modelos estanques. Desse modo, eles ficaram livres para imaginar as situações cotidianas e utilizarem-se dos multissignificados próprios da linguagem literária.

Salientamos que, nesta análise, não nos restringiremos ao enquadramento das produções dos alunos ao gênero estudado, embora analisemos as características pertinentes a este. Ao invés disso, veremos se os sujeitos da pesquisa conseguiram desenvolver suas competências escritoras, expressando suas visões acerca do mundo e de si mesmos, a partir da utilização da linguagem literária. Nas seções seguintes, nos atentaremos às produções da versão final das crônicas pelos alunos nº 04, 11, 12, 18 e 30, conforme critério de escolha evidenciado anteriormente. Destarte, os sujeitos da pesquisa serão identificados por A4, A11, A12, A18 e A30. A fim de apresentarmos uma visão geral das crônicas produzidas pelos alunos¹⁶, elaboramos o seguinte quadro:

¹⁶ As crônicas analisadas estão disponíveis para a leitura nos ANEXOS E, F, G, H e I.

Quadro 02 - Elementos que caracterizam as crônicas produzidas pelos alunos em sua versão final

Título/autor	Situação apresentada/tema	Foco narrativo	Personagens	Espaço	Estilo
“Feira livre” A4 (ANEXO E)	Um garoto faminto na feira livre/desigualdade social.	1ª pessoa	Autor ¹⁷ - personagem, Feirante e menino.	Feira livre	Reflexivo
“Brincadeira de criança” A11 (ANEXO F)	Duas crianças brincando em um quintal de uma casa simples/Brincadeira infantil e desigualdade social.	1ª pessoa	Autor- personagem, duas crianças e a mãe de uma delas.	Quintal de uma casa, Açude Tapera	Lírico- reflexivo
“A humildade do pescador” A12 (ANEXO G)	O pescador exercendo o seu ofício/Trabalho e sustento.	1ª pessoa	Autor- personagem e pescador.	Açude Tapera	Reflexivo
“O brinquedo ¹⁸ ” A18 (ANEXO H)	Pescador sem condições financeiras de presentear a filha/trabalho, sustento e pobreza.	1ª pessoa	Autor- personagem, pescadores e a filha deles.	Açude Tapera	Reflexivo
“A casinha” A30 (ANEXO I)	Criança faminta sem ter com o que se alimentar/fome, pobreza e desigualdade social.	1ª pessoa	Autor- personagem, um casal de idosos e sua neta.	Moradia simples, Morro dos Lopes	Reflexivo

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

3.2.2.1 Situação apresentada e tema

Uma das características do gênero textual crônica literária é ter como mote um episódio cotidiano, o qual desempenha a função de pano de fundo para reflexões mais profundas acerca da condição humana. Sá (1985, p. 13) atesta essa afirmação, ao mencionar que, nos momentos breves, se escondem as complexidades da vida, “protegidas pela máscara da banalidade”.

¹⁷ Preferimos utilizar a expressão autor-personagem por sabermos que na crônica quem narra é o próprio autor, o cronista.

¹⁸ O título do texto de A18 foi modificado para “Presente de filha”, por escolha do próprio aluno, no momento da produção do folder em sala de aula. No entanto, ele não fez a modificação em seu caderno pedagógico. Somente no livro, organizado com a coletânea das crônicas literárias, aparece essa mudança.

Nas produções realizadas pelos alunos, podemos perceber que houve o cuidado em partir de situações cotidianas vivenciadas pelos munícipes, seja no trabalho ou nas pequenas moradias típicas do sertão. A atividade de campo para registro fotográfico, ocorrido antes da escrita das crônicas, fez-se indispensável para que os alunos percebessem de perto o contexto que instigariam as suas narrativas. Mesmo a maioria deles sendo pertencente à realidade destacada, a condição de observador assumida no momento da pesquisa, possibilitou-lhes um olhar distinto diante de suas rotinas diárias. Cosson (2009, p. 68) afirma que “ler e escrever literatura é uma experiência de imersão, um desligamento do mundo para recriá-lo”.

Assim, a utilização de situações reais para a produção da crônica literária mostrou-se significativa para o avanço das produções escritas dos alunos. O resultado dessa experiência se refletiu na capacidade de senso crítico-reflexivo da realidade circundante, atestada nas produções realizadas em sala de aula. Diverso a isto, por vezes, as proposições de escrita do gênero crônica literária, presentes nos livros didáticos de Língua Portuguesa, não surtem um efeito positivo na aprendizagem dos alunos. Possivelmente, tal situação seja proveniente da incipiência reflexiva a cerca das situações cotidianas vivenciadas pelos alunos.

Intentando estabelecer uma comparação com o livro didático utilizado pela escola em 2017, pelos alunos do 9º ano do EFII, – *Português: linguagens*, de Cereja e Cochar –, percebemos que, no referido exemplar, não há propostas de escrita de crônicas, somente de leituras, seguidas da realização de atividades de interpretação. Provavelmente, a atividade de escrita desse gênero tenha sido direcionada para exemplares didáticos da coleção em séries anteriores, conforme critério de escolha adotado por seus autores.

É importante frisar, nessas considerações, que não há como limitar o uso de um gênero textual/discursivo a uma série/ano escolar, apesar de muitos professores terem internalizado isso, por influência dos próprios livros didáticos e de alguns programas de leitura e escrita em nível nacional, a exemplo da Olimpíada de Língua Portuguesa. Os gêneros podem sim ser utilizados em todos os níveis de aprendizagem, contanto que haja um planejamento específico para o público de destino.

Ao percorrer as ruas da cidade, os alunos-autores capturaram instantes, em registros fotográficos, que representam os hábitos e costumes da população. Vejamos a seguir, os episódios cotidianos e os temas abordados pelos alunos-autores:

Em A4, o autor-personagem escolhe denunciar uma realidade social, retratando o tema da desigualdade, ao narrar o seu encontro com um menino “de roupa amassada e suja, olhos murchos e barriga roncando”, na feira livre (ANEXO E). Essa situação muda o rumo da narrativa e conduz o leitor a refletir sobre a situação das crianças pedintes que frequentam as

feiras livres aos sábados. Em A11, o autor- personagem, na condição de observador, narra uma situação vivenciada por duas crianças no fundo de um quintal de uma casinha simples (ANEXO F). Trata-se de uma brincadeira infantil que a aluna-autora intitula de “lutinha”; em meio ao conflito, ocorre um momento em que uma das personagens realiza uma chantagem em troca de seu silêncio, mas o prêmio de compensação encontra-se distante de possibilidades financeiras da coagida. Mais uma vez, o tema da desigualdade social se faz presente, além da temática sobre brincadeiras infantis.

A12 retrata o tema trabalho e sustento, ao trazer para a sua narrativa a sustentabilidade expressa na atitude do pescador: “depois de capturar uma absurda quantidade de peixes, achei que ele já iria embora mas não, ele continuou no mesmo lugar e começou a soltar alguns peixes de volta para a água” (ANEXO G). O momento de contemplação do autor-personagem é interrompido e encaminhado para o diálogo, a partir do seu questionamento diante da ação realizada pelo trabalhador.

Em A18, o episódio apresentado evidencia o momento em que um dos personagens, um pescador humilde, afirma não ter condições de presentear a filha em seu aniversário. Em torno da situação, os pescadores revelam descontentamento diante de suas condições financeiras “tá difícil amigo [...] já cortaram até minha luz” (ANEXO H), acusando a falta de peixes por conta da estiagem.

Em A30, a situação exposta evidencia o problema da pobreza e da fome, ao apresentar como personagens, um casal de idosos e sua neta, desprovidos de condições básicas de sobrevivência (ANEXO I).

Em todas as narrativas produzidas em sala de aula, torna-se evidente a preocupação com as questões sociais. Temáticas como a pobreza, a fome, a desigualdade social, a infância, as condições de trabalho e o sustento, caracterizam as escolhas dos alunos-autores. Podemos notar que as produções escritas partem de eventos locais, para abordar assuntos comuns em diversos lugares do mundo. Assim, a escritura do gênero textual crônica pelos alunos consegue alcançar o patamar de humanização, uma vez que através dela os alunos utilizam “o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres [...]”. (CÂNDIDO, 1995, p. 182).

De posse desses dados, podemos concluir que os alunos-autores conseguiram adequar as suas escritas à proposta de produção, uma vez que eles desenvolveram seus enredos a partir de episódios cotidianos. Ressaltamos que a escolha do ponto de partida para a produção da crônica exigiu dos autores o uso de suas *competências para interação*, uma vez que, cientes

do seu público-leitor, eles selecionaram o que dizer, como e de que maneira dizer. As situações apresentadas nas produções representam vivências comuns à população local, por esse motivo, quase sempre elas tornam-se imperceptíveis em meio à rotina cotidiana. O contato do público com o texto possibilitou enxergar essa realidade, a partir do olhar subjetivo do autor, suscitando assim novas reflexões acerca do cotidiano por ele vivenciado.

As narrativas se desenvolveram em torno de um único acontecimento, preservando assim a unidade temática. Com isso, as crônicas mantiveram as características da brevidade e da continuidade do enredo em torno de um episódio central. Nesse sentido, podemos afirmar que os alunos-autores não divagaram em temas distintos, sustentando assim a unicidade até o final da narrativa. Tal ação requereu dos alunos-autores o uso de suas *competências para a escrita*, uma vez que se fez imprescindível a utilização de mecanismos de coesão e coerência no momento da produção textual.

Além disso, destacamos outra capacidade desenvolvida no momento da escolha da situação cotidiana, dessa vez relacionada ao uso da imagem fotográfica. O fato de os alunos-autores partirem da contemplação e leitura de fotografias, para a delimitação do episódio e tema retratados, lhes confere o desenvolvimento de suas *competências ligadas à escrita como atividade multimodal*. Com essa característica, tornou-se possível estabelecer uma relação de sentido entre a linguagem verbal e não verbal, sem sobrepor uma modalidade a outra, o que resultou em um liame de complementaridade.

3.2.2.2 A escolha do foco narrativo

Em Sá (1985, p. 9), há a confirmação de que, na crônica, diferente do gênero conto, quem assume a postura de narrador é o próprio autor, assim o dono da palavra é o cronista. Ele assume o papel de observador das coisas miúdas do cotidiano e tece sua subjetividade, munindo-se da análise dos acontecimentos. Ao escreverem seus textos, os sujeitos da pesquisa não agiram de maneira diferente, como podemos constatar nas análises, a seguir:

A4 produz o *incipit* da seguinte maneira: “Numa tarde chuvosa, frio tomando conta, lá estava eu visitando a feira livre, na hora da xepa” (ANEXO E). Nesse excerto, podemos notar que a aluna/autora utilizou o foco narrativo em primeira pessoa, assumindo a postura de autor/personagem. O mesmo procedimento foi utilizado por A11 em seu texto, vejamos: “em uma manhã de céu límpido, eu andava observando o mundo ao meu redor [...]” (ANEXO F). Esta última assume, desde a primeira sentença da narrativa, a postura de personagem que observa “as coisas do mundo”.

A12, A18 e A30 seguem o mesmo viés e também escolhem a utilização do foco narrativo em primeira pessoa, conforme verificamos na sequência: “andando nas margens do Açude Tapera, no entardecer de um lindo dia de sábado, observei um pescador se preparando para entrar no açude”, “hoje pela manhã, na minha corrida matinal [...]”, “em uma linda tarde de domingo, andando como de costume, avistei uma bela casinha” (ANEXOS G, H e I).

Como podemos observar, os sujeitos da pesquisa optaram pelo mesmo foco narrativo, embora tenham sido orientados da existência da possibilidade de escolherem a terceira pessoa do discurso em suas produções. Não há como descartar a influência das crônicas literárias lidas em sala de aula nessa escolha, a exemplo das crônicas do próprio Fernando Sabino como *A última crônica* e *Na escuridão miserável*, ambas narradas a partir do discurso da primeira pessoa. A primeira utiliza-se do recurso da metalinguagem, para apresentar o cronista como um observador das cenas cotidianas do Rio de Janeiro. A segunda, também apresenta uma situação em que o narrador, o próprio cronista, é parte constituinte do enredo. Nos mesmos moldes de escrita em primeira pessoa, estão as crônicas *A arte de ser feliz*, de Cecília Meireles, *Escultura em Gesso*, de Epitácio Carvalho e *Meu ideal seria escrever* de Rubem Braga, todas experienciadas em sala de aula. Dentre as obras lidas no decorrer da intervenção, as únicas cujos discursos são organizados em terceira pessoa foram *Pneu furado*, de Luís Fernando Veríssimo e *Negócio de Menino com menina*, de Ivan Ângelo.

Sá (1985) afirma que a preferência pelo uso da terceira pessoa na produção da crônica literária soa como um recurso de estilo utilizado pelo cronista, cuja função é vislumbrar a situação apresentada, mantendo um aparente distanciamento. Ao tecer comentários a respeito das características das obras de Fernando Sabino, ele alega que o autor desvia o foco narrativo da primeira para “uma falsa terceira pessoa”, pois “quem fala da crônica é sempre o próprio cronista” (SÁ, 1985, p. 23).

Com efeito, durante toda a aplicação da intervenção destacamos o perfil do cronista de observador minucioso dos episódios cotidianos, sendo esse outro fator decisivo na escolha do foco narrativo pelos alunos. Assim, a partir da reflexão sobre realidade diária dos munícipes, despertada por meio da leitura da imagem fotográfica, os alunos assumiram a postura de narradores da vida de pessoas simples que nem sempre possuem vozes para falarem sobre si. No entanto, dizer do outro nem sempre condiz com o que o outro quer dizer, por isso o cronista narra o mundo partindo da sua subjetividade, caracterizando assim o perfil ficcional da narrativa.

Lajolo (2001, p.47) afirma que “aquilo de que a literatura fala encarna *o que poderia ter sido*, o que anda na cabeça e anda nas bocas, ou andava, no tempo de cada um” (Grifo da

autora). Tomando essas palavras, a ficcionalização do cotidiano, realizada pelos alunos em seus escritos, parte de seus universos imaginários, constituídos entre experiências vividas, presenciadas ou ouvidas ao longo de suas histórias pessoais. Assim, o texto literário espelha-se na própria vida real, ao passo que permite ir além do que se é, galgando situações que transpassam a realidade visível.

Ao utilizarem-se do *eu* para escreverem as crônicas, os alunos-autores imprimem suas vozes aos textos, suas marcas pessoais, seus vieses diante dos acontecimentos. E, apesar de seus escritos serem resultados de outras leituras, seja de mundo ou de palavras, eles conseguem apresentar *competências para autoria* (Grifos nossos), pois assumem a condição de serem autores de um dizer (ANTUNES, 2016, p. 13). O fato de seus textos terem sido escritos para atender a uma situação real de comunicação, com leitores reais, intensifica o sentimento dos alunos de pertencimento do texto escrito e, por conseguinte, contribui para o aumento da autoconfiança em seus potenciais de escritores.

3.2.2.3 Escolha e caracterização dos personagens e do espaço

Os PCN, terceiro e quarto ciclos (1998, p. 26), afirmam que o texto literário não está limitado à observação dos fatos, uma vez que ele os ultrapassa e os transgride, ao exercer a função de mediador entre o sujeito e o mundo, autorizando a ficção do mundo atual e a sua reinterpretação. Assim ocorre no processo de sua criação, não há compromisso com a fidelidade dos fatos, há uma recriação da realidade, sendo possível criar outro mundo, ao atribuir-lhe novos sentidos.

Os personagens retratados pelos alunos-autores são pessoas simples, que representam a maioria da população local. Nas crônicas analisadas, os feirantes, os pescadores, as crianças, as mulheres e os idosos são alguns dos tipos humanos caracterizados. Nas demais narrativas, que não compõem esta análise, também se fizeram presentes a representação de pessoas comuns nas figuras do canteiro (trabalhador da pedra), dos trabalhadores do sisal e do carroceiro. Faz-se pertinente destacar que, os alunos-autores são filhos, netos, sobrinhos ou irmãos de pessoas que exercem essas profissões. Em suas narrativas, eles se caracterizam como observadores minuciosos das situações retratadas.

Um fato interessante nas crônicas produzidas pelos alunos é a preferência, quase unânime, pela não nomeação dos personagens componentes do enredo. Com isso, mesmo de maneira inconsciente, eles conseguiram representar, em suas escolhas, grupos de pessoas que compõem o quadro populacional da cidade: os trabalhadores comuns, as donas de casa, as

avós que criam os seus netos, entre outros. Sá (1985, p. 59) afirma que “ao inventar um personagem, o cronista confere a marca de ficção a fatos e pessoas reais, sem esquecer que esse ato de fingir é um meio de buscar as faces da realidade”.

Na ausência dos nomes dos personagens, os alunos-autores os caracterizaram com o uso de adjetivos, locuções adjetivas e trechos descritivos. A4, ao referir-se ao feirante, qualifica-o como “humilde e honesto”, reforçando assim, as virtudes desse trabalhador. Já o menino é caracterizado a partir da descrição de sua aparência: “com sua roupa amassada e suja, seus olhos murchos e barriga roncando”. Neste último trecho, os elementos textuais foram utilizados de modo sequenciado, para enfatizar a condição social do personagem (ANEXO E).

A11 caracteriza os personagens a partir de adjetivos e expressões adverbiais que denotam seus comportamentos e virtudes: “dizia a menina toda afoita”, “o menino todo convencido”, “a humildade da menina”, etc.; palavras que remetem à agitação típica da idade pueril (ANEXO F). A12 também enfatiza o perfil psicológico do pescador, ao intitular o seu texto de “A humildade do pescador” (ANEXO G). Em A18, há a ocorrência de alguns adjetivos como “linda”, “cabelos lisos e morenos”, “olho brilhante tão puro”, para caracterizar a personagem filha do pescador (ANEXO H); e em A30, a condição socioeconômica apresentada na narrativa é análoga ao “olhar triste” da avó da menina (ANEXO I).

Os espaços onde os enredos se desenvolvem fazem parte dos pontos turísticos da cidade: o Açude Tapera e o Morro dos Lopes. A maioria dos alunos privilegiou esses cenários, por serem moradores ou residirem nas proximidades. Esses locais são espaços de onde a população tira seu sustento diário, através da pescaria e da lapidação do paralelepípedo. Assim, as narrativas desenvolvidas encontraram espaços propícios para a representação do cotidiano da cidade, já que eles compõem a identidade cultural local.

A relação entre os personagens criados e os espaços reforça o caráter identitário das narrativas e o *conhecimento de mundo* ou *conhecimento enciclopédico*¹⁹ dos alunos-autores. Em A12, esse liame se confirma, no momento em que o autor-personagem narra o episódio do pescador fazendo a devolução dos peixes mais novos para o açude, com a justificativa de que nem todos são para consumo. O cenário do “quintal de flechas”, em A11, associado às crianças brincando de “lutinha”, mostra o universo infantil de muitas crianças que não dispõem de alternativas para se divertir, cabendo a elas improvisar esses momentos. Já em A30, a

¹⁹ Conforme Koch e Elias (2009). Ver conceito na página 72.

casinha isolada “no mato”, onde mora o casal de idosos cuidadores da neta, nos remete a condição de abandono dos moradores da casa.

Notamos, nas crônicas analisadas, que os alunos-autores utilizaram poucos recursos para caracterizar os personagens e o espaço, mesmo assim conseguiram estabelecer algumas relações de sentido entre eles, a partir das escolhas de adjetivos, locuções adjetivas e adverbiais, configurando assim suas *competências para a escrita de textos*.

3.2.2.4 Recursos de linguagem

É através da linguagem que podemos afirmar se um texto se constitui como literário ou não. Conforme atestamos em Cândido (2003), a crônica literária dispensa sumptuosidades, motivo pelo qual a sua leitura e – por que não? – a sua escritura se faz acessível a diversos públicos. Mesmo assim, a simplicidade de sua linguagem não pode ser considerada como um “descaso” ou “improviso”, uma vez que se trata da linguagem literária. O cronista faz-se artesão das palavras para emocionar, suscitar reflexões, denunciar questões sociais, ironizar e/ou fazer rir; mas, sem pesar, ele consegue trazer a leveza e a fluidez semelhante a uma prosa diária.

Assim, desenvolver um texto literário no tempo cronometrado das aulas, nem sempre se torna algo possível, uma vez que a sua linguagem suscita a fruição, algo que pode demandar tempo e um labor mais apurado na lapidação das palavras. No entanto, como a nossa intenção não é a formação de escritores literários, mas sim o desenvolvimento de competências, a partir da apropriação da linguagem para a reflexão acerca da realidade circundante, para o desenvolvimento da criatividade, para a percepção do *eu* no mundo, etc., o seu uso na sala de aula se fez salutar.

A possibilidade da utilização da linguagem coloquial na escrita da crônica literária, fazendo-a aproximar-se da linguagem oral, contribuiu significativamente para a desenvoltura dos alunos no momento da escrita, uma vez que eles se sentiram mais libertos das normas prescritivas gramaticais. Cândido (1992) afirma que o grande prestígio atual da crônica é sinal de que aspectos da oralidade estão sendo transpostos para a escrita, o que caracteriza a quebra de paradigmas e a aproximação da língua natural. Ao concluir essa afirmação, o referido autor atesta que “isto é humanização da melhor” (CÂNDIDO, 2003, p. 16).

Nas produções dos alunos-autores, as marcas de oralidade, típicas da linguagem coloquial, são encontradas tanto na voz de quem narra, quanto nos discursos diretos que

evidenciam a fala dos personagens. Vejamos o quadro abaixo com alguns excertos que evidenciam esse uso:

Quadro 03 - Linguagem coloquial presente nas produções dos alunos.

Alunos/ autores	Trechos caracterizados pelo uso da linguagem coloquial
A4	“frio tomando conta [...]”/ “me aproximando [...]”/ “[..]seu moço”/ “barriga roncando”/ “tô” (ANEXO E).
A11	“lutinha”/ “encheu os olhinhos de água”/ “ela me olhou de cima a baixo”/ “aqueles olhares, aquela sensação, não teve preço” (ANEXO F).
A12	“do nada”/ “seu moço” (ANEXO G).
A18	“quem guenta?”/ “já cortaram até minha luz”/ “um sorriso que nunca tinha visto igual” (ANEXO H).
A30	“me bateu uma sede”/ “tomei coragem”/ “andando por essas bandas”/ “a senhora pode me arrumar um copo com água”/ “tinha vez que”/ “a menina me olhou com aquela carinha de feliz” (ANEXO I).

Fonte: crônicas produzidas pelos alunos

Assim, a escrita da crônica literária pelos alunos permite a utilização da linguagem cotidiana, a qual eles estão acostumados – a língua viva, que flui nos diálogos familiares. Dessa maneira, a produção textual passa a ser mais leve e, por conseguinte, os alunos tendem a possuir maior interesse em desenvolver a escrita. Sem contar que, a linguagem coloquial aproxima mais o autor do público o qual seu texto está destinado, devido à relação de proximidade que se consegue estabelecer com o seu uso.

Como é de se esperar de escritores iniciantes, os alunos-autores não conseguiram utilizar muitos recursos estilísticos, o que fez com que seus textos não extrapolassem muito os sentidos do mundo visível. No entanto, na produção de A11, podemos notar trechos que suscitam o diálogo entre o autor e o seu interlocutor, presença de onomatopeias, além de passagens líricas de reflexão pessoal a respeito da vida. Vejamos algumas dessas passagens abaixo:

Quadro 04- Alguns recursos de estilo utilizados por A11 em sua escrita.

Lirismo-reflexivo	“Aos olhos de pessoas apressadas, aquele ambiente nem era tão bonito... Mas meus olhos enxergam além das paredes desgastadas, ruas sem pavimentação e casas sem muros”.
Diálogo com o interlocutor	“bem, irei direto ao ponto”/ “chamei, na verdade bati palmas”.
Presença de onomatopeias	“iah!hum!rá!
Recurso gráfico	“NADAA!”

para enfatizar a fala da personagem	
--	--

Fonte: crônica produzida pela aluna

É importante salientar que a produção analisada acima é de autoria de uma aluna que possui o hábito assíduo da leitura de livros literários. Assim, a familiaridade com a linguagem, obtida nos momentos de leitura, contribuiu para um maior usufruto dos recursos literários no momento da escrita de sua crônica. Podemos afirmar, então, que a apropriação da linguagem literária através da sua leitura é condição necessária para a sua utilização no momento da escrita. Quanto mais nos deparamos com leituras literárias diversas, mais aumentamos a nossa capacidade de utilizarmos de sua linguagem, para expressarmos nossas visões a cerca do mundo e de nós mesmos.

A utilização desses recursos, mesmo de maneira tímida, demonstra que os alunos-autores conseguiram desenvolver as suas competências para autoria, competências para a interação, competências para a escrita de textos e competências ligadas à escrita como atividade multimodal, conforme as definições apresentadas em Antunes (2016).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso educar para os letramentos. Um ensino conteudista, calcado nos engessamentos das normas gramaticais, não consegue suprir as necessidades de desenvolvimento das competências comunicativas nos alunos. Dessa forma, é importante irmos além, rompendo tradições pedagógicas que corroboram com a exclusão social. Além disso, letrar os educandos, nos tempos contemporâneos, é bem mais que ensinar técnicas de leitura e escrita, embora perpassa por esse patamar. Assim, à escola cabe um ensino que ofereça condições necessárias para o exercício consciente da cidadania, preparando os alunos para interagirem de maneira competente, no meio social, por intermédio das diversas linguagens.

Seguindo essa perspectiva, delineamos a nossa pesquisa, a partir de uma sequência didática com base no gênero textual/discursivo crônica literária e na utilização de linguagens multimodais, como a fotografia. Nesse sentido, primamos pelo desenvolvimento de competências leitoras e escritoras, na perspectiva dos letramentos, através de atividades pautadas na visão interacionista da linguagem, na qual o texto é visto como um lugar de interação.

Apesar de alguns empecilhos ocorridos durante a aplicação da pesquisa, como a limitação do tempo para o desenvolvimento das atividades, a ocorrência de alguns feriados e datas comemorativas na escola, alguns momentos de indisciplina dos alunos e a inoperância da sala de informática para acesso ao blog (o que culminou na sua pouca utilização), os resultados obtidos foram considerados satisfatórios, uma vez que os alunos, em sua maioria, conseguiram desenvolver com êxito as propostas de leitura e escrita solicitadas.

A utilização de imagens fotográficas, para a realização de leituras que suscitaram a reflexão diante de situações cotidianas locais, foi de extrema relevância para o êxito da proposta de produção das crônicas literárias. Diante desse resultado, podemos afirmar que o uso das linguagens multimodais, nas ações pedagógicas, ao lado da utilização das novas tecnologias – prática comum ao dia a dia dos alunos –, consegue despertar a autoestima, a motivação para a participação dos alunos em sala de aula e, principalmente, promove o desenvolvimento de competências voltadas aos usos dos letramentos contemporâneos.

Destacamos, aqui, a riqueza contributiva do texto literário para a formação de leitores e escritores críticos e reflexivos. Em especial, a crônica literária, por demonstrar ser um gênero textual/discursivo promissor para o desenvolvimento de competências comunicativas. Por intermédio dela, foi possível promover o letramento literário, em momentos de leitura e

de escrita, tendo o cotidiano como o pano de fundo para reflexões acerca da natureza humana. A crônica literária que, “na sua despreensão, humaniza” (CÂNDIDO, 1992, p. 13), instiga o aluno a lançar o seu olhar para os episódios diários, a partir de uma leitura breve, acessível e instigante.

Os resultados apresentados neste estudo nos motivam a acreditar que é possível obter êxito no ensino da disciplina Língua Portuguesa em escolas públicas. O desempenho alcançado pelos alunos, nas produções das crônicas literárias, nos mostrou que, ao se fazer um trabalho de escrita de textos de modo processual, com vistas ao atendimento de uma situação comunicativa, os avanços são mais significativos. Dessa forma, as etapas de planejamento, de escrita, de revisão e de reescrita, somadas à nossa intervenção, foram práticas cognitivas indispensáveis para a consolidação da escrita pelos alunos.

As práticas de letramento desenvolvidas no decorrer de nossa pesquisa nos revelaram o quanto é importante propiciar momentos de interação entre os alunos e os textos, em contextos comunicativos diversos. Assim, a realização da *roda de conversa* com o autor local, bem como da *oficina de fotografia* e da *atividade de campo*, foram salutares para a motivação dos alunos no processo da escrita. Por fim, a etapa da culminância veio corroborar com a necessidade da promoção de momentos como esses, uma vez que, durante a exposição das crônicas produzidas e das imagens fotográficas, eram notórios os semblantes de satisfação e o protagonismo dos educandos nas ações desenvolvidas.

Outro fator positivo, no desenvolvimento da nossa pesquisa, foi a organização das aulas em sequência didática, a partir da noção de gênero textual. A adoção desse modelo, com base em Schneuwly e Dolz (2004) e Costa-Hübes (2009), nos permitiu visualizar os caminhos percorridos para se alcançar o propósito comunicativo objetivado. Dessa maneira, mesmo suscetível a mudanças, já que nem todo planejamento é estanque, tornou-se possível estabelecer metas que nortearam toda a ação pedagógica.

Assim, levando em consideração os resultados e discussões acima, este estudo se faz pertinente para o ensino de Língua Portuguesa, uma vez que ele contribui para a formação de alunos críticos, reflexivos e competentes no uso linguagem. A partir dele, esperamos contribuir, de maneira positiva, com o trabalho de professores de educação básica, mostrando-lhes que o ensino fundamentado nos letramentos é capaz de desenvolver melhorias expressivas na aprendizagem dos alunos. A pesquisa, nesse sentido, contribui positivamente na busca por melhorias no ensino de leitura e escrita nos tempos atuais. Por esse motivo, é necessário que o professor assuma o seu papel de pesquisador, atuando sobre a realidade na qual está inserido.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Andresa Guedes Kaminski, WATTHIER, Luciane e COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Escrita e reescrita: uma proposta de mediação e interação pedagógica no ensino fundamental. In: BORGES, Carla Luzia e CASTRO, Maria Lúcia Souza (Orgs.). *A leitura e a (re)escritura no ensino-aprendizagem de língua portuguesa*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.
- ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- _____, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- _____, Irandé. *Práticas pedagógicas para o desenvolvimento das competências em escrita*. In: COELHO, Fábio André e PALOMANES, Roza (orgs.). *Ensino de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2016.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de Língua Portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In: In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BRAIT, Beth. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2015.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEEFF, 1998.
- CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés do chão”. In: *Para gostar de ler: crônicas*. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003.
- _____, Antonio. *O Direito à Literatura. Vários Escritos*. 3ªed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- COSCARELLI, Carla Viana (Org.). *Tecnologias Para Aprender*. São Paulo: Parábola: 2016.
- COSSON, Rildo e PAULINO, Graça. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina e RÖSING, Tânia M. K. (Orgs.). *Escola e Leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.
- COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- _____, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2016.
- COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição e SIMIONI, Claudete Aparecida. Sequência didática: uma proposta metodológica curricular de trabalho com os gêneros

discursivos/textuais. In: BARROS, Eliana Merlin Deganutti e RIOS-REGISTRO, Eliane Segati (Orgs.). *Experiências com sequências didáticas de gêneros textuais*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

COUTINHO, Afrânio; Coutinho, Eduardo de Faria. *A literatura no Brasil*. 7 ed. São Paulo: Global, 2004.

DAMIANI, Magda Floriana. Sobre pesquisas do tipo intervenção. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. Campinas, 2012.

DIONÍSIO, Angela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz e BRITO, Karim Siebeneicher (orgs). *Gêneros Textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

DOLZ, Joaquim e SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

EL FAHL, Alana de Oliveira Freitas. *Coutinho e Candido: elogio à crônica*. 3º Colóquio do Grupo de Estudos Literários Contemporâneos: um cosmopolitismo nos trópicos e 100 anos de Afrânio Coutinho: A crítica literária no Brasil, 3., 2012, Feira de Santana. Anais. Feira de Santana: UEFS, 2012, p. 55-60.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.

_____, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

KLEIMAN, Ângela B. *Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Brasília: MEC, 2005.

KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: Leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

_____, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2008.

LIMA, Sandra Araújo. *O gênero textual crônica nas práticas escolares da leitura e da escrita*. Disponível em: <http://docplayer.com.br/10828388-O-genero-textual-cronica-nas-praticas-escolares-da-leitura-e-da-escrita.html>. Acesso em 29 de maio de 2016.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, Acir Mário, GAYDECZKA, Beatriz e BRITO, Karim

Siebeneicher (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário, GAYDECZKA, Beatriz e BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2006.

MASSAUD, Moisés. *A criação literária: prosa II*. São Paulo: Cultrix, 1967.

NOVELLINO, Marcia Olivé. *Fotografias em livro didático de inglês como língua estrangeira: Análise de suas funções e significados*. Dissertação (Dissertação em Letras) – PUC-Rio, 2007.

PASSARELLI, Lilian Ghiuro. *Ensinando a escrita: o processual e o lúdico*. São Paulo: Olho d'água, 1999.

PETIT, Michèle. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009a.

_____, Michèle. A arte de ler ou como resistir à adversidade. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009b.

PORTELA, Girlene Lima. *Texto no contexto: uma proposta escritural*. Rev. Leia Escola, Campina Grande, v. 14, n. 1, 2014.

_____, Girlene Lima. *Ler para compreender; escrever para interagir: o papel dos processos e das estratégias de escrita no ensino aprendizagem de redação*. Rev. Diadorim, Volume 06, 2009.

PROENÇA FILHO, Domício. *A linguagem literária*. São Paulo: Ática, 1995.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema de três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1998.

_____, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

_____, Magda. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs.). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1999.

_____, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). *Escolarização da leitura literária*. 2ª ed., 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

STREET, Brian V. *Letramentos sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.


SWIDERSKI, Rosiane Moreira da Silva; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição; Abordagem sociointeracionista e sequência didática: relato de uma experiência. *Línguas & Letras*, vol. 10, n.18, 1º sem. 2009.

TRIPP, David. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. *Rev. Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

YUNES, Eliana. *Pensar a leitura: complexidade*. São Paulo: Loyola, 2002.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE SONDAGEM


SONDAGEM



FICHA DIAGNÓSTICA

OBJETIVOS:

- ◆ Levantar informações sobre você, sua família e suas práticas de leitura e escrita;
- ◆ Saber o que você conhece a respeito do gênero textual crônica literária.



TÍTULO DO PROJETO: O cotidiano em palavras: uma proposta de desenvolvimento de habilidades escritoras a partir do gênero textual crônica.

Prezado(a) aluno(a),

Este questionário faz parte de uma pesquisa cujo objetivo é melhorar o seu desempenho no processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, a partir da leitura e produção de crônicas. Para isso, solicito sua colaboração no sentido de responder às perguntas abaixo com a maior sinceridade possível. Não é necessário identificar seu nome. Obrigada!

VOCÊ E SUA FAMÍLIA

1. Qual a sua idade? _____

2. Qual o seu sexo?

() masculino () feminino

3. Vida escolar:

I. Já repetiu essa série alguma vez?

a. () Sim _____ vezes

b. () Não

II. Já repetiu outra(s) série(s) alguma vez?

a. () Sim _____ vezes

b. () Não

III. Já parou de estudar alguma vez?

a. () Sim. Em que série estava? _____ série

b. () Não

4. Trabalha ou já trabalhou em algum serviço para ajudar a família?

a. () Sim. Qual a ocupação? _____

b. () Não.


5. Renda familiar:

a. () Abaixo de um salário mínimo

b. () Um salário mínimo


c. () Dois salários mínimos

d. () Acima de três salários mínimos



PROJETO: O cotidiano em palavras.

01



6. Quantas pessoas moram em sua casa?

- a. 2 a 5 pessoas
 b. 6 a 8 pessoas
 c. mais de 8 pessoas

7. Quem são seus responsáveis?

- a. pai e mãe
 b. só pai
 c. só mãe
 d. avô
 e. avó
 f. irmão
 g. irmã
 h. outros: _____

**8. Seu(s) responsável(eis) trabalha(m)?**

- a. Sim
 b. Não
 Qual(is) a(s) profissão(ões) dele(s)? _____

9. A(s) pessoa(s) responsável(is) por você sabe(m) ler e escrever?

- a. Sim.
 b. Não.
 c. Razoavelmente.

10. Que tipo de leitura seu(s) responsável(is) costumam fazer?

- a. jornais.
 b. revistas.
 c. livros literários.
 d. Outros. Quais? _____

11. Qual o nível de instrução de seu pai?

- a. Sem escolaridade
 b. Ensino Fundamental (1º Grau) Incompleto
 c. Ensino Fundamental (1º Grau) Completo
 d. Ensino Médio (2º Grau) Incompleto
 e. Ensino Médio (2º Grau) Completo
 f. Superior Incompleto
 g. Superior Completo
 h. Não sei informar

**12. Qual o nível de instrução de sua mãe?**

- a. Sem escolaridade
 b. Ensino Fundamental (1º Grau) Incompleto
 c. Ensino Fundamental (1º Grau) Completo
 d. Ensino Médio (2º Grau) Incompleto
 e. Ensino Médio (2º Grau) Completo
 f. Superior Incompleto
 g. Superior Completo
 h. Não sei informar



VOCÊ E O MUNDO

13. Na sua casa tem computador com acesso à internet?

- a. Sim.
b. Não.

14. Você faz uso das tecnologias digitais móveis?

- a. Sim. Quais? _____
b. Não.

15. Você possui o hábito da leitura?

- a. Sim
b. Não

16. Qual o material de leitura que você mais utiliza?

- a. Livro
b. Livro didático
c. Revista
d. Histórias em quadrinhos
e. Jornal
f. Textos da internet ou redes sociais
g. Outros: _____

17. O que motiva sua leitura?

- a. Informação
b. Diversão
c. Conhecimento
d. Obrigação
e. Prazer
f. Curiosidade
g. Outro: _____

18. Caso você não possua o hábito da leitura, cite alguns dos motivos responsáveis por isso.

19. Você sabe o que são crônicas literárias?

- a. Sim
b. Não

20. Você possui o hábito de ler crônicas?

- a. Sim
b. Não

21. Você tem algum conhecimento de nome de autores brasileiros de crônicas?

- a. Sim. Qual(is)? _____
b. Não





22. Você costuma escrever textos fora da escola? Em quais situações?

23. No seu cotidiano, quais assuntos lhe despertam o interesse em escrever?

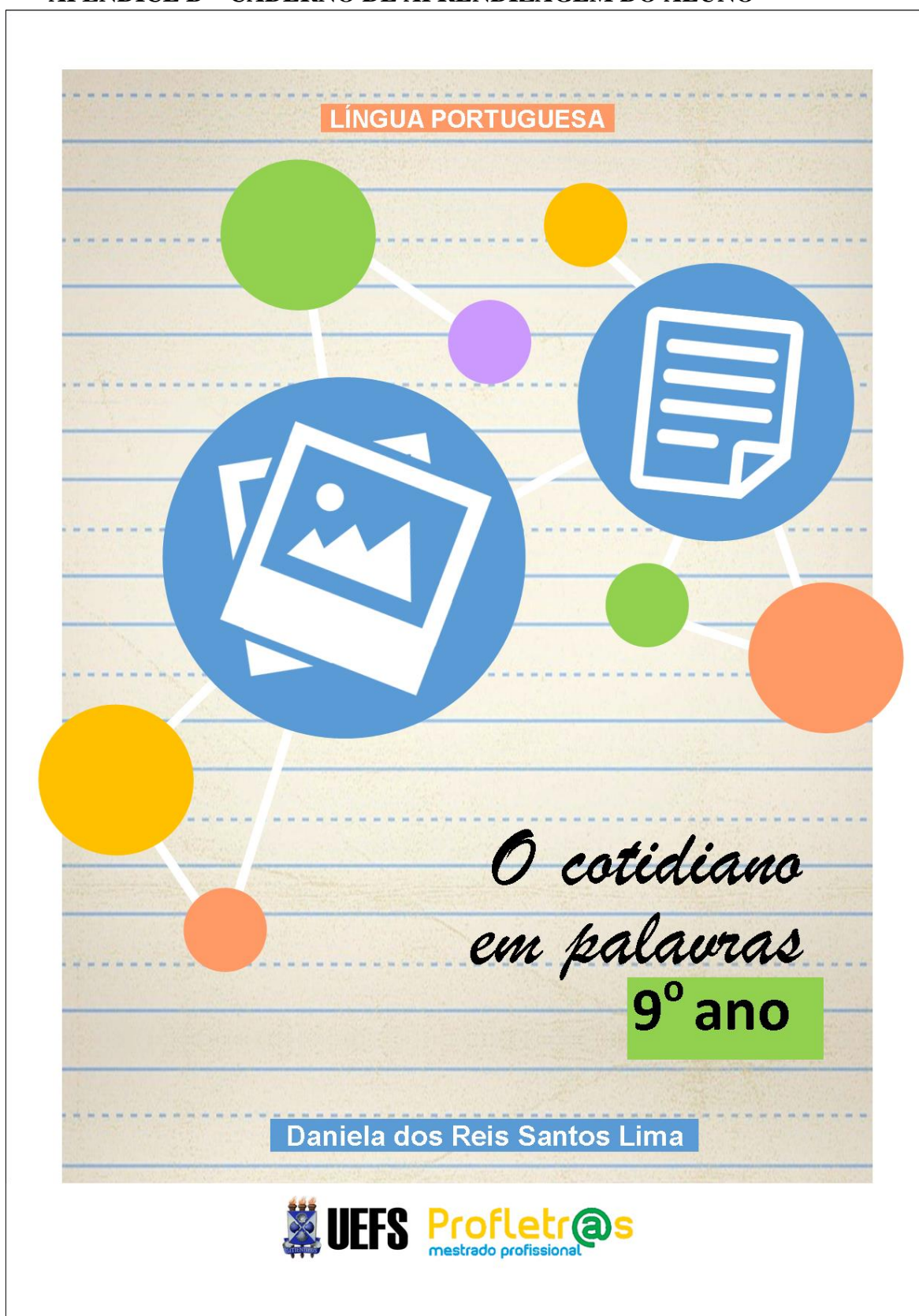
24. Você possui alguma dificuldade ao produzir textos escritos? Cite algumas, caso haja dificuldade.

25. Você gosta da disciplina Língua Portuguesa? Por quê?

26. Produza um parágrafo opinativo sobre a importância da escrita no cotidiano das pessoas.



APÊNDICE B – CADERNO DE APRENDIZAGEM DO ALUNO





Daniela dos Reis Santos Lima

Docente efetiva das redes municipal e estadual de ensino em Santaluz/BA
Graduada em Letras/Hab. em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa/UNEB

Especialista em Estudos Linguísticos/UNEB
Mestranda do Profletras/UEFS

Blog:

www.ocotidianoempalavras.wordpress.com

Ícones utilizados neste material



Vídeo



Interação



Leitura



Estudo do texto



Atividade



Ampliando o conhecimento



Áudio



Sites



Livros



Filmes



Pesquisa



Acesso ao blog



Momento da escrita



Revisão textual



UEFS

Universidade Estadual
de Feira de Santana

Profletr@s
mestrado profissional

O cotidiano em palavras. Daniela dos Reis Santos Lima. Mestrado Profissional em Letras – UEFS, 2017. Este material didático-pedagógico foi desenvolvido pela professora Daniela dos Reis Santos Lima e ainda será testado em sua pesquisa de intervenção, portanto não é permitida a sua utilização até a conclusão do mestrado, prevista para início de 2018.

APRESENTAÇÃO

Caro(a) aluno(a),

Este caderno foi elaborado com o propósito de organizar as atividades aplicadas no decorrer do projeto de intervenção, *O cotidiano em palavras: uma proposta de desenvolvimento de habilidades escritoras a partir do gênero crônica*, desenvolvido no Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS/UEFS. As atividades produzidas têm por objetivo o desenvolvimento de habilidades leitoras e escritoras, a partir do gênero textual crônica, por meio de uma sequência didática que permita a valorização da identidade cultural do educando e a inserção das múltiplas linguagens, possibilitando assim a formação de cidadãos cômicos da sua aprendizagem.

O caderno está estruturado da seguinte maneira:

Atividade 01 – *As palavras e o mundo, as palavras são um mundo!*: é um conjunto de atividades que aborda a importância da leitura e da escrita, como meio para a aquisição de conhecimentos e transformação de realidades.

Atividade 02 – *Lendo o texto literário*: são atividades destinadas à leitura e à compreensão do texto literário, visando o letramento literário.

Atividade 03 e 04 – *Muito prazer, eu sou a crônica!*: é um conjunto de atividades que tem por finalidade o reconhecimento das características do gênero textual crônica literária.

Atividade 05 – *A fotografia e sua linguagem*: é um conjunto de atividades referente à oficina de conhecimentos básicos sobre a linguagem fotográfica

Atividade 06 – *Eu sou o autor*: é uma atividade destinada à produção inicial, na qual serão colocados em prática os conhecimentos adquiridos até essa etapa.

Atividade 07 – *Módulo de intervenção*: são atividades produzidas com o intuito de intervir nas dificuldades de aprendizagem identificadas durante a produção textual.

Atividade 08 – *Olhares cotidianos: entre crônicas e imagens*: é a etapa destinada à produção final, na qual serão produzidas crônicas literárias sobre o cotidiano da cidade onde moramos.

Atividade 09 – *Preparando a exposição*: é a etapa destinada ao reconhecimento da importância da exposição para a concretização da situação comunicativa proposta pelo projeto.

Ao final da proposta de intervenção, espero que consigamos alcançar um resultado satisfatório na aprendizagem da disciplina Língua Portuguesa. Sabemos que o conhecimento é infinito e que estamos em constante aprendizado, portanto desejo que as experiências adquiridas no decorrer do projeto - *O cotidiano em palavras: uma proposta para o desenvolvimento de habilidades escritoras a partir do gênero crônica* - sirvam de estímulo para a busca contínua de novos saberes.

Bom estudo!
A autora



AS PALAVRAS E O MUNDO, AS PALAVRAS SÃO UM MUNDO!

O que veremos nesta aula?

- A leitura possui o poder de transformar realidades;
- O hábito de ler estimula a capacidade criativa;
- Escrever pode ser um ato prazeroso;
- Somos escritores em potencial.

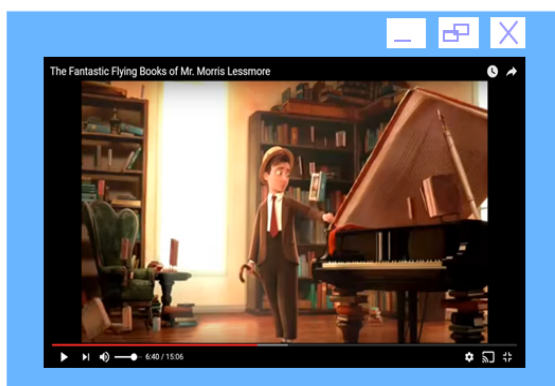
PARTE I

A leitura e seu poder transformador

Para início de conversa...



1. O curta-metragem *Os fantásticos livros voadores do Sr. Morris Lessmore* (*The fantastic flying books of Mr. Morris Lessmore*), vencedor do Oscar de melhor animação no ano de 2012, apresenta a importância da leitura enquanto meio de transformação na vida das pessoas.



Disponível em: <https://youtu.be/LjkdEvmM5xs>

FICHA TÉCNICA

Diretor: William Joyce, Brandon Oldenburg
 Produção: Iddo Lampton Enochs Jr., Trish Farnsworth-Smith, Alissa M. Kantrow
 Roteiro: William Joyce
 Trilha Sonora: John Hunter
 Duração: 15 min.
 Ano: 2011
 País: EUA
 Gênero: Animação
 Estúdio: Moonbot Studios

Disponível em: <https://goo.gl/TrWres>



I. Após assistir ao vídeo, discuta com os colegas:

- Qual a função da leitura na vida da personagem?
- Você acredita que a leitura pode transformar a vida das pessoas? De que maneira?
- No momento da leitura, é possível nos envolvermos com o enredo a ponto de nos reconhecermos na história?
- Você já vivenciou essa experiência? Relate-a.
- E em sua vida, qual a importância da leitura?



Ler é muito mais que um prazer

A leitura é uma das atividades que nos define como seres humanos e, entretanto, perdeu a sua popularidade no mundo moderno, em função das novas e menos exigentes formas de entretenimento, tais como a televisão, o cinema e os vídeo-games.

Entretanto, vale a pena nos dedicarmos alguns minutos para refletir sobre o hábito de ler pois, afinal, o que a leitura nos agrega?

1. É, ao mesmo tempo, um banquete e um exercício para a mente

A leitura nos abre a riqueza infinita do conhecimento, estimula a nossa imaginação, nossos sentidos e nossas emoções. É um exercício mental, no qual nosso cérebro participa ativamente, ordenando ideias, relacionando conceitos e provocando reações e opiniões. Essa sorte de chuvas de ideias que são produzidas em nosso cérebro estabelece novas sinapses, que favorecem o pensamento crítico e evitam que nossas funções cognitivas, como por exemplo a memória, a **concentração** e a atenção se deteriorem.

2. De mãos dadas com o sucesso

Um estudo realizado na Universidade de Oxford identificou que **quem já era leitor habitual na adolescência possui uma probabilidade significativamente maior de alcançar sucesso no âmbito profissional na sua terceira década de vida**. O que não é de se estranhar, se levarmos em consideração o que vimos no item anterior, sobre os benefícios que esta atividade comporta para a nossa mente e sobre o leque de conhecimentos ao qual somos expostos.

3. Une pessoas

Sim, a **leitura melhora os relacionamentos sociais de várias maneiras**: uma porque, ao proporcionarmos novos e diversos tópicos de conhecimento, temos mais assuntos para conversar e compartilhar com os demais. **A onda expansiva que começa em nosso cérebro conectando neurônios entre si, continua exercendo seu efeito quando nos interconectamos com as outras pessoas**. E o fenômeno não termina aí, já que o intercâmbio de ideias enriquece o tema com novas e inesperadas perspectivas e pontos de vista que não havíamos considerado, o qual, por sua vez, expande o potencial do nosso cérebro.

Outra forma que a leitura favorece nossa interação social: **o interesse comum por um livro ou um tema de leitura em particular com um grupo de pessoas nos dá um sentido de pertencer aos membros de tal grupo**.

Por último, **foi comprovado que a leitura do gênero narrativo em particular favorece a empatia**, já que faz com que nos envolvamos e até nos identifiquemos com os sentimentos, dramas e **emoções** que os personagens vivem. Curioso, não é?

4. Manda o estresse passear

Isso pode acontecer por vários motivos: primeiro porque, **ao mostrar as várias circunstâncias que os seres humanos vivem ou viveram em diferentes lugares, culturas e épocas, faz-nos relativizar a nossa situação e ver que nossos problemas não são os únicos nem os mais graves que existem**. Isso também pode fazer com que aprendamos outras experiências, adquirindo novos recursos para aplicarmos na vida.

Ler também é útil como terapia para o **estresse** porque é uma atividade prazerosa por si mesma, que nos relaxa e simplesmente faz com que desfrutemos de uma tão grata atividade. Adicionalmente, **a leitura de temas edificantes que nos dão esperança e nos mostram alternativas construtivas de como ver a vida**, tais como livros espiritualistas, expande nossas possibilidades e aumenta nosso bem-estar.

Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/ler-e-muito-mais-que-um-prazer/>



Fonte: <http://bit.ly/2sb3iqZ>

Glossário:

Agregar: v.t.d. fazer com que se juntem (pessoas ou coisas); reunir, congregar.

Sinapses: s.f. [Anatomia] Ponto de contato entre duas células nervosas.

Cognição: s.f. Aquisição de conhecimento; capacidade de discernir, de assimilar esse conhecimento, percepção.

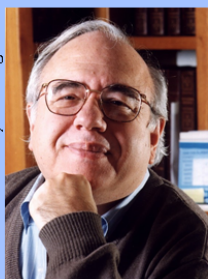
Relativizar: v.t.d. Descrever algo relacionando uma coisa com outra, não admitir ou tomar como absoluto, completo, restito.

Edificar: v.t.d. Ser levado ou conduzido em direção ao aperfeiçoamento moral e/ou religioso; conduzir à virtude.



TEXTO II

Foto: Sybio Strangelo



Luis Fernando Veríssimo, nasceu no ano de 1936. Cronista, humorista e jornalista gaúcho, autor de *O Analista de Bagé* (1981), *A Velhinha de Taubaté* (1983), *Ed Mort e Outras Histórias* (1979) e *Comédias da Vida Privada* (1994). Eleito em 1995 Homem de Ideias do *Jornal do Brasil*, ganhou o Prêmio Abril para Humorismo Jornalístico, em 1982, e o Troféu Juca Pato – Intelectual do Ano de 1996, concedido pela União Brasileira de Escritores.

Disponível em:
<http://biografia.ahistoria.com.br/luis-fernando-verissimo-resumo/>

ATIVIDADE 01

A Descoberta

- Bom dia. Eu sou o pai do Buscapé.
- Do Buscapé?
- Do Otávio.
- Ah, do Otávio. Pois não.
- Ele é muito danado.
- Eu sei. Quer dizer, não. Ele é um menino, vamos dizer, hiperativo.
- "Hiper" é pouco.
- Eu não acho que...
- Por favor. Não precisa se constranger. Eu sou o pai e sei. Ele é um monstro.
- É.
- E é sobre isso que eu queria lhe falar.
- Ele contou que eu gritei com ele na aula...
- Não, não. Isso ele nem nota. Está acostumado. É que a mãe dele está preocupada.
- Eu não me preocuparia. Todas as crianças são hiperativas nessa fase. O Buscapé... O Otávio só é um pouco mais do que as outras. A sua senhora não deve...
- Mas ela está preocupada com outra coisa.
- O quê?
- O Buscapé não pára de ler.
- Não pára de ler? Mas isso é ótimo.
- Desde que começou a ler, anda sempre com um livro debaixo do braço. Quando a gente estranha o silêncio dentro de casa, vai ver é ele não fazendo barulho. Está atirado no chão, soletrando um livro, muito compenetrado.
- Mas eu não vejo qual o problema.
- É a mãe dele que... Bom, ela sente falta.
- Do quê?
- Da agitação do Buscapé. Ela não está acostumada, entende? A ter um intelectual em casa. Outro dia até brigou com ele.
- Por quê?
- Ele estava quieto demais. Ela gritou: "Eu não aguento mais. Quebra alguma coisa!".
- Mas eu não entendo o que eu posso...
- Bom, se a senhora pudesse, sei lá. Não digo desencorajar o Buscapé. Só dizer que ele não precisa exagerar.
- Mas ele está descobrindo o mundo maravilhoso dos livros. Isso é formidável.
- É, só que a gente fica, não é... Com um certo ciúme.
- (Luis Fernando Veríssimo. O melhor das comédias da vida privada. Rio de Janeiro: Objetiva. 1994)



Fonte: <https://goo.gl/8x0dX>

Glossário:

Constranger: v.t. Embaraçar, atrapalhar ou acanhar, colocar alguém numa situação desconfortável.



COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

- Os dois textos possuem um tema em comum. De que eles tratam?

- O texto I afirma que a leitura vem perdendo espaço para outras formas de entretenimento. Você concorda com essa afirmação? Além dos meios de entretenimento citados, você acrescentaria mais algum?

- O texto II apresenta uma situação que vai de encontro a essa afirmação presente no texto I. Que situação é essa? Ela é comum nos dias de hoje?

- Segundo o texto I, por que a leitura pode ser considerada um exercício mental?

- Podemos concluir que, quanto mais cedo fomos inseridos no mundo da leitura, teremos chance de progredir profissionalmente e pessoalmente. Comente.

- No texto II, podemos perceber que há uma diferença no comportamento de Otávio, ao estar na escola, ou em casa. Que hipótese poderíamos levantar a esse respeito?

- Podemos estabelecer uma relação entre o comportamento de Otávio e o seu apelido? Qual?

- Qual a reação dos pais de Buscapé (Otávio) ao perceberem a mudança no comportamento do filho?

- Os dois textos abordam o mesmo tema de maneira distinta. Explique como se dá essa abordagem em ambos.



Fonte: <http://stockphoto.com/>

Pontos de vista

Quando Nero queria ver o mundo melhor olhava-o através de uma esmeralda.

Quando quero ver melhor o mundo eu o olho através das palavras.

(Maira Colasanti. Fino Sangue. Rio de Janeiro, 2005, p. 81)

Nero Cláudio César Augusto Germânico foi um imperador romano que governou de 13 de outubro de 54 até a sua morte, a 9 de junho de 68. Nascido com o nome de **Lúcio Domício Enobarbo**, era descendente de uma das principais famílias romanas, pelo pai Cneu Domício Enobarbo e pela família imperial júlio-claudiana através da mãe Agripina, a Jovem, filha de Germânico e neta de César Augusto. Ascendeu ao trono após a morte do seu tio Cláudio, que o nomeara o seu sucessor.

Fonte: Wikipédia.



Fonte: <http://www.shutterstock.com/>



Nesta aula, percebemos que a leitura tem o poder de agregar aspectos positivos em nossas vidas. E você, como tem incluído a leitura em seu dia a dia? No espaço abaixo, faça uma lista de livros que você já tenha lido. No final do ano letivo, faça uma nova lista e veja se conseguiu enriquecer o seu universo de leitor.



Fonte: <https://goo.gl/vmZnc3>

Lista de livros lidos por mim ❤️

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.
- 10.
- 11.
- 12.
- 13.
- 14.
- 15.
- 16.

PARTE II

Ofício de escritor

1. Leia os depoimentos sobre o processo de criação textual, de escritores consagrados e de outros iniciantes, e responda:



Fonte: Folha Uol

“Quando criança, eu era adicto à literatura, não podia ficar sem ler. A minha conexão com a vida acontecia via literatura. Eu lia para aprender a viver, para saber o que fazer. É claro que isso provoca muitas decepções, muitos choques, porque a vida não é a literatura. Assim, quando comecei a escrever, foi porque lia. Outra razão é que meus pais foram grandes contadores de história. Numa noite quente como essa, as pessoas do meu bairro se reuniam para contar histórias, o que, desde muito cedo se incorporou em mim, passou a ser uma coisa que eu também queria fazer, só que à minha maneira, escrevendo.” (Moacyr Scliar)

Disponível em: <http://homoliteratus.com/por-que-escrevo-19-depoimentos-que-voce-precisa-conhecer/>

Moacyr Jaime Scliar (Porto Alegre, 23 de março de 1937 — Porto Alegre, 27 de fevereiro de 2011) foi um escritor brasileiro. Formado em medicina, trabalhou como médico especialista em saúde pública e professor universitário. Sua prolífica obra consiste de contos, romances, ensaios e literatura infanto-juvenil. Também ficou conhecido por suas crônicas nos principais jornais do país.

Fonte: Wikipédia.

“Acho que para cada escritor há uma razão diferente. No meu caso, num certo sentido, é o desejo interior de dar um testemunho do meu tempo, da minha gente e principalmente de mim mesma: eu existi, eu sou, eu pensei, eu senti, e eu queria que você soubesse. No fundo, é esse o grito do escritor, de todo artista. Creio que o impulso de todo artista é esse. É se fazer ver. Eu existo, olha pra mim, escuta o que eu quero dizer: tenho uma coisa pra te contar. Creio que é por isso que a gente escreve.” (Rachel de Queiroz)



Fonte: Edmarcio Uli

Disponível em: <http://homoliteratus.com/por-que-escrevo-19-depoimentos-que-voce-precisa-conhecer/>

Rachel de Queiroz (Fortaleza, 17 de novembro de 1910 — Rio de Janeiro, 4 de novembro de 2003) foi uma tradutora, romancista, escritora, jornalista, cronista prolífica e importante dramaturga brasileira. Autora de destaque na ficção social nordestina. Foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Em 1993, foi a primeira mulher galardoada com o Prêmio Camões. Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 15 de agosto de 1994, na ocasião do centenário da instituição. Fonte Wikipédia



Fonte: arquivo pessoal

“Ao escrever, arquitetamos a melhor das moradas, moldando cada cômodo à nossa maneira. No entanto, não há palavras que descrevam de modo fidedigno a sensação de conseguir expressar – às vezes, com certo duelo interior – aquilo que brota no mais ínfimo da nossa alma. É importante destacar que as mais significativas ideias fazem-se presentes em momentos inoportunos; quando não se tem acesso ao seu caderno de rascunho e anotações, é por isso que se evidencia que nem sempre é questão de inspiração. Tudo, a qualquer hora, pode desencadear o desejo voraz de escrever.” (Franciele Santana)

@apreciarerefugiar_se

Franciele Santana nasceu na cidade de Santaluz-Ba, no dia 12 de junho de 1998. Amante dos livros e da arte da escrita, ela possui uma página no instagram, chamada @apreciarerefugiar_se, onde publica textos de autoria própria.

“Escrevo, porque é necessário. É como remédio... Vício e fórmula de produzir prazer. Escrever é o registro da identidade. Sou o que escrevo. Eu escrevo, porque está escrito em meu destino ...o menino ou menina, o homem ou a mulher que sou: entrelaçados nas palavras que geradas nos meus jogos de memórias, nos meus intensos desejos de inscrever-me no concurso literário da vida: escrever sobre a escrita prazerosa do ser e não ser, e da questão do inexistir...sem escrever. Por tudo que já falei, escrever é o meu silêncio. Minha forma de dizer, de criticar, de respirar a palavra. É tão bom sobreviver às diferenças! E escrever já começa a fazer a diferença. Descrença no que não está escrito. Mas com certeza escrever é dizer...para sempre. Mas é bom lembrar que nem sempre é papel e tinta que usamos. Escrevemos com a fé. O sentimento e a razão.. Razão, como nos diz certo poeta: que a própria razão desconhece. Coração é coração. Vem diretamente para as mãos...e escreve!” (Anedy Belisário)



Fonte: arquivo pessoal

Anedy Carneiro do Carmo Belisário nasceu na cidade de Santaluz-Ba, no dia 29 de março de 1961. É professora da rede Municipal e Estadual, em sua cidade de origem, e poetisa. Atualmente, possui o blog www.anypoetisa.blogspot.com.br, onde publica poesias de autoria própria.

I. Nos depoimentos acima, podemos perceber que cada escritor relata o processo de criação textual à sua maneira. O que podemos concluir a respeito dessa diversidade de opiniões?

II. Para cada depoimento apresentado, escreva uma palavra-chave ou uma frase que possa representar o processo de escrita na visão de cada autor:

a. depoimento I: _____

- b. depoimento II: _____
 c. depoimento III: _____
 d. depoimento IV: _____

III. Você acredita que o hábito da leitura pode influenciar o gosto pela escrita? Comente.

IV. Você gosta de escrever textos? Por quê?

V. De acordo com os depoimentos, cada escritor encontra uma satisfação ao escrever. E você, qual o seu “prazer em escrever”?

VI. Você acredita que todos nós somos escritores em potencial? Comente.



Ampliando o conhecimento



Sites:

- ⇒ <http://www.entretelas.blog.br/>
- ⇒ <http://www.carlosdrummond.com.br/>
- ⇒ <http://bukowski-poemas.blogspot.com.br/>



Livros:

- ⇒ A menina que roubava livros (Markus Zusak);
- ⇒ O diário de Anne Frank (Anne Frank);
- ⇒ O diário de Zlata (Zlata Filipović).



Filmes:

- ⇒ Escritores da Liberdade (Richard Lagravenese, Drama, 2007);
- ⇒ Mais Estranho que a Ficção (Marc Forster, Comédia, 2006);
- ⇒ Mãos Talentosas (Thomas Carter, Drama, 2009).



AUTOAVALIAÇÃO

Responda as perguntas e avalie o seu desenvolvimento:

1. Percebo a leitura como um meio importante para a minha formação cidadã?
 Sim Não
2. Percebo a escrita como um instrumento importante para a interação entre os indivíduos que compõem uma sociedade?
 Sim Não
3. Participo das aulas com alguns questionamentos e comentários?
 Sim Não Raramente

4. Executo as atividades solicitadas demonstrando organização?
() Sim () Não () Raramente
5. Respeito as opiniões dos colegas?
() Sim () Não () Raramente
6. Apresento minhas opiniões com clareza para os colegas e para o professor?
() Sim () Não () Raramente
7. Registro no caderno as informações transmitidas e solicitadas pelo professor?
() Sim () Não () Raramente



LENDO O TEXTO LITERÁRIO

O que veremos nesta aula?

- A leitura do texto literário desenvolve a sensibilidade estética, a imaginação, a criatividade e o senso crítico;
- Ao ler o texto literário, estabelecemos relações entre o lido/vivido ou conhecido (conhecimento de mundo).

PARTE I

Olhar, ver e perceber o mundo ao meu redor



1. A partir da leitura da letra da canção *Paisagem da janela* de Lô Borges e Fernando Brant, acompanhada da audição da música, responda as seguintes questões:

Paisagem da janela
(Lô Borges e Fernando Brant)

Da janela lateral do quarto de dormir
Vejo uma igreja, um sinal de glória
Vejo um muro branco e um vô pássaro
Vejo uma grade, um velho sinal

Mensageiro natural de coisas naturais
Quando eu falava dessas cores mórbidas
Quando eu falava desses homens sórdidos
Quando eu falava desse temporal
Você não escutou

Você não quer acreditar
Mas isso é tão normal
Você não quer acreditar
E eu apenas era

Cavaleiro marginal lavado em ribeirão
Cavaleiro negro que viveu mistérios
Cavaleiro e senhor de casa e árvores
Sem querer descanso nem dominical

Cavaleiro marginal banhado em ribeirão
Conheci as torres e os cemitérios
Conheci os homens e os seus velórios
Quando olhava da janela lateral
Do quarto de dormir

Você não quer acreditar
Mas isso tão normal
Você não quer acreditar
Mas isso tão normal
Um cavaleiro marginal
Banhado em ribeirão
Você não quer acreditar

Disponível em: <https://goo.gl/gtK1jW>

a. Na letra da canção, o eu-lírico faz a descrição de um local, apresentando alguns elementos que o caracterizam. Que elementos são esses? A partir deles, podemos imaginar como é a vida das pessoas nesse lugar? Comente.

b. Ao ouvir a letra da canção, que sensação ou sentimento foi despertado em você? Comente.

Glossário:

Mórbida adj. Que se apresenta de modo triste; pessoa mórbida; livro mórbido.

Sórdido adj. Que prejudica as boas maneiras, a moral ou os bons costumes.

Cavaleiro adj. Homem montado a cavalo; o que sabe e costuma andar a cavalo.



E você, tem observado o mundo a sua volta? “O que você vê da sua janela”?
Escreva, no espaço abaixo, o que você costuma observar no seu cotidiano.



PARTE II



TEXTO I

Texto literário

Imaginemos que, na comunicação cotidiana, alguém nos diga a seguinte frase:

- Uma flor nasceu no chão da minha rua!

Entendemos que se refere a algo que ocorreu, correspondente a um fato acontecido anteriormente e de fácil comprovação. A seleção e a sucessão de palavras feitas pelo interlocutor dão à frase uma significação que pode, ou não, ser confrontada com a realidade imediata.

Retomemos a nossa frase inicial, agora ligeiramente modificada e combinada com outros elementos:

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralitem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.
[...]

Carlos Drummond de Andrade

Estamos diante de uma utilização especial da língua que falamos. O ritmo que caracteriza o texto, a natureza do que se comunica e, ao chegar até nós por escrito, a distribuição das palavras no espaço papel, justificam essa conclusão. As palavras ganham sentidos múltiplos e marcas de ambiguidades que vão além do real concreto e passam a ter significado em função do conjunto em que a palavra se encontra.

A linguagem da literatura, tanto em prosa, quanto em verso, remetem a uma realidade dos homens e do mundo, mais profunda do que a realidade imediata perceptível e traduzível no discurso comum das pessoas. O discurso literário está a serviço da criação artística. O nosso entendimento passa a ser proporcional ao nosso repertório cultural, enquanto receptores e usuários de um saber comum.

PROENÇA FILHO, Domício. A Linguagem literária. São Paulo: Ática, 1995. Trecho adaptado.



TEXTO II

Antes de fazer a leitura do texto literário, conheça um pouco sobre a vida e a obra da escritora Cecília Meireles, autora do próximo texto a ser lido.

Fonte: <https://goo.gl/yVJSGM>



Biografia

Cecília Benevides de Carvalho Meireles (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1901 - idem 1964). Poeta, cronista, educadora, ensaísta, tradutora e dramaturga. Seus três irmãos mais velhos morrem antes de ela nascer; seu pai, três meses antes de seu nascimento; e a mãe, antes de ela completar 3 anos. É criada pela avó materna, Jacinta Garcia Benevides, natural dos Açores, Portugal. Conclui o curso primário em 1910, na Escola Estácio de Sá, quando recebe das mãos do poeta Olavo Bilac (1865-1918), então inspetor escolar do Distrito Federal, medalha de ouro por ter concluído o curso com "distinção e louvor". Diplomando-se no curso normal do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, em 1917, o magistério torna-se uma de suas paixões, levando-a a escrever para o público infantil, em livros didáticos, como *Criança, Meu Amor*, de 1924, ou em poemas, como *On Isto ou Aquilo*, de 1964. Em 1922, casa-se com o artista plástico português Correia Dias (1893-1935), com quem tem três filhas - a mais nova, Maria Fernanda (1928), torna-se atriz de teatro.

De 1930 a 1933, mantém no *Diário de Notícias* uma página diária sobre problemas de educação, que resulta um livro póstumo de cinco volumes, *Crônicas da Educação*, e, em 1934, organiza a primeira biblioteca infantil do Brasil, no Rio de Janeiro. Assina, em 1932, com os educadores Fernando de Azevedo (1894-1974), Anísio Teixeira (1900-1971), Afrânio Peixoto (1876-1947), entre outros, o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, marco da renovação educacional do país.

Em 1935, seu marido se suicida. Cinco anos depois, Cecília casa-se com o professor e engenheiro agrônomo Heitor Vinícius da Silveira Gnilo. Aposenta-se como diretora de escola em 1951, mas se mantém como produtora e redatora de programas culturais da Rádio MEC, que são reunidos postumamente no livro *Ilusões da Vida*, de 1976. Embora tenha estreado aos 18 anos, com o livro de sonetos *Espectros*, em 1919, somente com *Viagem*, de 1939, vencedor do Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras - ABL, encontra seu estilo definitivo. Mesmo considerada uma poeta filiada ao modernismo, seus caminhos estéticos estão mais ligados à evolução pessoal que a movimentos literários. Entre outros temas, sua obra aborda a solidão, a brevidade da vida e a religiosidade.

Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3245/cecilia-meireles>.

A ARTE DE SER FELIZ

DA FELICIDADE

Quantas vezes a gente, em busca da ventura,
Procede tal e qual o avozinho infeliz:
Em vão, por toda parte, os óculos procura
Tendo-os na ponta do nariz!

Mario Quintana

Para você, o que é necessário para ser feliz?



Fonte: <https://goo.gl/Quctf0>



TEXTO III

Em *A arte de ser feliz*, Cecília Meireles expõe a sua visão sobre a felicidade de maneira simples e reflexiva. Vejamos!

A arte de ser feliz

Houve um tempo em que a minha janela se abria para um chalé. Na ponta do chalé brilhava um grande ovo de louça azul. Nesse ovo costumava pousar um pombo branco. Ora, nos dias límpidos, quando o céu ficava da mesma cor do ovo de louça, o pombo parecia pousado no ar. Eu era criança, achava essa ilusão maravilhosa e sentia-me completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela dava para um canal. No canal oscilava um barco. Um barco carregado de flores. Para onde iam aquelas flores? Quem as comprava? Em que jarra, em que sala, diante de quem brilhariam, na sua breve existência? E que mãos as tinham criado? E que pessoas iam sorrir de alegria ao recebê-las? Eu não era mais criança, porém a minha alma ficava completamente feliz.

Houve um tempo em que minha janela se abria para um terreiro, onde uma vasta mangueira alargava sua copa redonda. À sombra da árvore, numa esteira, passava quase todo o dia sentada uma mulher, cercada de crianças. E contava histórias. Eu não podia ouvir, da altura da janela; e mesmo que a ouvisse, não a entenderia, porque isso foi muito longe, num idioma difícil. Mas as crianças tinham tal expressão no rosto, a às vezes faziam com as mãos arabescos tão compreensíveis, que eu participava do auditório, imaginava os assuntos e suas peripécias e me sentia completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela se abria sobre uma cidade que parecia feita de giz. Perto da janela havia um pequeno jardim seco. Era uma época de estiagem, de terra esfarelada, e o jardim parecia morto. Mas todas as manhãs vinha um pobre homem com um balde e em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas. Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse. E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos magros e meu coração ficava completamente feliz.

Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outros que só existem diante das minhas janelas e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.

Cecília Meireles. Disponível em: <http://www.revistapazes.com/arte-de-ser-feliz-texto-de-cecilia-meireles/>.



COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

1. Qual o tema abordado na crônica *A arte de ser feliz*?

2. A narradora apresenta situações e cenários diferentes, porém a sua maneira de observar o mundo ao seu redor é a mesma. Comente.

3. Se pudéssemos fazer uma relação entre as maneiras de observar a realidade e as fases da vida, a que fase cada parágrafo poderia ser relacionado? Justifique a sua resposta.

4. A partir da leitura, podemos chegar a uma conclusão sobre o que é necessário para sermos felizes? Comente.

5. E você, como tem interpretado o mundo ao seu redor? Você concorda com a maneira como a narradora enxerga a sua realidade? Comente.



Em grupo, releia a crônica de Cecília Meireles e produza uma paráfrase com seus colegas.

Para lembrar...

A paráfrase, originária do grego *paraphrasis* (repetição de uma sentença), constitui-se na recriação textual, tendo como suporte um texto-fonte. Ao parafrasearmos um texto, estamos atribuindo-lhe uma nova “roupagem” discursiva, embora mantendo a mesma ideia contida no texto original. Vejamos:

Texto Original – *Canção do Exílio*

*Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá,
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.
[...]*

Gonçalves Dias

Paráfrase

*Meus olhos brasileiros se fecham saudosos
Minha boca procura a 'Canção do Exílio'.
Como era mesmo a 'Canção do Exílio'?
Eu tão esquecido de minha terra...
Ai terra que tem palmeiras
Onde canta o sabiá!
[...]*

Carlos Drummond de Andrade

Disponível em: <https://goo.gl/H4X9XU>



Ampliando o conhecimento



Alguns livros de Cecília Meireles:

- ⇒ Escolha o seu sonho (1964);
- ⇒ Ou isto ou aquilo (1964);
- ⇒ Romanceiro da Inconfidência (1953).



Sites:

- ⇒ <http://www.itaucultural.org.br/>;
- ⇒ <http://www.escritas.org/pt/1/cecilia-meireles>;
- ⇒ <https://goo.gl/o8FCWA>.



A felicidade na tela do cinema:

- ⇒ A vida é bela (Roberto Benigni, Drama/Comédia dramática, 1997);
- ⇒ Up! Altas aventuras (Pete Docter e Bob Peterson, Fantasia/Comédia dramática, 2009);
- ⇒ Patch Adams - O amor é contagioso (Tom Shadyac, Drama/Comédia dramática, 1998).



AUTOAVALIAÇÃO



Para realizar a avaliação do seu desempenho durante essa etapa, você deverá acessar o blog www.ocotidianoempalavras.wordpress.com. Acesse e preencha o formulário!

MUITO PRAZER, EU SOU A CRÔNICA!**O que veremos nesta aula?**

- O que é uma crônica;
- A estrutura composicional da crônica;
- Os elementos que compõem uma narrativa;
- O que diferencia a crônica de outros textos.

PARTE I

Conhecendo o gênero textual Crônica

Vamos testar alguns conhecimentos sobre a crônica!

- Você sabe o que é uma crônica?
- Você já leu alguma crônica? Qual?
- Você tem conhecimento de algum cronista brasileiro? Qual?

**Mas afinal, o que é a crônica?**

Faremos agora o **JOGO DA VERDADE!** Vocês irão receber informações sobre a crônica e, juntos, decidirão se a informação é verdadeira ou falsa.

Após a comprovação das informações, escrevam-nas no espaço abaixo:

FIQUE SABENDO!



Originalmente a crônica limitava-se a relatos verídicos e nobres, pois tratava-se da compilação de fatos históricos, apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo, como o dia-a-dia da corte, as histórias, os reis, seus atos, etc. Mais tarde, entretanto, grandes escritores, a partir do século XIX passam a cultivá-la, refletindo com argúcia e oportunismo, a vida social, a política, os costumes, o cotidiano, etc. do seu tempo em livros, jornais e folhetins. [...] Quanto ao estilo, geralmente é um texto curto, breve, simples, de interlocução direta com o leitor, com marcas bem típicas da oralidade. Quando predominantemente narrativa, possui trama, quase sempre pouco definida, sem conflitos densos, personagens de pouca densidade psicológica, o que a diferencia do conto. Os motivos, na maior parte, extrai do cotidiano imediato. Além do tipo narrativo, também pode ser do tipo argumentativo ou expositivo, como textos de opinião sobre temas diversos de diversas áreas.

COSTA, Sérgio Roberto. Dicionário de gêneros textuais. Belo Horizonte: Autêntica: 2008.

Glossário:

Verídico: *adj.* que expressa a verdade,

Compilação: *subst. fem.* coleção de textos,

Argúcia: *subst. fem.* senso aguçado de observação,

Oportunismo: *subst. fem.* habilidade de tirar proveito das circunstâncias.



Em grupo, realize a leitura dos textos abaixo e preencha o quadro seguinte. Logo após, socialize as respostas com a turma:



TEXTO I

'Super-heróis' recebem ajuda para trocar pneu em rodovia e foto viraliza

Acostumados a lutar contra criminosos, 'Batman' e a 'Mulher-Gato' precisaram de ajuda para trocar um dos pneus do 'batmóvel' na manhã deste domingo (19), no trecho de serra da Rodovia dos Imigrantes, na altura de Cubatão (SP). A cena inusitada com o carro parado no acostamento foi flagrada e acabou viralizando nas redes sociais.

A Ecovias, concessionária que administra o Sistema Anchieta-Imigrantes (SAI) confirmou que o problema no veículo dos 'super-heróis' aconteceu por volta das 11h20, no km 54 da pista norte, e foi causado por um pneu furado.

Uma viatura de apoio da concessionária que passava pelo local no momento do incidente prestou auxílio ao motorista, que logo seguiu viagem rumo a São Paulo.

O casal flagrado na rodovia é conhecido dos moradores da Baixada Santista. Eles costumam desfilarem pelas ruas das cidades da região fantasiados como super-heróis, além de participarem também de campanhas sociais que estimulam a doação de sangue.

Glossário:

Inusitado: *subst. masc.* ocorrência, fato, circunstância fora do comum.

Fonte: G1 Portal de Notícias.



TEXTO II

PNEU FURADO

O carro estava encostado no meio-fio, com um pneu furado. De pé ao lado do carro, olhando desconsoladamente para o pneu, uma moça muito bonitinha.

Tão bonitinha que atrás parou outro carro e dele desceu um homem dizendo "Pode deixar". Ele trocaria o pneu.

- Você tem macaco? - perguntou o homem.
- Não - respondeu a moça.
- Tudo bem, eu tenho - disse o homem - Você tem estepe?
- Não - disse a moça.
- Vamos usar o meu - disse o homem.



E pôs-se a trabalhar, trocando o pneu, sob o olhar da moça.
Terminou no momento em que chegava o ônibus que a moça estava esperando. Ele ficou ali, suando, de boca aberta, vendo o ônibus se afastar.
Dali a pouco chegou o dono do carro.
- Puxa, você trocou o pneu pra mim. Muito obrigado.
- É. Eu... Eu não posso ver pneu furado. Tenho que trocar.
- Coisa estranha.
- É uma compulsão. Sei lá.

Glossário

Compulsão: *subst. fem.* imposição interna irresistível que leva o indivíduo a realizar determinado ato ou a comportar-se de determinada maneira.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. Pai não entende nada. L&PM, 1991.



Preencha o quadro:

Rever biografia do autor na página 05.

	SITUAÇÃO APRESENTADA	PERSONAGENS E CENÁRIO	SUPORTE (local onde o texto foi publicado)	FOCO NARRATIVO (1ª ou 3ª pessoa)	OBJETIVO DO TEXTO	LINGUAGEM (objetiva ou subjetiva)
TEXTO I						
TEXTO II						

- Qual dos dois textos é uma crônica? Justifique sua resposta.



PARTE II

Elementos da narrativa

Enredo: conjunto dos fatos de uma história conhecido como intriga, ação, trama, história. Ele tem começo, meio e fim e se desenvolve em torno de um conflito (tensão/problema).

Partes do enredo:

1. **exposição:** (ou *introdução* ou apresentação) coincide geralmente com o começo da história, no qual são apresentados os fatos iniciais, os personagens, às vezes o tempo e o espaço.
2. **complicação:** (ou *desenvolvimento*) é a parte do enredo na qual se desenvolve o conflito (ou os conflitos - na verdade pode haver mais de um conflito numa narrativa).
3. **clímax:** é o momento culminante da história, isto quer dizer que é o momento de maior tensão, no qual o conflito chega a seu ponto máximo.
4. **desfecho:** (*desenlace* ou *conclusão*) é a solução dos conflitos, boa ou má, vale dizer configurando-se num final feliz ou não. Há muitos tipos de desfecho: surpreendente, feliz, trágico, cômico etc.

Personagens: a personagem ou o personagem é um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação. Eles podem ser protagonistas, antagonistas ou secundários.

Tempo: época em se passa a história. Constitui o pano de fundo para o enredo. O tempo pode ser:

Cronológico: é o nome que se dá ao tempo que transcorre na ordem natural dos fatos no enredo isto e do começo para o final. Ele é mensurável em horas, dias, meses, anos, séculos.

Psicológico: é o nome que se dá ao tempo que transcorre numa ordem determinada pelo desejo ou pela imaginação do narrador ou dos personagens. Está ligado ao enredo não linear (no qual os acontecimentos estão fora da ordem natural).

Espaço: é o lugar onde se passa a ação numa narrativa. Se a ação for concentrada, isto é, se houver poucos fatos na história, ou se o enredo for psicológico, há ver a menos variedade de espaços; pelo contrário, se a narrativa for cheia de peripécias (acontecimentos), haverá maior afluência de espaços.

Narrador: não existe narrativa sem narrador, pois ele é o elemento estruturador da história. O foco narrativo pode se desenvolver em primeira ou terceira pessoa:

1. *Terceira pessoa:* é o narrador que está fora dos fatos narrados, portanto seu ponto de vista tende a ser mais imparcial.

Ele pode ser onisciente (sabe tudo sobre a história) ou onipresente (está em todos os lugares da história).

2. *Primeira pessoa ou narrador personagem:* é aquele que participa diretamente do enredo como qualquer personagem.

GANCHO, Cândida Vilares. Como Analisar Narrativas. São Paulo: Ática, 1991. Trecho adaptado.

Fonte: arquivo pessoal



Epitácio Carvalho nasceu em 06 de março de 1984, em Santaluz-Bahia. Graduou-se em Letras pela Universidade do Estado da Bahia, é também professor e funcionário público. *As pernas* é a sua quarta obra literária.

Descobriu o prazer da leitura tardiamente, quando já estava cursando o Ensino Médio. Mas não demorou de descobrir a sua paixão pela arte de escrever.

Fonte: arquivo pessoal

Escultura em gesso

Na feira de sábado, num pedaço de calçada, espremida entre outros ambulantes, uma mulher estendera um pano de chita e sobre ele dispôs a sua mercadoria: esculturas em gesso, representando animais domesticados pelo homem do campo: boi, cavalo e galo.

A mulher tinha como auxiliar um menino de uns sete anos. Filho seu, sem dúvida. O pobrezinho parecia não estar se agradando de sua função: exibia no semblante um abatimento dorido e olhava para os transeuntes com cara de cachorro magro, cheio de melindre e pavor. Sua mãe, ao contrário, parecia indiferente a tudo, bem instalada no lugarzinho que escolhera para mercadejar.

Me comoveu a cena da humilde vendedora e seu auxiliar e fui assim me aproximando da fauna de gesso. Pois não podia ser eu também um freguês? Por um momento, no entanto, repeli a ideia de ter em minha estante um galo de gesso daqueles. Esse acesso de instantânea fidalguia me deixou envergonhado de mim mesmo. E como que para compensar o meu pensamento mesquinho, segui em frente, aproximando-me ainda mais das esculturas e perguntando, num impulso:

- Por quanto está o galo, senhora?

- Um é seis, dois é dez, seu moço.

A mulher tinha parado de mastigar alguma coisa para me dar o preço do galo, enquanto o menino olhava encabulado para o meu sapato recém-engraxado, reluzindo sob o sol que começava a castigar àquela hora da manhã.

Por um instante, fiquei sem saber o que dizer e disparei:

- E o boi?

- O boio é dez, seu moço. Criatura grande é mais cara.

Ainda não estava convencido de levar uma criatura daquelas para casa. Começava a arrependê-me de ter me aproximado das esculturas sem o real interesse de comprá-las. Mas agora estava ali. Já tinha perguntado o preço de dois bichos e agora me sentia na obrigação de comprar um deles. Do contrário, a mulher me taxaria de sovina.

Tolices desse gênero passavam pela cabeça. Que tolíce! Está claro que a mulher não ligaria importância se eu arredasse dali sem levar um bicho de gesso. Não me por um sovina, mão de vaca. Freguês é assim mesmo: pergunta, pergunta, mas só leva se quiser. Não tem obrigação nenhuma de levar a mercadoria depois de ter perguntado o preço. Mas ali eu estava, apalermado, envolvido até o pescoço com as duas criaturas humanas que me comoveram. E também estava irremediavelmente ligado às criaturas de gesso. Precisava

levar uma delas, já que tinha perguntado sobre o preço do galo e do boi. Nada mais me ocorria; então, disparei com outra indagação torpe, aumentando o meu vínculo com as criaturas de gesso e de carne e osso:

- E o cavalo?
- O mesmo preço que o boio, seu moço. Vai levar?

A pergunta me atingira como um tiro a queima roupa. Considerei q a mulher começava a censurar-me diante de tantas especulações em torno do preço dos animais em gesso. Agora se fazia mesmo necessário levar para casa uma criatura daquelas. Aí é que estava o meu dilema: desde que me aproximara furtivamente, o meu intuito era comprar uma daquelas esculturas para, de alguma maneira, “ajudar” a humilde mulher e o menino de cara triste. Mas levar para casa a escultura é que não fazia parte dos meus planos. Pensei nisso e de novo me veio o sentimento de culpa por estar me julgando superior, ao me considerar incapaz de exibir em minha estante uma simplória escultura de gesso em forma de animal doméstico.

Decidi-me, tomei da carteira e disse à mulher que levaria o galo e o cavalo.

- Não quer levar o boio para formar o conjunto, seu moço? Faça um descontinho pro senhor.

Sem pensar, asseverei:

- Sim, levo também o boi.

Enquanto estendia o dinheiro à mulher, o menino triste embrulhava em jornal as criaturas em gesso, muito metucioso e hábil, como se soubesse fazer aquilo há muitíssimo tempo.

Afastei-me dali com as três criaturas em gesso. O menino continuava olhando para o brilho do meu sapato, enquanto distanciava-me.

CARVALHO, Epitácio. As pernas. Santaluz: Clube de Autores, 2015.

Glossário:

Semblante: *subst. masc.* Face, rosto;

Transeunte: *subst. masc.* pessoa que anda a pé por certo local;

Melindre: *subst. masc.* disposição para se ofender;

Mercadejar: *verb.* negociar;

Fidalguia: *subst. fem.*

qualidade de fidalgo, nobre;

Mesquinho: *adj.* Agarrado a bens materiais;

Sovina: *adj.* avarento, que não gosta de gastar;

Torpe: *adj.* desonesto, vergonhoso;

Meticuloso: *adj.* que tem receio, temeroso.



COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

1. Você conhece o autor da crônica lida?

2. Qual o foco narrativo da crônica (1ª ou 3ª pessoa)? Justifique com um trecho do texto.

3. Em que local se passa a narrativa? Essa história faz você lembrar de alguma situação cotidiana? Comente.

4. Escreva informações a respeito do enredo da crônica *Esculturas em gesso*.
 - a. Situação inicial: _____
 - b. Conflito: _____
 - c. Clímax (momento de tensão): _____
 - d. Personagens: _____
 - e. Espaço: _____
 - f. Tempo: _____



Ampliando o conhecimento

Acesse o nosso blog www.ocotidianoempalavras.wordpress.com e veja algumas sugestões de livros, sites e filmes relacionados com nossas aulas.



Para realizar a **avaliação do seu desempenho** durante esta etapa, você deverá acessar o blog www.ocotidianoempalavras.wordpress.com. Acesse e preencha o formulário!



ATIVIDADE 04

MUITO PRAZER, EU SOU A CRÔNICA!

O que veremos nesta aula?

- Os conhecimentos adquiridos sobre a crônica até esta etapa;
- A situação comunicativa proposta pelo projeto de intervenção.

PARTE I

Exercitando a criatividade



Em grupo, você e seus colegas receberão a crônica *Caso de canário* de Carlos Drummond de Andrade, dividida em seções (seccionada), para reorganizar e fazer a leitura. No entanto, o enredo da narrativa encontra-se incompleto, sem o final. Você e seus colegas se encarregarão de finalizá-lo. Soltem a imaginação e a criatividade!



Revendendo alguns conceitos sobre a crônica



No encontro passado, participamos da Roda de conversa intitulada *Com a palavra, o cronista!*, com a presença do escritor luzense Epietácio Carvalho, autor de livros de crônicas, contos e romances. Foi um momento de grande aprendizado e de troca de conhecimentos. De maneira descontraída, o autor falou sobre a sua trajetória enquanto leitor e escritor, sobre o seu processo de criação de textos, além de tecer considerações enriquecedoras sobre a crônica literária.



A partir do que foi estudado, até o momento e após a Roda de conversa, escreva abaixo o que você aprendeu sobre o gênero textual crônica:



Identifique, em cada quadro abaixo, as partes que constituem o enredo da crônica:

Caso de Canário

Casara-se havia duas semanas. Por isso, em casa dos sogros, a família resolveu que ele é que daria cabo do canário:

- Você compreende. Nenhum de nós teria coragem de sacrificar o pobrezinho, que nos deu tanta alegria. Todos somos muito ligados a ele, seria uma barbaridade. Você é diferente, ainda não teve tempo de afeiçoar-se ao bichinho. Vai ver que nem reparou nele, durante o noivado.

- Mas eu também tenho coração, ora essa. Como é que vou matar um pássaro só porque o conheço há menos tempo que vocês?

- Porque não tem cura, o médico já disse. Pensa que não tentamos tudo? É para ele não sofrer mais e não aumentar o nosso sofrimento. Seja bom; vá.

O sogro, a sogra apelaram no mesmo tom. Os olhos claros de sua mulher pediram-lhe com doçura:

- Vá, meu bem.

Com repugnância pela obra de misericórdia que ia praticar, ele aproximou-se da gaiola. O canário nem sequer abriu o bico. Jazia a um canto, arrepiado, morto-vivo. É, esse está mesmo na última lona, e dói ver a lenta agonia de um ser tão gracioso, que viveu para cantar.

- Primeiro me tragam um vidro de éter, e algodão. Assim ele não sentirá o horror da coisa.

Embebeu de éter a bolinha de algodão, tirou o canário para fora com infinita delicadeza, aconchegou-o na palma da mão esquerda e, olhando para o outro lado aplicou-lhe a bolinha no bico. Sempre sem olhar para a vítima, deu-lhe uma torcida rápida e leve, com dois dedos, no pescoço.

E saiu para a rua, pequenino por dentro, angustiado, achando a condição humana uma droga. As pessoas da casa não quiseram aproximar-se do cadáver. Coube à cozinheira recolher a gaiola, para que sua vista não despertasse saudade e remorso em alguém. Não havendo jardim para sepultar o corpo, depositou-o na lata do lixo.

Chegou a hora do jantar, mas quem é que tinha fome naquela casa enlutada? O sacrificador, esse ficara rodando por aí, e seu desejo seria não voltar para casa nem para dentro de si mesmo.

No dia seguinte, pela manhã, a cozinheira foi ajeitar a lata de lixo para o caminhão, e recebeu uma bicada voraz no dedo.

- Ui!

Não é que o canário tinha ressuscitado, perdão, reluzia vivinho da silva, com uma fone danada?

- Ele estava precisando mesmo era de éter - concluiu o estrangulador, que se sentia ressuscitar, por sua vez.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Elenco de cronistas modernos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 21ª ed., 2005.

Outra característica da crônica é a utilização de uma linguagem que mescla aspectos da escrita com outros da oralidade (linguagem coloquial), bem como de trechos descritivos que caracterizam os personagens, suas ações e o ambiente.

Preencha os quadros com a utilização de trechos da crônica acima:

Linguagem coloquial

Trechos descritivos

PARTE II

A crônica, como costumamos ver nos dias de hoje, desenvolveu-se no Brasil, no século XIX, a partir da difusão dos jornais impressos, em uma pequena seção de rodapé, chamada de Folhetim. Escritores como Paulo Barreto, mais conhecido como João do Rio, Machado de Assis e Rubem Braga foram alguns dos pioneiros na nova maneira de produzir crônica, trazendo em seus escritos as suas visões sobre temas cotidianos, a partir de uma linguagem subjetiva, repleta de um lirismo-reflexivo e de recursos estilísticos próprios da linguagem literária.



Saiba mais sobre a crônica literária

De assunto livre, regra geral, a crônica é um comentário leve e breve sobre algum fato do cotidiano. Seu motivo, na maioria dos casos, é o pequeno acontecimento, isto é, a notícia que ninguém prestou atenção, o acontecimento insignificante, a cena corriqueira, trivialidades. Mas nem só de uma conversa despreziosa a respeito do dia-a-dia vive a crônica. Com relativa frequência, ela se aproxima do conto, devido a um tratamento mais apurado aos temas, principalmente no que tange a linguagem (literária). Tanto é que, muitas vezes, é difícil estabelecer as diferenças entre o conto e a crônica, pois, nesse caso, dela também participam personagens; o tempo e o espaço estão claramente definidos e um pequeno enredo é desenvolvido. Essa proximidade é que tem levado vários cronistas à prática mais ou menos disfarçada do conto. No entanto, esta diferenciação só é perceptível àquele com leitura contínua de contos e de crônicas. De qualquer maneira, há certa dificuldade de se estabelecer uma fronteira teórica entre ambos. Contudo, podemos enumerar algumas características da crônica que podem ser confrontadas com as do conto. São elas:

- Está ligada à vida cotidiana. Contém um depoimento pessoal, com estilo e pontos de vista individuais. Narrativa informal, familiar, com sentimentos íntimos mais profundos.
- Procura reproduzir na escrita a linguagem do cotidiano, ou seja, coloquial, às vezes, carregada de sentimentos, ou de emoção, ou ainda, de ironia, de crítica.
- Tem sensibilidade em relação a realidade. Procura a síntese, a brevidade, a leveza de sentido e uma dose de lirismo.
- Faz uso do fato como meio ou pretexto para o artista exercer seu estilo e criatividade.
- Diz coisas sérias por meio de uma aparente conversa fiada.

A crônica teve um desenvolvimento específico no Brasil, não faltando historiadores literários que lhe atribuem um caráter exclusivamente nacional. Realmente, a crônica, como a entendemos, não é comum na imprensa de outros países. Por isso, entre nós, o prestígio da crônica não tem deixado de crescer. Machado de Assis, Olavo Bilac, Humberto Campos, Raquel de Queirós ou Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Braga, Paulo Mendes, Paulo Francis, Arnaldo Jabor, Érico Veríssimo e tantos outros, cultivaram-na ou cultivam-na com peculiar engenhosidade, criatividade e assiduidade.

SÉRGIO, Ricardo. A crônica. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/794029>. Acesso em 19 de agosto de 2017.

RUBEM BRAGA LUIS FERNANDO VERÍSSIMO
ANTÔNIO MARIA PAULO MENDES CAMPOS
NELSON RODRIGUES IWAN LESA WIVLOS
DE MORAES CARLOS HECTOR CONY ZILBERN
VENTURA CARLOS SPECTOR JOÃO LUIZ DE
RIBEIRO CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
RACHEL DE QUEIROZ ALDIR BLANC OTTO
LARA RESENDE ROBERTO DRUMMOND
ARNALDO JABOR AL ESTER BELLEHOMES
CRÔNICAS BRASILEIRAS FERNANDO
SABINO CHICO BLAUQUE JOSE CARLOS
OLIVEIRA MARCELO RUBENS BRAGA
GULLAR MOACYR SCLAR LIGIA FAGUNDES
TELLES CAETANO VELOSO STANISLAW
PONTE PRETA MELLOR FERNANDES MARIO
PRATA IGUACIO DE LOYOLA BRANDAO
VICENTE FERREIRA DOS SANTOS E JULLIUS

Agora que você já conheceu algumas características da crônica literária, apresento-lhe a situação comunicativa proposta neste material didático:

- ◆ Qual o gênero textual abordado? A crônica literária.
- ◆ A quem vai se dirigir a produção? A toda a comunidade escolar.
- ◆ Que forma assumirá a produção? As crônicas literárias produzidas serão veiculadas em uma exposição literária e publicadas posteriormente em um livro.
- ◆ Quem participará da produção? Os alunos participantes da pesquisa.

OFICINA DE FOTOGRAFIA

O que veremos nesta aula?

- Um breve histórico da fotografia;
- Conceitos sobre a fotografia e a sua vertente documental;
- A linguagem fotográfica e seus significados.

Para início de conversa...

Fonte: <https://goo.gl/2wcc5EN>



Neste módulo de aprendizagem, você irá participar de uma oficina de fotografia ministrado por Kamilla Silva dos Santos, aluna de Comunicação Social da Uneb - Campus XIV e pesquisadora do projeto de extensão *Expedições Fotográficas: perspectivas imagéticas do Território do Sisal*. O objetivo da oficina é apresentar alguns conceitos sobre a fotografia, em especial a fotografia documental, a linguagem fotográfica e seus significados e um breve histórico sobre esta que é considerada a oitava arte.

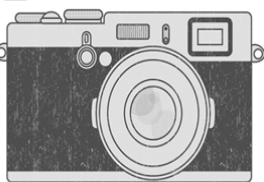
Além disso, pretendemos, com essa oficina, prepará-lo para uma atividade de campo, cujo objetivo será o registro fotográfico de situações cotidianas que fazem parte da cultura de nossa cidade. As imagens fotografadas servirão de mote para a produção das crônicas literárias em sala de aula.

Aproveite a oficina e bons cliques!



Segue abaixo alguns tópicos que serão abordados durante a oficina:

Fonte: <https://goo.gl/1o28M7W>



O que é fotografia?

- Foto = luz | Grafia = escrita;
- Segundo François Soulages: fotografia é o procedimento, técnica e arte fotográficos, e “foto” uma fotografia em sua materialidade, a imagem material obtida por meio de um procedimento fotográfico.

- A imagem fotográfica é uma *representação a partir do real*;
- Enquanto documento, representa um fragmento da realidade a partir do próprio real, em um processo de criação/construção através do registro.



Fonte: <https://goo.gl/15APFM>

- Fotografia é memória – ela reconstitui historicamente um tema. Através da observação das imagens o indivíduo rememora, constrói uma realidade, cria uma narrativa. Um exemplo é o álbum de família que conta a história do indivíduo.

A fotografia na sociedade

- Testemunho e memória da realidade;
- Informação visual/ compreensão de acontecimentos;
- A fotografia mostra a relação simbólica entre as pessoas, os objetos e os lugares; a distância entre o social e o político, e os conflitos e relações de força no interior de uma sociedade;
- Através dela, podemos localizar uma época, espacial e temporalmente, e compreender/ analisar a sociedade retratada.



A fotografia documental



- Gênero da fotografia que trabalha com o registro cultural ou artístico de um momento;
- É o ramo mais pessoal da fotografia contemporânea;
- É contar histórias através de imagens;
- Alguns fotógrafos documentais brasileiros: Sebastião Salgado, Nair Benedicto, Cláudia Andujar, Walter Firmo, Guy Veloso, Araquém Alcântara, dentre outros.

A linguagem fotográfica

- A ação de fotografar, além de "captar imagens", é um registro de sua opinião sobre as coisas, sobre o mundo;
- A fotografia tem linguagem própria e seus elementos servem para compor narrativas visuais;
- É a elaboração criativa destes elementos dentro do quadro visual que permite a sintetização da ideia na retratação da realidade;
- Como elementos da linguagem fotográfica temos:

a. Plano;	e. Ângulo;	i. Perspectiva;
b. Foco;	f. Cor;	j. Equilíbrio e composição.
c. Movimento;	g. Textura;	
d. Forma;	h. Iluminação;	

Referências utilizadas pela monitora da oficina:

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia**. São Paulo: Senac, 2010.



Ampliando o conhecimento

Acesse o nosso blog www.ocotidianoempalavras.wordpress.com e veja algumas sugestões de livros, sites e filmes relacionados a nossas aulas.



Para realizar a **avaliação do seu desempenho** durante esta etapa, você deverá acessar o blog www.ocotidianoempalavras.wordpress.com. Acesse e preencha o formulário!





EU SOU O AUTOR!

O que veremos nesta aula?

- A escrita de textos é feita por etapas;
- Antes de iniciar o texto escrito é necessário que haja um planejamento;
- A revisão textual é necessária para adequar o texto à proposta de produção do gênero escolhido, aos critérios de textualidade e às normas gramaticais.

PARTE I

Planejar e escrever

Fonte: arquivo pessoal



No encontro anterior, após a oficina de fotografia, fizemos uma atividade de campo para registrar situações cotidianas que compõem o quadro cultural da nossa cidade. Foi um momento muito prazeroso, de (re)descoberta, a partir de um olhar mais apurado, das atividades diárias dos munícipes.

Você é o autor!



Chegamos à etapa da primeira produção escrita do gênero textual crônica literária.

As imagens fotográficas capturadas na aula anterior servirão como ponto de partida para essa etapa de produção textual. Elas retratam cenas cotidianas vividas pelos moradores do nosso município, seja no trabalho, ou nas ruas, parques, feira livre, enfim em situações comuns do dia a dia.



Em grupo, após eleger uma das imagens fotográficas capturadas por vocês, respondam as seguintes questões:

1. O que você vê na foto? O que lhe chama a atenção?

2. Quando e onde foi produzida? Como é o ambiente?

3. O que a cena sugere?

4. Quem são os personagens?

5. Que elemento se encontra em primeiro plano, em destaque?

6. Que outros detalhes você observa nessa foto?

7. Que ângulo foi escolhido para ser fotografado?

8. Que influências você, como fotógrafo, sofreu para a definição do ângulo?

PARTE II



Após as questões acima serem respondidas, você e seus colegas começarão a planejar a escrita da crônica literária preenchendo o quadro abaixo:

PLANEJANDO A CRÔNICA LITERÁRIA	
Foco narrativo	
Quem são os personagens?	
Qual o tom da narrativa (humorística, crítica, reflexiva, lírica)?	
Enredo (elemento surpresa, situação cotidiana)	
Espaço	
Tempo	
Desfecho	

Encerrado o planejamento, é chegado o momento de iniciar a produção textual. Lembre-se de sempre usar uma folha de rascunho para produzir a primeira versão do seu texto. Antes de escrever o texto definitivo, haverá a **etapa da revisão**, para que sejam feitas as adequações necessárias.



PARTE III



Ficha para revisão da crônica literária produzida

A crônica produzida atende os seguintes critérios:

1. Adequação à proposta	SIM	EM PARTE	NÃO
A crônica se concentra em um episódio do cotidiano?			
Ela cumpre o objetivo a que se propõe: emocionar, divertir, provocar reflexão, enredar o leitor?			

2. Adequação às características estudadas no gênero	SIM	EM PARTE	NÃO
O texto possui uma linguagem simples, com marcas de oralidade?			
A crônica se mantém no foco narrativo escolhido (1ª ou 3ª pessoa)?			
Há trechos descritivos que caracterizam os personagens e o ambiente?			
O enredo da narrativa está bem caracterizado (personagens, cenários, tempo, conflito e desfecho)?			

3. Construção do texto	SIM	EM PARTE	NÃO
O texto está organizado em parágrafos?			
As palavras estão pontuadas e acentuadas corretamente?			
O enredo possui início, meio e fim?			
As ideias possuem sentido completo?			
As regras básicas de concordância são obedecidas?			

Observações:



PARTE IV



PRODUÇÃO INICIAL

FOTOGRAFIA ESCOLHIDA



A series of horizontal lines for writing, starting below the camera icon and extending to the bottom of the page.



Neste módulo de aprendizagem, a ficha de autoavaliação será preenchida neste caderno. Entretanto, não deixe de visitar o nosso blog e apreciar os nossos momentos compartilhados.

AUTOAVALIAÇÃO

1. Você e seus colegas conseguiram realizar a etapa do planejamento da crônica?

() Sim () Não () Em parte
2. O planejamento executado serviu como auxílio no momento da produção?

() Sim () Não () Em parte
3. Durante a produção, você e seus colegas adequaram o texto à proposta?

() Sim () Não () Em parte
4. O texto produzido possui características de uma crônica literária?

() Sim () Não () Em parte
5. Durante a produção textual, as opiniões dos colegas foram respeitadas?

() Sim () Não () Em parte
6. Todos os participantes do grupo contribuíram durante o processo de criação textual?

() Sim () Não () Em parte



Ampliando o conhecimento

Acesse o nosso blog www.ocotidianoempalavras.wordpress.com e veja algumas sugestões de livros, sites e filmes relacionados com nossas aulas.



LINGUAGEM E ESTILO

O que veremos nesta aula?

- Alguns recursos estilísticos utilizados pelos cronistas;
- Rever os elementos do enredo em uma crônica;
- Reconhecer a crônica literária como um gênero textual que aborda o instante cotidiano, de maneira crítica e reflexiva.

PARTE I

O mundo cabe em um instante

Assim eu queria minha última crônica...



Fonte: <https://go.gl/QGdhp1>



A frase acima foi escrita por Fernando Sabino em *A última crônica*. Mas você sabe porque ele intitulou a crônica dessa maneira? Antes de lê-la e escutá-la, através de um áudio, vamos conhecer um pouco sobre o autor.

Fonte: <https://go.gl/qAEqZA>



Fernando Sabino (1923-2004) foi Advogado, jornalista e escritor brasileiro nascido em Belo Horizonte, Minas Gerais. Uma das mais ecléticas personalidades brasileira da segunda metade do século XX, cuja obra literária caracterizou-se pela capacidade de explorar, com fino senso de humor, o lado pitoresco e poético de fatos cotidianos e personagens obscuros. Aos 12 anos torna-se autor do primeiro conto ainda no secundário e, aos 17 anos, começou a escrever artigos literários para o jornal mineiro *O Diário*, onde também eram publicados textos de Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino.

Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/biografia/fernando-tavares-sabino.htm>. Acesso em 04 de setembro de 2017.



A última crônica

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever.

A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu queria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família,

célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho -- um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai nisca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbúcio, a que os pais se juntam, discretos: "parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura — ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido — vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

SABINO, Fernando. A última crônica. In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos. As cem melhores crônicas brasileiras. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

Glossário:

Botequim: *s.m.* Pequeno estabelecimento comercial onde se servem bebidas, café etc.; boteco.

Pitoresco: *adj.* Inusitado, interessante.

Irisório: *adj.* Que não possui muita importância.

Disperso: *adj.* Desatento, desprovido de atenção.

Circunstancial: *adj.* Relativo à circunstância, ao momento.

Sôfregas: *adj.* Ansioso, desejoso, impaciente.

Compreendendo o texto



Para interagir e responder:

1. Que episódio cotidiano desencadeou a escrita da crônica?

2. O que o narrador estava fazendo naquele cenário, diante da situação apresentada?

3. Como a situação inicial é apresentada pelo narrador?

4. A partir de que momento a narrativa começa a ganhar novos rumos?

6. Qual o foco narrativo da crônica? Podemos concluir que o narrador é personagem ou observador? Justifique. _____

7. Onde a história se passa? Quais os personagens da narrativa?

8. O ambiente e os personagens estão bem caracterizados? Escreva as descrições que os caracterizam.

9. Qual o desfecho da crônica?

PARTE II

Ao escrever um texto literário, cada autor possui o seu **estilo**. Para tanto, são utilizados **recursos estilísticos** que dão mais expressividade ao texto, atribuindo-lhe mais emoção e criatividade.

Os recursos estilísticos se materializam no modo como as palavras são ordenadas no texto, no uso da pontuação, no uso de adjetivos, nas figuras de linguagem, dentre outros.

Estilo individual (literário): É a maneira pessoal do escritor manipular a linguagem literária, ou seja, a sua capacidade original e criativa de formular expressivamente o texto (língua, técnicas, procedimentos, etc.), em busca de um melhor resultado estético.

Disponível em <https://goo.gl/Kii97q>

Vejamos alguns recursos estilísticos utilizados por Fernando Sabino em A última crônica:

A última crônica

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever.

A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu queria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Presença de Metalinguagem

Marca de intertextualidade

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Linguagem coloquial

Descrição minuciosa

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho -- um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

Presença de figuras de linguagem

Descrição minuciosa

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: "parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura — ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido — vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

Presença de figura de linguagem

Obs.: No texto acima, estão destacadas as descrições das ações dos personagens, porém há outros trechos que também possuem elementos descritivos que caracterizam os personagens e ambiente.

METALINGUAGEM

Metalinguagem consiste em um tipo de linguagem que se refere diretamente à própria linguagem usada na comunicação.

O dicionário é um exemplo de metalinguagem, pois tem o propósito de descrever e falar sobre os códigos que compõem a linguagem em si. Por exemplo, quando determinada pessoa pergunta o significado de alguma palavra, esta está usando a função metalinguística (descrever a própria linguagem).

A metalinguagem ainda pode ser aplicada em outras áreas, como na música, no cinema, nas artes plásticas, na informática, etc. Neste caso, as respectivas produções (como na música e no cinema, por exemplo) evidenciam elementos que se referem a própria construção musical ou cinematográfica.

Disponível em: <https://www.significados.com.br/metalinguagem>. Acesso em 09 de setembro de 2017.

INTERTEXTUALIDADE

De modo amplo, podemos definir intertextualidade sendo como diálogo entre dois ou mais textos, ocorrendo quando um deles faz uma referência a elementos existentes nos outros.

Intertextualidade ocorre quando um texto retoma uma parte ou grande parte de outro texto. Pegando de um texto base, aquele que é reconhecido culturalmente por uma dada sociedade e aplicando uma nova perspectiva na sua formulação. Pode assim dizer que qualquer texto que aponte temas abordados em outros textos é exemplo de intertextualização.

Segundo Kristeva, todo texto é construído por alicerces de citações, o texto é agregação e transformação em outro texto.

Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/intertextualidade>. Acesso em 09 de setembro de 2017.

Em *A última crônica*, o narrador, ao utilizar a expressão “assim eu queria o meu último poema”, faz referência ao seguinte poema de Manuel Bandeira:

Fonte: <https://goo.gl/6D9KKE>



O último poema

Assim eu queria meu último poema
Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais
Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume
A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais límpidos
A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.

BANDEIRA, Manuel. Disponível em: <http://contobrasileiro.com.br/o-ultimo-poema-manuel-bandeira/>. Acesso em 09 de setembro de 2017.

LINGUAGEM COLOQUIAL

A linguagem coloquial, também chamada de informal ou popular, encontra fluidez na oralidade e é utilizada pelos falantes cotidianamente. Pelo fato de ser utilizada em nosso dia a dia, a linguagem coloquial não requer a perfeição em termos gramaticais. Isso significa que é bastante comum os falantes utilizarem gírias, estrangeirismos, abreviações e palavras que não se relacionam à norma culta da Língua Portuguesa falada no Brasil, a qual possui muitos dialetos.

A linguagem coloquial é empregada em situações informais, com os amigos, familiares e em ambientes e/ou situações em que o uso da norma culta da língua possa ser dispensado.

Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/gramatica/linguagem-coloquial.htm>. Acesso em 09 de setembro de 2017.

DESCRIÇÃO

A função da descrição é informar as características do que está sendo apresentado. Enquanto uma narração faz progredir uma história, a descrição consiste justamente em interrompê-la, detendo-se em um personagem, um objeto, um lugar, etc.

Na descrição o ser e o ambiente são importantes. Assim, o substantivo e o adjetivo devem ser explorados para traduzirem com ênfase uma impressão.

A descrição pode ser objetiva, dando destaque para os elementos característicos daquilo que se descreve e subjetiva, quando as impressões, sensações e emoções do autor também são apresentadas, interferindo e modificando as características daquilo que está sendo apresentado.

Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/redacao/descricao.htm>. Acesso em 09 de setembro de 2017.

FIGURAS DE LINGUAGEM

Figuras de linguagem são **recursos de expressão** utilizados por um escritor, com o objetivo de ampliar o significado de um texto literário, atribuindo-lhe grande expressividade.

As mais comuns são: metáfora, comparação, metonímia, antítese, paradoxo, personificação (ou prosopopeia), hipérbole, eufemismo, ironia, elipse, zeugma, pleonasma, polissíndeto, assíndeto, onomatopeia, anáfora, sinestesia, gradação e aliteração.

Vejamos algumas figuras de linguagem encontradas em *A última crônica*:

Comparação: a comparação consiste na aproximação entre dois objetos por meio de uma característica semelhante entre eles, dando a um as características do outro. É uma comparação explícita.

Exemplo: Tempo é **como** dinheiro.

⇒ Em *A última crônica*, as comparações aparecem nas expressões “atenta como um animalzinho” e “pura como esse sorriso”.

Metonímia: é a substituição de uma palavra por outra sendo que, entre ambas, há uma proximidade de sentidos, uma relação de implicação.

Exemplos: Não leu Machado de Assis.

Não leu a obra de Machado de Assis.

⇒ Em *A última Crônica*, há a presença da metonímia na expressão “olha a garrafa de Coca-Cola”. Nesse caso, houve a substituição do nome do produto pela marca.

Metáfora: a metáfora é um tipo de comparação, mas sem os termos comparativos (*tal como, como, são como, tanto quanto*, etc). A comparação entre dois elementos está implícita, trazendo uma relação de semelhança entre eles.

Exemplo: Tempo é dinheiro.

Disponível em: <https://rachacuca.com.br/educacao/portugues/figuras-de-linguagem>. Acesso em 09 de setembro de 2017.



Escolha uma parte do enredo (situação inicial, desenvolvimento, clímax ou desfecho) da crônica que você produziu em grupo e reescreva-a acrescentando alguns recursos estilísticos como a descrição, figuras de linguagem, sinais de pontuação, dentre outros.

A large rectangular area with horizontal lines, enclosed in a dashed blue border, intended for writing the revised text.



Ampliando o conhecimento

Acesse o nosso blog www.ocotidianoempalavras.wordpress.com e veja algumas sugestões de livros, sites e filmes relacionados com nossas aulas.



Para realizar a avaliação do seu desempenho durante esta etapa, você deverá acessar o blog www.ocotidianoempalavras.wordpress.com. Acesse e preencha o formulário!

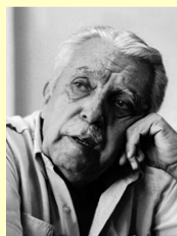


OLHARES COTIDIANOS: ENTRE CRÔNICAS E IMAGENS

O que veremos nesta aula?

- Rever a situação comunicativa proposta pelo projeto;
- Iniciar a escrita da produção final da crônica literária;
- Reconhecer a escrita de textos como uma atividade processual.

PARTE I



Rubem Braga, (1913-1990) Rubem Braga faleceu, no Rio de Janeiro, no dia 19 de dezembro de 1990. Foi um escritor e jornalista brasileiro. Tornou-se famoso como cronista de jornais e revistas de grande circulação no país. Foi correspondente de guerra na Itália e Embaixador do Brasil em Marrocos.

Rubem Braga dedicou-se exclusivamente à crônica, que o tornou popular. Como cronista, mostrava seu estilo irônico, lírico e extremamente bem humorado. Sabia também ser ácido e escrevia textos duros defendendo os seus pontos de vista. Fazia crítica social, denunciava injustiças e combatia governos autoritários.

Rubem Braga faleceu, no Rio de Janeiro, no dia 19 de dezembro de 1990.

Disponível em: https://www.ebiografia.com/rubem_braga/.



Meu Ideal Seria Escrever...

Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada que aquela moça que está doente naquela casa cinzenta quando lesse minha história no jornal risse, nisse tanto que chegasse a chorar e dissesse -- "ai meu Deus, que história mais engraçada!". E então a contasse para a cozinheira e telefonasse para duas ou três amigas para contar a história; e todos a quem ela contasse rissem muito e ficassem alegremente espantados de vê-la tão alegre. Ah, que minha história fosse como um raio de sol, irresistivelmente louro, quente, vivo, em sua vida de moça reclusa, enlutada, doente. Que ela mesma ficasse admirada ouvindo o próprio riso, e depois repetisse para si própria -- "mas essa história é mesmo muito engraçada!".

Que um casal que estivesse em casa mal-humorado, o marido bastante aborrecido com a mulher, a mulher bastante irritada com o marido, que esse casal também fosse atingido pela minha história. O marido a leria e começaria a rir, o que aumentaria a irritação da mulher. Mas depois que esta, apesar de sua má vontade, tomasse conhecimento da história, ela também risse muito, e ficassem os dois rindo sem poder olhar um para o outro sem rir mais; e que um, ouvindo aquele riso do outro, se lembrasse do alegre tempo de namoro, e reencontrassem os dois a alegria perdida de estarem juntos.

Que nas cadeias, nos hospitais, em todas as salas de espera a minha história chegasse -- e tão fascinante de graça, tão irresistível, tão colorida e tão pura que todos limpassem seu coração com lágrimas de alegria; que o comissário do distrito, depois de ler minha história, mandasse soltar aqueles bêbados e também aqueles pobres mulheres colhidas na calçada e lhes dissesse -- "por favor, se comportem, que diabo! Eu não gosto de prender ninguém!". E que assim todos tratassem melhor seus empregados, seus dependentes e seus semelhantes em alegre e espontânea homenagem à minha história.

E que ela aos poucos se espalhasse pelo mundo e fosse contada de mil maneiras, e fosse atribuída a um persa, na Nigéria, a um australiano, em Dublin, a um japonês, em Chicago -- mas que em todas as línguas ela guardasse a sua frescura, a sua pureza, o seu encanto surpreendente; e que no fundo de uma aldeia da China, um chinês muito pobre, muito sábio e muito velho dissesse: "Nunca ouvi uma história assim tão engraçada e tão boa em toda a minha vida; valeu a pena ter vivido até hoje para ouvi-la; essa história não pode ter sido inventada por nenhum homem, foi com certeza algum anjo tagarela que a contou aos ouvidos de um santo que dormia, e que ele pensou que já estivesse morto; sim, deve ser uma história do céu que se filtrou por acaso até nosso conhecimento; é divina".

E quando todos me perguntassem -- "mas de onde é que você tirou essa história?" -- eu responderia que ela não é minha, que eu a ouvi por acaso na rua, de um desconhecido que a contava a outro desconhecido, e que por sinal começara a contar assim: "Ontem ouvi um sujeito contar uma história...".

E eu esconderia completamente a humilde verdade: que eu inventei toda a minha história em um só segundo, quando pensei na tristeza daquela moça que está doente, que sempre está doente e sempre está de luto e sozinha naquela pequena casa cinzenta de meu bairro.

BRAGA, Rubem. Disponível em: http://www.releituras.com/rubembraga_meuideal.asp. Acesso em 15 de setembro de 2017.



Interagindo com o texto



1. Qual é o desejo do narrador do texto?

2. Você acredita que a leitura de um texto literário pode transformar a rotina da vida das pessoas? Comente.

3. Se você fosse o escritor, o que você desejaria que o leitor sentisse ao ler o seu texto?

PARTE II

Planejando a escrita da crônica literária



Chegamos à etapa da produção final do nosso projeto. Neste momento, a escrita do texto será feita individualmente. Para isso, você escolherá novamente uma imagem fotográfica que represente o cotidiano das pessoas na nossa cidade.

Lembre-se de que a fotografia escolhida e a crônica produzida por você irão compor a exposição intitulada *Olhares cotidianos: entre crônicas e imagens*. Além disso, as produções escritas e imagéticas serão publicadas em um livro. Portanto, solte a sua criatividade e mãos à obra!



Após a escolha da imagem fotográfica, responda:

1. O que você vê na foto? O que lhe chama a atenção?

2. Quando e onde foi produzida? Como é o ambiente?

3. O que a cena sugere?

4. Quem são os personagens?

5. Que elemento se encontra em primeiro plano, em destaque?

6. Que outros detalhes você observa nessa foto?

7. Que ângulo foi escolhido para ser fotografado?

8. Que influências você, como fotógrafo, sofreu para a definição do ângulo?



Após as questões acima serem respondidas, você e seus colegas começarão a planejar a escrita da crônica literária preenchendo o quadro abaixo:

PLANEJANDO A CRÔNICA LITERÁRIA	
Foco narrativo	
Quem são os personagens?	
Qual o tom da narrativa (humorística, crítica, reflexiva, lírica)?	
Enredo (elemento surpresa, situação cotidiana)	
Espaço	
Tempo	
Desfecho	

Encerrado o planejamento, é chegado o momento de iniciar a produção textual. Lembre-se de sempre usar uma folha de rascunho para produzir o seu texto.

REVENDO AS CARACTERÍSTICAS DA CRÔNICA:

- Está ligada à vida cotidiana. Contém um depoimento pessoal, com estilo e pontos de vista individuais. Narrativa informal, familiar, com sentimentos íntimos mais profundos.
- Procura reproduzir na escrita a linguagem do cotidiano, ou seja, coloquial, às vezes, carregada de sentimentos, ou de emoção, ou ainda, de ironia, de crítica.
- Tem sensibilidade em relação a realidade. Procura a síntese, a brevidade, a leveza de sentido e uma dose de lirismo.
- Faz uso do fato como meio ou pretexto para o artista exercer seu estilo e criatividade.
- Diz coisas sérias por meio de uma aparente conversa fiada.

SÉRGIO, Ricardo. A crônica. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/794029>. Acesso em 19 de agosto de 2017.



Produção da crônica literária

FOTOGRAFIA ESCOLHIDA





Revisão textual



Ficha para revisão da crônica literária produzida

A crônica produzida atende aos seguintes critérios:

1. Adequação à proposta	SIM	EM PARTE	NÃO
A crônica se concentra em um episódio do cotidiano?			
Ela cumpre o objetivo a que se propõe: emocionar, divertir, provocar reflexão, enredar o leitor?			

2. Adequação às características estudadas no gênero	SIM	EM PARTE	NÃO
<input type="checkbox"/> O texto possui uma linguagem simples, com marcas de oralidade?			
A crônica se mantém no foco narrativo escolhido (1ª ou 3ª pessoa)?			
Há trechos descritivos que caracterizam os personagens e o ambiente?			
<input type="checkbox"/> O enredo da narrativa está bem caracterizado (personagens, cenários, tempo, conflito e desfecho)?			

3. Construção do texto	SIM	EM PARTE	NÃO
<input type="checkbox"/> O texto está organizado em parágrafos?			
As palavras estão pontuadas e acentuadas corretamente?			
<input type="checkbox"/> O enredo possui início, meio e fim?			
As ideias possuem sentido completo?			
As regras básicas de concordância são obedecidas?			

que eu preciso melhorar?



Reescrita da crônica literária

A large rectangular area with a dashed blue border, containing 25 horizontal lines for writing.



PREPARANDO A EXPOSIÇÃO

O que veremos nesta aula?

- Reconhecer a importância da exposição para a situação comunicativa proposta pelo projeto;
- Colaborar com a produção do folder explicativo da exposição.

PARTE I

O encontro entre o texto e o seu leitor

Chegamos à etapa da culminância do projeto *O cotidiano em palavras: uma proposta de desenvolvimento de habilidades escritoras a partir da crônica*. Este será o momento em que o texto entrará em contato com o público-leitor. Para isso, realizaremos a exposição *Olhares cotidianos: entre crônicas e imagens*, onde ficarão expostas as imagens fotográficas e as crônicas produzidas por vocês.



Fonte: <https://goo.gl/10MAA4>

Conhecendo o gênero textual folder

FOLDER De acordo com o Dicionário Houaiss da língua portuguesa, folder é um “impresso de pequeno porte, constituído de uma só folha de papel com uma ou mais dobras, e que apresenta conteúdo informativo ou publicitário; folheto” ou ainda “prospecto dobrável”. Num exame etimológico da palavra folder, de origem inglesa, aparecem referências como “folheto dobrado”, “o que dobra” ou ainda a derivação deste vocábulo do verbo to fold, ou seja, dobrar.

CARACTERÍSTICAS DO FOLDER

Os **folders** comunicam de forma objetiva e explicativa informações que divulgam produtos, idéias, projetos, ideologias... São dobráveis, utilizam imagens, dão destaque às idéias mais importantes com quadros ou palavras em fontes maiores (maiúsculas, coloridas ou de diferentes formatos). Seu propósito é comunicar rapidamente idéias sem cansar os leitores.

A criatividade é elemento essencial para a criação dos **folders**. Somente assim, eles podem se tornar elementos realmente atrativos para o público ao qual se destinam.



Fonte: <https://goo.gl/72h4TE>

Disponível em: http://www.portal.santos.sp.gov.br/seduc/e107_files/downloads/formacoes/folders.pdf. Acesso em 22 de setembro de 2017.



AVALIANDO O PROJETO

Qual o objetivo desta atividade?

- Avaliar as aulas desenvolvidas durante o projeto, bem como a pertinência e relevância da proposta interventiva para a sua trajetória estudantil.

Caro(a) aluno(a),

Chegamos ao final do nosso projeto. Foram momentos de importantes descobertas e trocas de saberes. Agradeço a você pela contribuição dada à pesquisa e faço votos de que os frutos desse trabalho sejam colhidos em sua trajetória estudantil.

Para concluir as atividades, solicito que você contribua um pouco mais, respondendo às questões que seguem, a fim de avaliarmos a pertinência e relevância do nosso estudo.

1. Você gostou das crônicas literárias analisadas ao longo do projeto?

Sim Não Em parte

2. A leitura das crônicas despertou em você o interesse em realizar outras leituras?

Sim Não Em parte

3. As leituras realizadas em sala de aula contribuíram para o desenvolvimento da escrita das crônicas literárias?

Sim Não Em parte

4. As etapas de produção da crônica literária (planejamento, escrita, revisão e reescrita) contribuíram para o desenvolvimento de sua escrita?

Sim Não Em parte

5. A oficina de fotografia foi importante para o entendimento da linguagem fotográfica?

Sim Não Em parte

6. As imagens fotográficas utilizadas para a produção da crônica literária conseguiram mobilizar sua reflexão acerca do cotidiano das pessoas da cidade?

Sim Não Em parte

7. Qual a sua opinião à respeito da utilização das imagens fotográficas e do aparelho celular como recurso para o desenvolvimento das aulas?

8. Escreva um comentário sobre o que você achou das atividades desenvolvidas, destacando o que mais gostou e de que maneira esse projeto irá contribuir para a sua vida estudantil.

Mais uma vez, parablenizo-o pelas interações e agradeço pela valiosa participação tanto nas atividades, quanto no nosso projeto. Muito obrigada!

Um abraço,
Professora Daniela Reis.

Crônicas

*Olhares sobre
o cotidiano*



9º ano F3 mat. do CENOS - 2017
Daniela dos Reis Santos Lima (Org.)



C r ô n i c a s

*Olhares sobre
o cotidiano*

**9º ano F3 mat. do CENOS - 2017
Daniela dos Reis Santos Lima (Org.)**

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos pais dos alunos por permitirem a participação de seus filhos e pela confiança no projeto de pesquisa *O cotidiano em palavras* desenvolvido nas aulas de Língua Portuguesa. Agradeço também aos gestores e coordenadores por se mostrarem receptivos à proposta de intervenção apresentada. E, principalmente, agradeço aos alunos da turma do 9º ano F3 matutino do CENOS por demonstrarem empenho, entusiasmo e superação em momentos de partilha de saberes, no decorrer dos dois meses de aplicação do projeto.

Profª. Daniela Reis

Sumário

Apresentação 7

A Pedra da Leste 9
Ana Kelly Silva

O trabalhador sofrido 11
Ana Quele Santos

O pescador humilde 13
Cailane de Araujo

Feira livre 15
Chaiane Melo

Uma bela vista 17
Clécia Moreira

Realidade infantil 19
Franciele Miranda

O menino trabalhador 21
Gilsara Souza

Sábado na feira livre 23
Hugo da Silva

Brincadeira de criança 25
Jailly Mercês

A humildade do pescador 29
Jobson dos Reis

Casal de idosos 31
Keila Almeida

Trabalho duro 33
Ketilen Nicole Evangelista

Bela flor 35
Larissa de Almeida

Trabalhadores do sisal 37
Latifa Dantas

O barco 39
Luan Carvalho

Presente de filha 41
Lucas Alves

Jeito de pescador 43
Michele Sena

O afogamento 45
Raquel Dias

Brincadeira na terra 47
Sabrina Guimarães

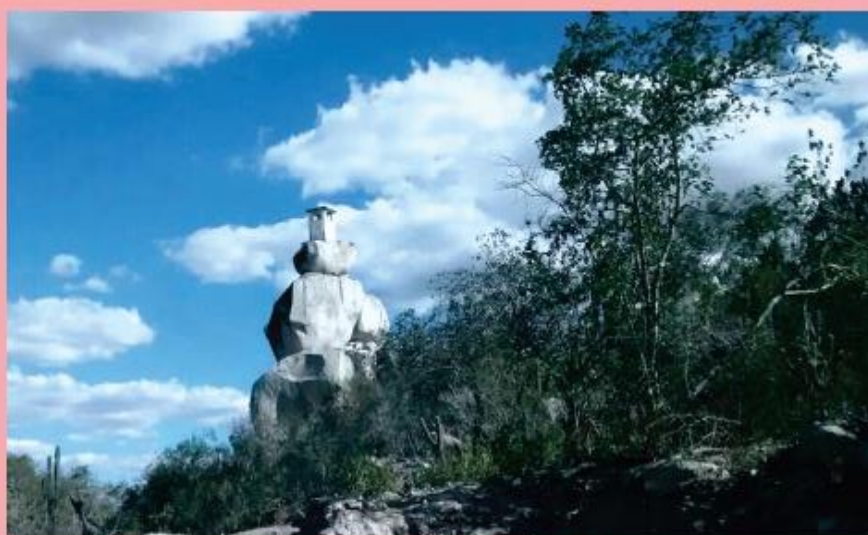
A casinha 49
Thaiara Carvalho

APRESENTAÇÃO

Início a apresentação desse pequeno livro com uma frase proferida por Rubem Braga em uma de suas entrevistas, ao ser questionado sobre o conceito da crônica: “Ora, se não é aguda, é crônica”. Assim, de maneira irreverente, esse grande e exímio cronista brasileiro define o gênero crônica em sua forma escorregadia de ser, demonstrando que, por diversas vezes, o seu conceito “escapa aos dedos”. Em sua essência, a crônica literária encontra espaço nas miudezas do cotidiano, expostas através do olhar sensível e apurado do escritor. Ser cronista é ser minucioso, sensível, ser um artesão de palavras simples e acessível ao público de seu tempo. No entanto, ser cronista não é tão fácil quanto parece.

Assim, esta coletânea reúne escritos, produzidos pelos alunos do 9^a ano F3 matutino do CENOS, que se aproximam (ou intentaram se aproximar) de crônicas literárias. As produções ocorreram durante a aplicação do projeto de intervenção do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UEFS) e foram inspiradas em imagens fotográficas capturadas e/ou escolhidas pelos alunos, cujas temáticas abordam o cotidiano das pessoas da cidade. Com isso, os alunos/autores puderam lançar seus olhares sobre a realidade do local onde estão inseridos, deixando aflorar a sensibilidade e a capacidade de percepção do mundo a sua volta.

Prof^a. Daniela Reis



Pedra da Leste, Santaluz-BA
Foto: Ana Kelly Silva

A Pedra da Leste

Numa tarde de terça-feira, conhecendo alguns pontos turísticos da minha cidade, resolvi ir à Pedra da Leste, curiosa para saber como era aquele lugar que todos falavam.

A pedra era enorme, ela estava rodeada de árvores. Em cima, havia uma guarita de cor branca. Fiquei me perguntando como colocaram aquela guarita lá em cima. De repente, me deparei com uma menina magra, alta, cabelos cacheados. Ela era moradora daquele lugar.

Aproximei-me e perguntei:

- Você é moradora daqui há muito tempo?

- Sim.

- Você sabe como colocaram aquela guarita sobre a pedra?

- Sei, minha avó me contou.

Fiquei curiosa para ouvir.

A garota começou a contar:

- Minha avó me contou que há muito tempo atrás, homens, com máquinas enormes, colocaram ela lá em cima.

E concluiu:

- Aquela guarita foi colocada ali por uma empresa para vigiar o lugar.

- Obrigada – Agradei à garota.

Retornei para casa satisfeita em saber a história daquele lugar.

Ana Kelly Silva



Morro dos Lopes, Santaluz-BA
Foto: Daniela Reis

O trabalhador sofrido

Andando pela região, observando a beleza em um lugar maravilhoso que se chama Morro dos Lopes, vi a importância da natureza que, muitas vezes, fica oculta em pequenos detalhes que não percebemos. Fiquei impressionada.

Assim, fiquei imaginando quantas riquezas que não via antes naquela paisagem. Mas, contrastando com aquela beleza, havia um trabalhador quebrando pedra.

Era o trabalhador da pedra. Ele dá o seu melhor para manter o seu sustento, apesar de ser um trabalho duro, sofrido e acima de tudo arriscado. Mas ele não desiste de lutar pelo seu trabalho.

Ele tem orgulho de sua profissão, ele sim é um grande guerreiro, que também sonha com um futuro melhor.

Ana Quele Santos



Açude Tapera, Santaluz-BA
Foto: Cailane de Araújo

O pescador humilde

Em um dia ensolarado, eu estava passando pelo Açude Tapera, quando me deparei com um pescador. Eu fiquei observando aquele homem, encantada pela forma que ele pescava, com muito amor e carinho. Aproximei-me para perto dele e perguntei se ele gostava daquela profissão. Ele respondeu:

- Gosto. Também essa é a única que eu encontrei.

Fiquei pensativa diante daquela resposta.

- E por que você não procurou outra profissão?

- Por que eu não tive estudo para poder ter um trabalho digno.

- Você tem filhos?

- Tenho.

- Quantos?

- Eu tenho cinco filhos.

- Quanto você ganha pescando?

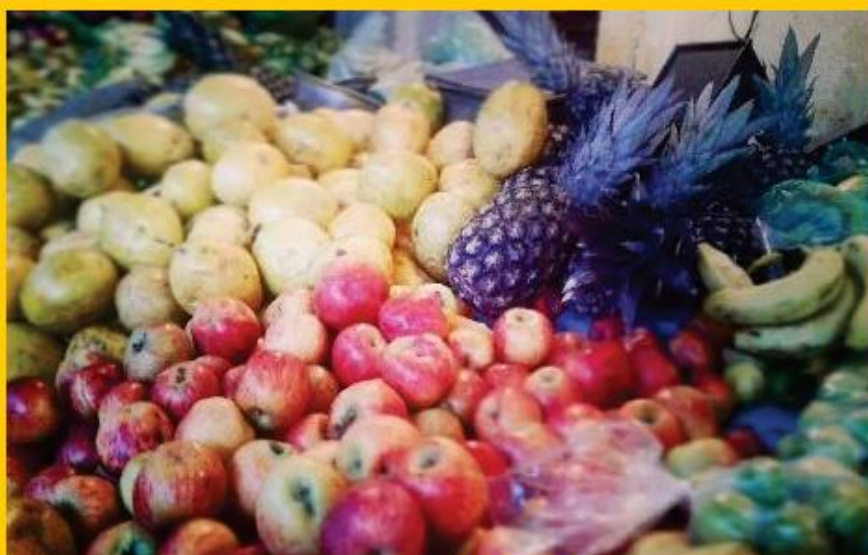
- Eu ganho muito pouco. Tem dias que eu ganho 50 reais.

Então, perguntei para ele o que ele fazia com cinquenta reais...

- Faço tudo. Pago conta de água e de luz, faço compras de mercado, compro roupas, etc...

Tirei quinhentos reais do bolso e dei para Seu José. Ele disse que não queria porque era um valor muito alto. Eu disse que não teria problema. Ele pegou o dinheiro e voltou a trabalhar novamente. E eu fui para casa.

Aquela situação me fez refletir sobre a vida das pessoas que não tem condições financeiras, mas tem humildade e alegria de viver apesar de tudo.



Feira livre, Santaluz-BA
Foto: Chaiane Melo

Feira livre

Numa tarde chuvosa, frio tomando conta, lá estava eu visitando a feira livre na hora da xepa.

Me aproximando de uma banca de frutas, me deparei com enormes uvas. Pareciam estar deliciosas, cheguei até a provar uma, para me certificar de que não estaria enganada. Provei-a. Mas eu estava realmente focada no colorido de todas as frutas.

Cheguei perto do feirante e perguntei:

- Quanto está a maçã, seu moço?

Ele me respondeu com o entusiasmo de quem quer vender e disparou:

- Bom dia, querida. A maçã está quatro por dois reais, promoção do dia!

Eu, satisfeita com o atendimento e com o preço, respondo:

- Põe na sacola, vou levar.

O feirante também satisfeito com a minha compra, o que já era de se esperar de um humilde e honesto vendedor, respondeu:

- Pode deixar, senhora! – Disse sorrindo.

De repente, apareceu um menino com sua roupa amassada e suja, seus olhos murchos, a barriga roncando. Ele se aproximou de mim e falou:

- Moça?

Eu, surpresa com a chamada do menino, respondi:

- Oi, garotinho!

Ele sorriu e ficou todo tímido e perguntou:

- A senhorita tem algum trocado para me dar?

Eu, já comovida com o garotinho, perguntei:

- Você tá com fome?

Ele me olhou com um olhar penoso e me respondeu:

- Tô, mas não é muita fome não.

Já percebendo que ele estava bem fraquinho, convidei-o para lanchar.

Fomos à lanchonete próxima à feira livre. Chegando lá, nos acomodamos numa mesa. Pedi ao garçom dois sanduíches e dois copos de suco. Todo contente, ele saiu e me agradeceu bastante. Paguei a conta e fui embora.

Andando a caminho de casa, fiquei pensando em quantas pessoas passam fome no nosso país.



Açude Tapera, Santaluz-BA
Foto: Daniela Reis

Uma bela vista

Em um sábado bastante ensolarado, acordei pensando na vida. Então, resolvi andar pelo meu bairro, observando a beleza da paisagem.

Parei de frente para a água e fiquei observando a maneira como ela se movimentava. Seu barulho me chamava atenção.

Aquele lugar era tranquilo para refletir sobre as coisas da vida. O som do vento me deixava calma. Por um momento, esqueci os meus problemas. Fiquei debaixo da árvore aproveitando a brisa.

Me encantei por um pássaro que estava cantando em cima da árvore. Cheguei perto para vê-lo. Sua cor era linda, preto com branco. O jeito que ele batia as asas era belo.

Essa paisagem é muito importante para mim, me faz refletir sobre as coisas da vida. Eu gosto de lá, do jeito e da maneira de se viver em meu lugar.

Clécia Moreira



Realidade infantil

Em uma manhã, eu estava andando e resolvi admirar a paisagem do Açude Tapera, um lugar onde eu sempre estava, mas nunca havia parado para apreciar sua beleza. E me deparei com uma cena onde duas pessoas conversavam sobre a vida naquele lugar. Parei para ouvi-las.

- Como esse lugar é calmo, né?

- Sim, muito calmo, gosto muito daqui!

Enquanto eles conversavam, chegaram duas crianças que vivem naquele lugar. Elas tinham um olhar doce, um sorriso lindo. Uma vestia uma blusa amarela e uma bermuda, a outra com uma blusa azul e um short vermelho.

Eles vendiam salgados. Se aproximaram dos senhores e perguntaram:

- Os senhores querem comprar salgados?

O homem olhou para os meninos com um olhar piedoso e falou que sim. Os meninos deram um sorriso lindo e olharam com gratidão. Venderam o salgado e foram-se embora.

Em meio àquela situação, fiquei surpresa com a atitude daquela criança. Pensei se eles não deveriam estar na escola estudando, ao invés de trabalhar.

Parei para pensar mais sobre aquilo que vi, e cheguei à conclusão que eles deveriam estar trabalhando para ajudar seus pais, que deveriam estar passando por uma situação ruim e eles resolveram ajudar. Eles não queriam que seus pais ficassem naquela situação. Pensaram que, se pudessem vender salgados, tinham como ajudá-los.

Franciele Miranda



Morro dos Lopes, Santaluz-BA
Foto: Gilsara Souza

O menino trabalhador

Eram cinco horas da manhã, Hebert estava se preparando para mais um dia de trabalho. Ele sempre acordava cedo, vestia seu uniforme de trabalho, tão simples e composto por uma calça velha, um capote fino e uma havaiana. E assim, partia para o seu trabalho.

No seu trabalho não existia assento. Então ele tinha que sentar no chão.

E assim começava. Posicionava o ponteiro sobre a pedra, fazendo uma reta. Depois, batia com um martelo, fazendo formar um paralelo grande. Refazia o movimento, até formar um novo paralelo, só que dessa vez, um paralelo pequeno. Ele precisava quebrar mil pedras para ganhar apenas duzentos reais.

Hebert é um jovem que possui um trabalho muito pesado e cansativo, mas mesmo assim, ele não reclama. Sempre vai trabalhar com um belo sorriso no rosto. Seu trabalho não possui segurança nenhuma. Ele é menor de idade, trabalha esforçadamente para comprar suas coisas com o seu suor.

Ele tem um sonho, um sonho simples, ele quer um trabalho melhor, melhorar de vida e dar uma casa digna aos seus pais. Mas ele ganha muito pouco, não é o suficiente. Mesmo assim não desiste, pois nada é impossível para aquele menino guerreiro, trabalhador, que tem fé em mudar de vida.

Gilsara Souza



Feira livre, Santaluz-BA
Foto: Daniela Reis

Sábado na feira livre

Em um dia de sábado, fui na feira livre da minha cidade. Eu estava dando um passeio com minha vó, quando eu vi uns sacos de farinha. Chamei ela para comprar um quilo.

Tinha quatro tipos de farinha diferentes. Fui experimentando uma por uma. A primeira era mais grossa, mas era gostosa. Até que levei um quilo.

Chegando em casa, experimente um tipo. Resolvi fazer uma farofa com josefina e bacon. Comi sem pressa de acabar.

Após uma semana, a farinha havia acabado. Então voltei na feira livre, mas no caminho encontrei várias barracas de verduras, legumes e frutas. Comprei vários legumes para fazer um tempero para a minha farofa.

Voltei à barraca da farinha. Chegando lá, prestei bem atenção no modo que o vendedor pesa. Sem ajuda de tecnologia moderna, ele bota a farinha em um saquinho, coloca na balança e depois usa os pesos do outro lado. Achei aquilo interessante.

Hugo da Silva



Açude Tapera, Santaluz-BA
Foto: Daniela Reis

Brincadeira de criança

Em uma manhã de céu límpido, eu andava observando o mundo ao meu redor, em um bairro sem pavimentação da minha cidade. Aos olhos de pessoas apressadas, aquele ambiente nem era tão bonito... Mas meus olhos enxergam além das paredes desgastadas e casas sem muros.

Na verdade eu me alegro por isso, a vida não teria sentido se tudo fosse perfeito, ela é perfeita em suas imperfeições.

Bem, irei direto ao ponto.

Passando pelo fundo de casas simples, cercadas por flechas e arames que sustentam o cercado, uma simplicidade comum no interior, escutei vozes que aparentavam ser de crianças brincando e, aproximando-me, reparei no quintal. Parecia com outros quintais por perto, mas havia algo de diferente. Um tronco cortado. Por certo, foi cortado para colocar varais e estender roupa.

De repente, num canto do quintal, três crianças brincavam de lutinha. Era um tanto engraçado como falavam, ou melhor, gritavam:

- Iah! Rum! Rá! Vou te dar uma chute nas costas, vai ver só –
Dizia a menina toda afoita...

- Duvido, você é tão baixa quanto a filha da vizinha, nunca vai conseguir dar uma chute em minhas costas – Disse o menino todo convencido.

- Não sou baixa NADAA! – Gritou a menina.

O menino começou a rir e a menina se irritou de tal modo que ficou vermelha. Então subiu em uma banquinha pequena e... tac, um

chute nas costas.

A careta do menino foi hilária. Primeiro ficou vermelho, enfunou-se e fez um bico. Porém, ele sabia que se batesse na menina, a sua mãe lhe daria uma surra bem pior que um chute. Então encheu os olhinhos de água e a menina se mostrou desesperada:

- Desculpa, desculpa, não faço mais, prometo. Mas foi você quem provocou. Por favor, não conta para a sua mãe, ela vai reclamar.

Por aí começa a chantagem...

- Hum... tá, eu não conto pra minha mãe, mas só se me dar uma caixa de bombom.

- Tá, mas vai demorar, porque eu não tenho dinheiro.

- Ahh não! Queria agora.

- Não dá, desculpa. Mas eu vou juntar as moedas de cinquenta centavos que meu avô me dá todas as tardes, para comprar cocada, compro a caixa de bombom quando puder e te dou.

Aquilo me doeu. Senti uma tristeza por ver a humildade daquela menina, o sacrifício de ficar sem suas cocadas. Então fui ao mercadinho “Deus abençoe” que ficava ali perto, comprei a tão sonhada caixa de bombom e voltei para casa.

Chamei. Na verdade, bati palmas. Uma senhora que imaginei ser a mãe do menino apareceu na porta com uma roupa suja de gordura. Aparentava ter uns quarenta anos. Ela me olhou de cima a baixo, perguntou o que eu queria. Expliquei. Dei a caixa de bombom e mandei dizer a menina que não precisaria sacrificar suas cocadas.

Fui para o quintal escondida e esperei...

Felizmente, pude ver o brilho no olhar das crianças e ouvi a frase mais importante que o menino poderia dizer:

- Gosto muito de você. O que eu disse antes esqueça, por favor, e me perdoe é que eu só como bombom no meu aniversário.

A menina deu-lhe um abraço e não disseram mais nada.
Aqueles olhares, aquela sensação, não teve preço.

Jailly Mercês



Açude Tapera, Santaluz-BA
Foto: Jobson dos Reis

A humildade do pescador

Andando nas margens do Açude Tapera, no entardecer de um lindo dia de sábado, observei um pescador se preparando para entrar na água. Já na canoa, ele começou a remar para o centro e se preparou para lançar a rede. Fiquei a observar dali mesmo, e esperei para ver o espetáculo dos peixes se debatendo uns com os outros.

Finalmente, chegou o grande momento do pescador puxar a rede de volta. Do nada, centenas de peixes surgiram na superfície e o pescador começou a puxá-los para a canoa.

Depois de capturar uma absurda quantidade de peixes, achei que ele já iria embora, mas não. Ele continuou no mesmo lugar e começou a soltar alguns peixes de volta para a água. Fiquei sem entender.

Depois de terminar com os peixes, ele fechou a rede e começou a remar para a margem onde eu estava. Após prender a canoa, ele se aproximou e eu pude ver que ele usava um cordão com um pingente de sereia.

Ele chegou onde eu estava e me cumprimentou:

- Boa tarde, seu moço! – falou o pescador com uma rede cheia de peixes nas costas.

- Boa tarde, senhor! Fiquei a observar o seu trabalho e vi que o senhor devolveu para a água muitos dos peixes capturados. Por quê?

- Sim, é verdade. É que nem todos os peixes servem para o consumo. Alguns são muitos pequenos. Nós pescadores precisamos respeitar isso – disse o pescador de forma simples e orgulhosa.

- Sim! Isso é verdade! – respondi demonstrando interesse em saber mais sobre o assunto.

Depois de já algum tempo conversando com o pescador, chegou um momento que ele me presenteou com três peixes frescos e com um aperto de mão ele se despediu, seguindo a caminho de casa.

E o que deveria ter sido só mais uma caminhada, se tornou uma bela aprendizagem sobre pescaria.

Jobson dos Reis



Morro dos Lopes, Santaluz-BA
Foto: Daniela Reis

Casal de idosos

Em uma tarde de domingo de sol escaldante, fui ao bairro Morro dos Lopes e vi uma casa simples e velha, onde moravam dois idosos. Eles eram pobres, tinham poucos bens, mas eram felizes. Passavam dificuldades, pois em sua casa não tinha eletricidade. Onde moravam não tinha supermercado, nem hospital por perto.

Não tinham muitas amizades, nem recebiam visitas. Eles eram distantes de suas famílias, mas eram fortes, pois tinham amor, saúde e paz.

Certo dia, eles resolveram sair para dar uma volta, no domingo do dia dos pais. Passeando pelo bairro, eles encontraram duas crianças abandonadas e com fome. Eles não tinham condições, mas o coração deles se abriu.

Resolveram pegar as crianças para cuidar. Eles sabiam que tinham pouco tempo de vida, mas era o suficiente para cuidar daquelas crianças.

Depois que alguns anos se passaram, as crianças se tornaram adolescentes e começaram a cuidar dos idosos. Eles chamaram os pobres velhos de pai e mãe.

Passando alguns dias, eles casaram tiveram seus filhos e deram netos para os idosos.

O casal de idosos ficou feliz, pois conseguiram formar uma família linda. Não ligavam para o que faltava em casa, pois o melhor de tudo tinham conseguido: a felicidade e esperança naquilo que acreditavam.

Keila Almeida



Centro, Santaluz-BA
Foto: Ketilen Nicole Evangelista

Trabalho duro

Numa tarde comum, rua pouco movimentada de sol bem quente, saí de casa para resolver uns assuntos. A rua estava pouco movimentada, silenciosa, poucos carros. Então lembrei que era feriado. Me dei conta que era normal aquele pouco movimento. Apesar daquele silêncio, algo me chamou a atenção: um carroceiro levando material de construção.

Ele usava camisa de manga comprida e outra sobreposta de cor azul, calça jeans, chapéu de palha, luvas e botas pretas. Com aquela roupa ele se protegia do sol. Aparentava ter ao menos cinquenta anos de idade. Segurava as rédeas para conduzir a sua carroça, o seu instrumento de trabalho.

A carroça ainda é um meio de transporte e um instrumento de trabalho usado em cidadezinhas pequenas do nordeste. Nela, continha madeiras, cordas, pá e uma sacola que carregava alimento e água. Ele estava preparado para mais um dia de trabalho.

Eu não o conhecia, mas acredito que ele tinha filhos e que aquele trabalho era o sustento da família.

Os carroceiros têm um trabalho duro, acordam cedo, vestem suas roupas e vão trabalhar, carregar coisas. Esse é o trabalho deles, ganham pouco, mas trabalham com alegria no coração.

Ketilen Nicole Evangelista



Morro dos Lopes, Santaluz-BA
Foto: Jobson dos Reis

Bela flor

Passeando por uma estrada deserta, com céu límpido, em um dia de sábado, avistei uma flor que esbanjava beleza. A luz do sol em suas pétalas amarelas me lembrou da vida que, como uma flor, é bela, mas é frágil, com o vento se vai.

Aproximei-me suavemente, tentando ver como uma simples flor poderia expressar a sua leveza. Levantei a mão e toquei na sua pétala, foi como ter ganhado um abraço em um dia de frio.

Encostei meu rosto tocando a ponta de meu nariz em sua pétala. Seu perfume encantado, me fez perceber que bons momentos passam, mas não na memória.

Distanciei-me daquela flor, pensando que quando estivesse passando por aquela estrada, lembraria que a vida é como uma flor.

Larissa de Almeida



Batedeira de sisal, Santaluz-BA
Foto: Daniela Reis

Trabalhadores do sisal

Outro dia, resolvi visitar a bateadeira que fica perto da minha casa. Chegando lá, fiquei observando aquele galpão quente. Tinha muitas máquinas, o barulho era muito alto. Cada trabalhador tinha a sua função, uns cortavam o sisal, outras estendiam a fibra, outros eram bagaceiros e outros colocavam as fibras na máquina.

Me chamou bastante a atenção as mulheres que faziam o mesmo trabalho pesado que os homens. Elas eram fortes por estarem ali. Talvez estivessem ali por não terem concluído os estudos, ou por terem casado cedo. Com certeza eram de família pobre e tinham seus filhos para sustentar.

Uma dessas mulheres estava com uma blusa de manga comprida e uma calça preta, com um pano amarrado na cabeça. A outra estava vestida com uma blusa branca igual ao seu short e de havaiana.

No galpão também tinha um rádio. Elas cortavam o sisal com facas. Tudo era improvisado, não tinha nenhum equipamento de segurança.

Naquela visita, percebi que aquele trabalho era duro, sofrido e cansativo, mas era um trabalho direito e honesto, como outro qualquer.

Latifa Dantas



Açude Tapera, Santaluz-BA
Foto: Daniela Reis

O barco

Certo dia, eu estava na beira do açude, quando eu vi um barco que estava sozinho. Olhei, não avistei ninguém e subi no barco. Quando olhei pra frente, tinha muitos peixes coloridos. Fiquei encantado com o tanto de beleza dos peixinhos.

Tentei pegá-los com uma rede. Só que quando chegava perto, os peixes sumiam e depois voltavam para próximo da margem do açude.

O açude estava tão lindo que o céu refletia na água e tudo ficava feliz.

Estava tudo bem, até o dono do barco chegar e querer reclamar do que eu estava fazendo. Que não era nada demais.

- O que você faz em meu barco?

- Calma, senhor, sou apenas um turista e achei seu barco lindo.

- Mesmo assim, o que você faz nele?

Estou admirando os peixes do seu açude, que são todos lindos.

- Ah, pois então tá de boa! Quando acabar guarde ele novamente.

- Viu.

Luan Carvalho



Açude Tapera, Santaluz-BA
Foto: Jobson dos Reis

Presente de filha

Hoje pela manhã, passando pelo açude em minha corrida matinal, vi dois pescadores. Um deles jogou a rede, enquanto o outro a segurava. Quando puxaram a rede, não tinham conseguido pegar nem sequer um peixe.

Passando por lá, escutei um pouco da conversa dos pescadores.

- Tá difícil, amigo.

- Pois é, quem guenta?

- Já cortaram até a minha luz, e o pior é que hoje é o aniversário de minha filha.

- Tudo culpa da falta de peixe, causada pela seca. Mas por que você não fica feliz se é o aniversário de sua filha?

- Por que não tenho dinheiro nem pra pagar as contas, imagina presentear a minha filha. Por isso estou triste.

- Ah, sim! Queria poder ajudar, mas não tenho condições.

Ao escutar essa conversa, não pensei duas vezes. Interrompi e falei:

- Olá! Eu quero ajudar. Não sou tão rico, mas posso ajudar.

Então ele me olhou com um olhar espantoso e um sorriso de felicidade. Mesmo assim, não aceitou. Quanto mais eu oferecia a ajuda, mais ele recusava.

Então avistei uma criança correndo. Uma linda menina correndo, com cabelos lisos e morenos, com olhos brilhantes, puros, um sorriso que nunca tinha visto igual. Ela parou às margens do açude e falou:

- Pai, tá na hora, vamos!

- Estou indo filha.

Ele se despediu de seu companheiro e se dirigiu às margens do açude. Então fiz mais uma tentativa. Ele negou.

Chamei a sua filha, dei-lhe um abraço de feliz aniversário e coloquei disfarçadamente uma nota em seu bolso de trás.

Virei as costas e fui embora. Saí a me perguntar se ela acharia o dinheiro no bolso.

Lucas Alves



Açude Tapera, Santaluz-BA
Foto: Daniela Reis

Jeito de pescador

Em uma tarde de quarta-feira. Passando pelo açude, como de costume, me deparei com aquela cena de dois pescadores em canoas diferentes, com suas redes, tão felizes e dispostos a trabalhar. Aquilo me chamou a atenção.

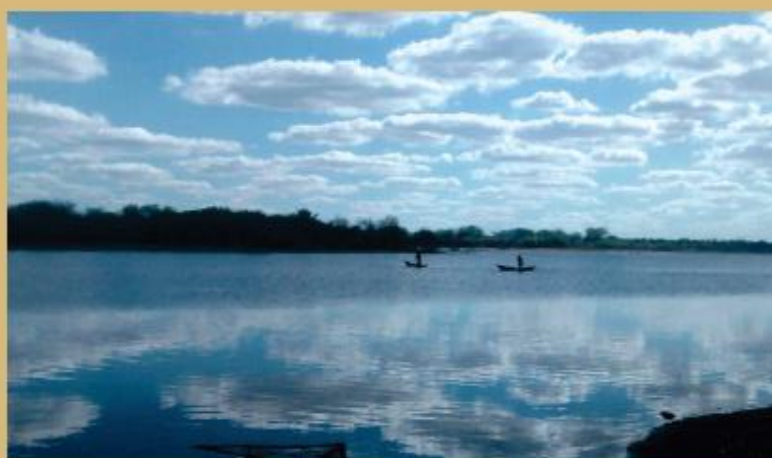
Por um momento, parei e pensei em como é apaixonante a forma como aqueles pescadores trabalhavam.

É gratificante o modo como eles jogam suas redes, é esplendoroso a dedicação daqueles pescadores e como eles se dispõem a fazer os seus trabalhos, para no final do dia ter seu ganha pão. Ao mesmo tempo, pensei nas dificuldades que eles enfrentam.

Me aproximei e fiquei a observar tudo o que eles faziam e a admirar a paisagem. Observei até mesmo como aquele sol brilhava sobre aquelas águas claras. Aquilo me encantava cada vez mais.

Estava ficando tarde, fui embora, mas aquilo não me saía da cabeça. Eu ficava imaginando como tudo que eu havia visto era lindo, e como aquele trabalho pode ser maravilhoso, basta ter força de vontade e dedicação.

Michele Sena



Açude Tapera, Santaluz-BA
Foto: Cailane de Araújo

O afogamento

Em um dia de domingo, dois homens saíram para navegar, eles pareciam felizes.

Marcos é um moço moreno e alto, deve ter uns vinte anos. Fernando é um homem moreno e um pouco menor. Eles talvez fossem amigos ou irmãos, não sei.

Fernando fala algo para Marcos. Marcos que está em outro barquinho acena para Fernando dizendo que não. A correnteza fica forte e os barcos se afastam. Fiquei assustado com a situação...

O barco de Fernando está balançando muito. Marcos sai e chama por Fernando. Ele parecia nervoso.

- Fernando, Fernando! Venha, tente sair daí.

Fernando assustado com tudo aquilo grita:

- Me ajude, não posso sair sozinho. Me ajude, Marcos! Me ajude.

Marcos, assustado, pega seu barco e tenta ir até Fernando. Mas a correnteza, a correnteza, está muito forte.

Marcos é jogado para longe. O Barco de Fernando vira. O homem grita:

- Socorro, socorro! Ele se afogou.

Três homens grandes tiraram Marcos, depois voltaram lá a procura de Fernando. Mas não o acharam.

Marcos, todo molhado e desesperado, liga para uma amigo. Ele chegou após uns trinta minutos.

Começaram a procurar Fernando.

Acharam depois de duas horas, já era tarde demais, Fernando estava morto.

- Ai meu Deus! Ufa, acordei.

- Que pesadelo – levantei da cama.

Lembrei de um ocorrido, em que uma criança havia morrido afogada no açude da cidade.

Refleti sobre os sonhos e a realidade.



Açude Tapera, Santaluz-BA
Foto: Daniela Reis

Brincadeira na terra

Numa tarde de quinta-feira, de clima agradável, eu saí para visitar uma amiga que morava em um bairro afastado da cidade. Ao chegar lá, vi muitos lixos espalhados pelo chão. Era um bairro simples, de moradores humildes. Lá, não havia pavimentação, as crianças brincavam no chão de terra.

De repente, uma situação me chamou a atenção: três crianças negras brincando de futebol. Aparentavam ter a idade de dez anos. Estavam vestidos com um short, sem camisa e com os pés descalços. Me aproximei deles e perguntei:

- Vocês costumam brincar aqui todo dia?

- Sim – respondeu um dos meninos todo animado.

- Vocês têm sonhos?

Um dos meninos me respondeu todo afoito:

- Sim, eu quero ser jogador de futebol como o Neymar.

O outro disse:

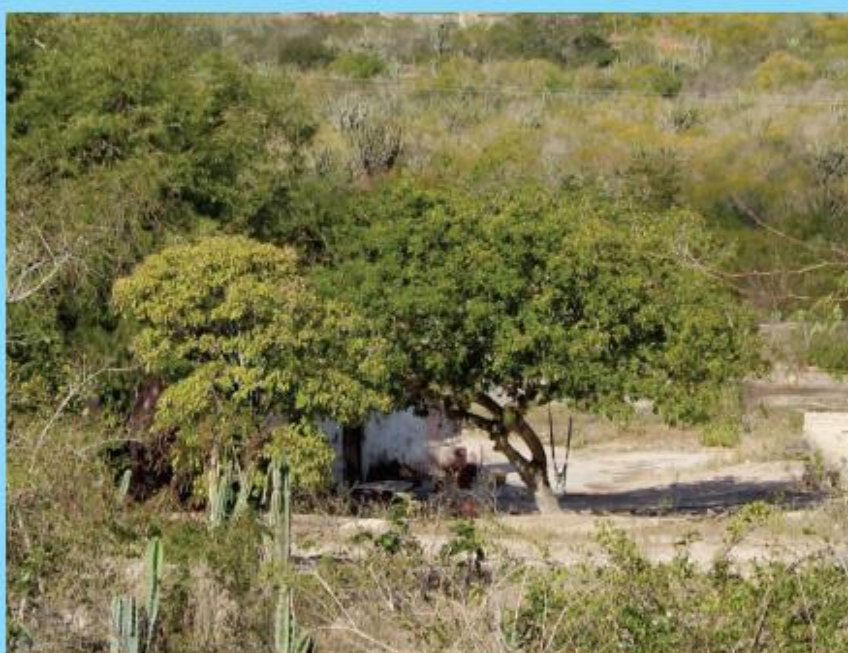
- E eu quero ser veterinário.

E o terceiro respondeu:

Eu quero ser médico.

Saí daquele lugar refletindo sobre aqueles três meninos naquela situação. Vi que eles sonhavam muito, apesar da vida que eles levavam.

Sabrina Guimarães



Morro dos Lopes, Santaluz-BA
Foto: Daniela Reis

A casinha

Em uma linda tarde de domingo, andando como de costume, avistei uma bela casinha. Nessa casinha, tinha uma grande árvore, aparentava ser de umbu. Na árvore, tinha um balanço. Concluí que havia moradores e uma criança. De longe fiquei a observar.

Me bateu uma sede, não tinha mais casa por perto, só aquela casinha. Tomei coragem e fui lá. Ao chegar, bati na porta: toc... toc... Em poucos minutos, a porta abriu. Lá estava um casal de idosos humildes. A senhora que abriu a porta. Então eu falei:

- Oi, estava andando por essas bandas e me bateu uma sede. Será que a senhora pode me arrumar um copo com água?

- Posso, sim – a senhora com um olhar triste respondeu.

- Minha casa é humilde, não tenho geladeira, só tenho um velho pote.

Então eu disse:

- Pode ser, não me importo.

Ela abriu um sorriso, pegou a água e trouxe até mim. Começou a me falar uma história de que tinha vez que eles não tinha o que comer. Fiquei comovida com a história.

Poucos minutos, apareceu uma criança com uma roupa rasgada, falando:

- Vovó, estou com fome! – a avó com lágrimas nos olhos disse:

- Minha filha, não tem o que comer.

Olhei com os olhos cheios de lágrimas, sem poder fazer nada, pois estava sem dinheiro.

Me retirei e saí antes de agradecer a senhora pelo copo de água.
Passou o dia e eu querendo uma resposta. O que eu podia fazer para ajudá-los?

Pensei e resolvi. Fui a um supermercado e fiz uma feira com alimentos, merendas para a menina e voltei até a casinha.

Chegando lá, encontrei aquela menina no seu balanço. Comecei a tirar as sacolas do carro. A menina me olhou com aquela carinha de feliz e chamou a sua avó.

A senhora me agradeceu por tudo. Fiquei emocionada e saí feliz.

Thaiara Carvalho

Esta coletânea reúne escritos, produzidos pelos alunos do 9º ano F3 matutino do CENOS, que se aproximam (ou intentaram se aproximar) de crônicas literárias. As produções ocorreram durante a aplicação do projeto de intervenção do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UEFS) e foram inspiradas em imagens fotográficas capturadas e/ou escolhidas pelos alunos, cuja temática aborda o cotidiano das pessoas da cidade. Com isso, os alunos/autores puderam lançar seus olhares sobre a realidade do local onde estão inseridos, deixando aflorar a sensibilidade e capacidade de percepção do mundo a sua volta.

APÊNDICE D – FOLDER DA EXPOSIÇÃO *OLHARES COTIDIANOS: ENTRE CRÔNICAS E IMAGENS*

"O leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, faz o que bem entende, distorce, reemprega, introduz variantes, deixa de lado os usos corretos. Mas ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo".

Michèle Petit

Organização:

Daniela dos Reis Santos Lima
Professora-pesquisadora

Ana Kelly da Silva
Aluna participante

Chaiane dos Santos Melo
Aluna participante

Jobson dos Reis Oliveira
Aluno participante

Sabrina Guimarães Silva
Aluna participante

Thaiara Carvalho dos Santos
Aluna participante



Exposição de imagens
fotográficas e crônicas
literárias







**O
L
H
A
R
E
S

e
n
t
r
e

c
r
ô
n
i
c
a
s

e

i
m
a
g
e
n
s**

Centro Educacional Nilton Oliveira Santos
Avenida Getúlio Vargas - Centro
Santaluz - Ba.

Dia 09/10

Santaluz
2017

Projeto:
O cotidiano em palavras: uma proposta para o desenvolvimento de habilidades escritoras a partir da crônica



Apresentação:

A exposição **Olhares cotidianos: entre crônicas e imagens** é o resultado do projeto de intervenção do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UEFS, intitulado *O cotidiano em palavras: uma proposta para o desenvolvimento de habilidades escritoras a partir da crônica*. A mostra é composta por imagens fotográficas capturadas pelos alunos e pela professora-pesquisadora, cuja temática se refere ao cotidiano das pessoas da nossa cidade, e por crônicas literárias produzidas pelos alunos participantes do projeto.

O referido projeto tem como objeto de estudo a leitura e a escrita a partir de crônicas literárias. No entanto, o seu objetivo não é a formação de cronistas, uma vez que a escrita literária extrapola o tempo e o espaço da sala de aula. Desse modo, mesmo que a maioria dos alunos não tenha conseguido escrever crônicas literárias, as leituras e as escritas desenvolvidas foram instigadas pela maneira como o cotidiano é abordado nas obras dos maiores cronistas brasileiros.



Objetivos:

- Promover o contato do público-leitor com os textos produzidos pelos alunos participantes do projeto, com vistas à concretização da situação sociocomunicativa;
- Valorizar o texto produzido pelo aluno, de maneira que ele se reconheça como um escritor em potencial.

Público-alvo:
Comunidade escolar

Produções dos alunos participantes do projeto:

A pedra da Leste - Ana Kelly Silva
O trabalhador sofrido - Ana Quele Santos
O pescador humilde - Caiane de Araujo
Feira livre - Chaiane Melo
Bela paisagem - Clécia Moreira
O mandacaru - Danilo Santos
Realidade infantil - Franciele Miranda
Menino trabalhador - Gilsara Souza
Sábado na feira livre - Hugo da Silva Santos
Brincadeira de criança - Jaily Mercês
A honestidade do pescador - Jobson dos Reis
Uma casinha de lembranças - Keila Almeida
Trabalho duro - Ketilen Nicoli Evangelista
Bela flor - Larissa de Almeida
Trabalhadores do sisal - Latifa Dantas
O barco - Luan Carvalho
O brinquedo - Lucas Alves
Jeito de pescador - Michele Sena
O afogamento - Raquel Dias
Crianças brincando na terra - Sabrina Guimarães
A casinha - Thaiara Carvalho

A cidade e o cotidiano






"A crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoadada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas".

Antônio Cândido

ANEXO A – FOTOGRAFIA DO CANTINHO LITERÁRIO

ANEXO B - FOTOGRAFIAS DA RODA DE CONVERSA E DA VISITA À BIBLIOTECA MUNICIPAL GUIDO GUERRA



ANEXO C – IMAGENS DA OFICINA DE FOTOGRAFIA E DA ATIVIDADE DE CAMPO



ANEXO D – FOTOGRAFIAS DA EXPOSIÇÃO *OLHARES COTIDIANOS: ENTRE CRÔNICAS E IMAGENS*



ANEXO E – CRÔNICA LITERÁRIA PRODUZIDA POR A4

Reescrita da crônica literária

Feira livre.

Numa tarde chuvosa, frio tomando conta, lá está eu visitando a feira livre, na horac da xepa.

Me aproximando de uma banca de frutas, me deporo com enormes uvas, parecem estar deliciosas, cheguei até provar uma para certificar-me que não estaria engomada. Provei-a estava realmente flocada no colorido de todas as frutas.

Cheguei perto do feirante e perguntei:

- Quanto está a maçã? Seu meço.

Ele me responde com entusiasmo de quem quer vender, e diz para:

- Bom dia, querida, a maçã está quatro por dois reais, promoção do dia!

Eu, satisfeita com o atendimento e com o preço. Respondo:

- Pô não socola, vou levar.

O feirante também satisfeito com a minha compra, o que era já de se esperar de um humilde e honesto vendedor.

Responde:

- Pode deixar, senhora!

Assim ele me respondeu, sorrindo.

De repente, aparece um menino com sua roupa amassada e suja, seus olhos murchos, a barriga roncando. Ele se aproxima de mim e fala:

- Mãe?

Eu, surpresa com a chamada do menino.

Responde:

- Oi garotinho!

Ele sorri e fica todo tímido. E pergunta:

- A senhorita tem algum trocado para me dar?

Eu, já comovida com o garotinho. Pergunto:

ATIVIDADE 08 45 Olhares cotidianos

- Joci tá com fome?
Ele me olha com um olhar pensoso, e me responde:

- Tô, mas não é muita fome não.
Foi percebendo que ele tinha um
fraguinho, convidei-o para lanche.

- Vamos lanche?
Pergunto toda animada.

- Sim, Sim!!

Assim ele me responde, feliz.
- Fomos à lanchonete próximo a feira
livre. Chegando lá, nos acomodamos numa
mesa. Pedi ao garçom dois sanduíches e dois
copos de suco. Todo contente ele sai e me
agradece bastante. Paguei a conta e fui
embora.

Anelando para o caminho de casa, fico
pensando "Poucas pessoas passam fome,
no nosso país".

ANEXO F – CRÔNICA LITERÁRIA PRODUZIDA POR A11

Reescrita da crônica literária

Brincadeira de criança

Em uma manhã de céu límpido, eu andava observando o mundo ao meu redor, em um bairro sem pavimentação na minha cidade. Nos olhos de pessoas apressadas, aquele ambiente nem era tão bonito... Mas meus olhos enxergam além de paredes desgastadas, ruas sem pavimentação e casas sem muros.

Não verdade, me alegro por isso, a vida não teria sentido se tudo fosse perfeito, ela é perfeita exatamente em suas imperfeições. Bem, iri direto ao ponto.

Passando pelo fundo de casas simples, cercadas por flechas e arames que sustentam o cercado, uma simplicidade comum no interior, escutei então vozes que aparentava ser crianças brincando e aproximando-me reparei no quintal, parecia com os outros quintais por perto, mas era diferente, um treco cortado me chamou atenção, por certo foi cortado para colocar varais e estender roupas.

De repente num canto do quintal, três crianças brincavam de lulinha, era um tanto engraçado como falavam eu melhor gritavam.

— Oh! hum! ná! vou te dar um chute nas costas, vai ver só! Dizia a menina toda ofeita...

— Durido, você é tão brava quanto a filha da vizinha, nunca vai conseguir dar um chute em minhas costas. Disse o menino todo convencido.

— Não sou brava NADAA! Disse a menina gritando.

O menino começou a rir, e a menina se irritou de tal modo, que ficou vermelha, então subiu em uma banquinha pequena e deu, um chute nas costas, a careta do menino foi hilária, primeiro ficou vermelho, enfurcou-se e fez um bico, porém ele sabia que se bratasse na menina, a sua mãe lhe daria uma surra bem pior que um chute, então encheu os alinhos de água e a menina se mostrou desesperada:

— Desculpa, desculpa, não faço mais, prometo, mas foi você que provocou, por favor não conta pra sua mãe, ela vai me reclamar.

Por aí começa a chantagem...

- Hum... Tá, eu não conto pra minha mãe, mas só se me dar uma caixa de bombom.

- Tá, mas vai demorar, porque não tenho dinheiro.

- Não não! Querida agora!

- Não dá, desculpa, mas eu vou furtar as moedas de cinquenta centavos, que meu avô me dá todas as tardes, para comprar escada e compro a caixa de bombom quando puder e te dou.

Aquilo me deu, um remorso grande me percorreu, a humildade da menina, o sacrifício de ficar sem suas escadas, então fui até o mercadinho "Deus abençoe" que ficava ali perto, comprei a tão esperada caixa de bombom e voltei a casa.

Chamei, na verdade brati palmas, uma senhora que imaginei ser a mãe do menino, apareceu na porta com a roupa suja de gordura, aparentava ter uns quarenta anos, ela me olhou de cima a baixo, perguntou o que eu queria, expliquei, dei a caixa de bombom e mandei dizer a menina que não precisaria sacrificar suas escadas.

Fui para o quintal escondida e esperei... Felizmente pude ver o brilho no olhar das crianças e ouvir a frase mais importante que o menino poderia dizer.

- Gosto muito de você, o que eu disse antes, esqueça por favor e me perdoe, é que só como bombom no meu aniversário.

A menina deu-lhe um abraço e não disseram mais nada.

Aquelas olhares, aquela sencação, não teve preço.

ANEXO G – CRÔNICA LITERÁRIA PRODUZIDA POR A12

Reescrita da crônica literária

A HUMILDADE DO PESCADOR

ANDANDO NAS MARGENS DO AÇUDE TAPERA, NO ENTARDECEER DE UM LINDO DIA DE SÁBADO, OBSERVEI UM PESCADOR SE PREPARANDO PARA ENTRAR NO AÇUDE. JÁ NA CANOA, ELE COMEÇOU A REMAR PARA O CENTRO E SE PREPAROU PARA ENTRAR NO AÇUDE. JÁ NA CANOA ELE SE PREPAROU PARA LANÇAR A REDE. FIQUEI A OBSERVAR DALI MESMO E ESPEREI PARA VER O ESPETÁCULO DOS PEIXES SE DEBATENDO UM COM OS OUTROS. FINALMENTE CHEGOU O GRANDE MOMENTO DO PESCADOR PUXAR A REDE DE VOLTA. DO NADA CENTENAS DE PEIXES SURTIRAM NA SUPERFÍCIE E O PESCADOR COMEÇOU A PUXÁ-LOS PARA A CANOA.

DEPOIS DE CAPTURAR UMA ABSURDA QUANTIDADE DE PEIXES, ACHEI QUE ELE JÁ IRIA EMBORA MAS NÃO, ELE CONTINUOU NO MESMO LUGAR E COMEÇOU A SOLTAR ALGUNS PEIXES DE VOLTA PARA A ÁGUA. FIQUEI SEM ENTENDER. DEPOIS DE TERMINAR COM OS PEIXES, ELE FECHOU A REDE E COMEÇOU A REMAR PARA A MARGEM ONDE EU ESTAVA. APÓS PRENDER A CANOA ELE SE APROXIMOU E PUDE VER QUE ELE USAVA UM CORDÃO COM UM PINJENTE DE SEREIA. ELE CHEGOU ONDE ESTAVA E ME CUMPRIMENTOU: — BOA TARDE, SEU MOÇO! — FALOU O PESCADOR COM UMA REDE CHEIA DE PEIXES NAS COSTAS.

— BOA TARDE, SENHOR! — FIQUEI A OBSERVAR O SEU TRABALHO E VI QUE O SENHOR DEVOLVEU PARA A ÁGUA MUITOS DOS PEIXES QUE O SENHOR CAPTUROU, POR QUÊ?

— SIM, VERDADE É QUE NEM TODOS OS PEIXES SERVEM PARA O CONSUMO, ALGUNS SÃO MUITOS PEQUENOS. NÓS PESCADORES PRECISAMOS ~~RESERVAR~~ RESERVAR ISSO. —

DISSE O PESCADOR DE FORMA SIMPLES E ORGULHOSA.

— SIM, ISSO É VERDADE! RESPONDI DEMOSTRANDO INTERESSE EM SABER MAIS SOBRE O ASSUNTO.

DEPOIS DE JÁ ALGUM TEMPO CONVERSANDO

ATIVIDADE 08 45 Olhares cotidianos

COM O PESCADOR CHEGOU UM MOMENTO QUE ELE ME PRESENTEOU COM TRÊS PEIXES FRESCOS E COM UM APERTO DE MÃO ELE SE DESPEDIU, SEGUINDO A CAMINHO DE CASA. E O QUE DEVERIA TER SIDO SÓ MAIS UMA CAMINHADA SE TORNOU UMA BELA APRENDIZAGEM SOBRE PESCARIA.

ANEXO H - CRÔNICA LITERÁRIA PRODUZIDA POR A18

Reescrita da crônica literária

① Brinquedo

Hoje pelo manhã passando pelo açude, no minha corrida matinal, vi dois pescadores um deles pegou a rede enquanto o outro a segurava e quando puxaram a rede enquanto o outro a segurava então quando puxaram a rede, não tinham conseguido pegar nem se que um peixe.

É passando por lá escutei em pouco da conversa entre os pescadores:

- Já difícil o meio.
- Pois é, quem quer?
- Já contaram até minha lua e o pior é que hoje é o aniversário de minha filha.
- Tudo culpa do falta de peixe causador pela seca. É por que você não fica feliz se é o aniversário do seu filho?
- Porque não tenho dinheiro nem pra pagar as contas, imagina presentear a minha filha porque estou triste.
- Ah sim! pode ajudar mas não tenho condições.

Ao escutar essa conversa não pensei duas vezes, interrompi a conversa e falei:

- Ola! Eu queria ajuda, não sou tão rico mais posso ajudar.

Então ele me olhou com olhar espontâneo e um sorriso de felicidade mesmo assim ele não aceitou e quanto mais eu me oferecia a ajuda mais ele negava a minha ajuda.

Então escrevi uma crônica contando

ATIVIDADE 08 45 Olhares cotidianos

Um lindo menino corado, com cabelos lisos e morenos, com um olho brilhante. Já puro, em sorriso que nunca tinha visto igual, ele parou as mãos do aqued e gritou:

- Pai, já no novo nome

- Está indo filha

Ele se despediu de seu companheiro e dirigiu a moagem do aqued, então tentei novamente mas ele negou, então chamei a sua filha e lhe dei um abraço de feliz aniversário e coloquei desforadamente uma nota em seu bolso de trás, vim-me as costas e fui embora, e sair a me pergunta se ela acharia o dinheiro em seu bolso.

ANEXO I - CRÔNICA LITERÁRIA PRODUZIDA POR A30

Reescrita da crônica literária

"A Corintha"

Em uma linda tarde de domingo andando como de costume absteri um pé de Corintha, não sou Corintha tinha uma grande árvore aparente na casa de Umbu. Nessa árvore tinha um balanço então nessa Corintha havia maculeiras, e também uma Criança. De longe fiquei a vista.

Me bateu uma rede não tinha curso por perto, só aquela Corintha. Tinha coragem e fui lá, chegando lá bati no portão: tuc... tuc... Em poucos minutos o portão abriu. Lá se encontrava um casal de idosos humildes, quem abriu o portão foi o senhor. e perguntei:

- Oi estava andando por essas bandas e me bateu uma rede não que a senhora pede me arrumar uma Cadeira com água?

- Porque sim, A senhora tem aquele velho triste disse:

- minha casa é humilde, não tenho geladeira, eu tenho um velho Pote de leite:

- pode ser, não mim em parte ele abriu um sorriso e pegou a água e trouxe até o mim. ele comecei a me falar uma história que tinha vez que elas não tinha nada pra comer. fiquei comovido com a história, poucos minutos a Criança apareceu com a sua Pa vargado e pulando:

- vou estar com fome a Abu com as lagrimas nos olhos disse:

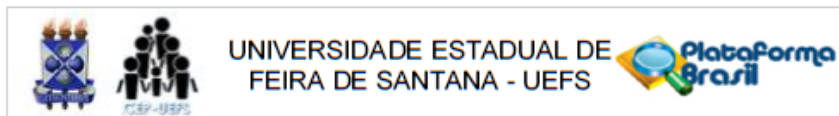
- minha filha não tem o que comer
 Alhei com os olhos cheios de lagrimas sem poder fazer nada. Então sem dinheiro me retirei e sair antes pedir ajuda a Senhora pelo Cadeira de água.
 Passou o dia, eu querendo uma resposta aqui eu podia fazer para ajudar.

Pensei e resolvi. fui a um Supermercado e fiz uma lista com alimentos e mercadorias para meu neto, e voltei até aquele Corintha.

ATIVIDADE 08 45 Olhares cotidianos

Chegou de lá encontrei aquele menino tão
valente, como ele a tira as palavras de lá,
a menina me abriu com aquele sorriso de feliz,
o homem, a sua ~~do~~ avó do Chegado me Paulo
Obrigado por tudo me em Cien e São e sair muito
feliz.

ANEXO J - PARECER COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O COTIDIANO EM PALAVRAS: UMA PROPOSTA DE DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES ESCRITORAS A PARTIR DO GÊNERO CRÔNICA

Pesquisador: DANIELA DOS REIS SANTOS LIMA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 63579117.6.0000.0053

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Feira de Santana

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.971.682

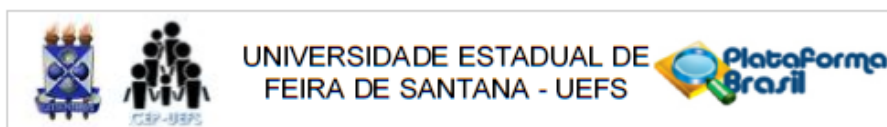
Apresentação do Projeto:

Trata-se de um Projeto de pesquisa do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), do Departamento de Letras e Artes, da Universidade Estadual de Feira de Santana, proposto por Daniela dos Reis Santos Lima (Pesquisadora Responsável), sob orientação da Profª Drª Girlene Lima Portela (Pesquisadora Colaboradora).

Segundo a pesquisadora responsável, "Um dos maiores entraves enfrentados pelos professores de Língua Portuguesa diz respeito à aprendizagem de leitura e escrita pelos alunos. Muitos deles não conseguem decodificar um texto, ou sequer transmitir uma mensagem de forma coerente através da linguagem escrita. Essa realidade de proporção nacional tem causado grande inquietação nos profissionais da área, que apesar dos problemas enfrentados, não medem esforços para buscar soluções eficazes que venham sanar tais dificuldades. Contudo, apesar desse esforço, ainda encontramos grandes problemas relacionados à maneira como se ensina e se aprende" (Projeto completo, p. 04).

Por esse motivo a pesquisadora apresenta "uma proposta de desenvolvimento de habilidades de escrita a partir do gênero textual crônica narrativa, a partir de uma sequência de atividades que se

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460
UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8067 **E-mail:** cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 2.042.649

utilize das múltiplas linguagens e da valorização da cultura local. Trata-se de um projeto de intervenção, de natureza qualitativa e constitui parte do trabalho de conclusão do curso do PROFLETRAS/UEFS-BA. Sua aplicação dar-se-á nas aulas de Língua Portuguesa, numa turma de 9º ano, de uma escola municipal, na cidade de Santaluz-Ba. [...] Objetivando a utilização de práticas pedagógicas que atendam a proposta dos Multiletramentos, uma das etapas deste projeto visará à criação, pelos alunos e professor-pesquisador, do blog intitulado Retratos cotidianos: entre crônicas e imagens, o qual servirá como um portfólio virtual das produções realizadas em sala de aula. Nele, serão publicadas crônicas e imagens fotográficas produzidas/capturadas pelos alunos, cuja temática abordará o cotidiano das pessoas da comunidade local.

Além do blog, será produzido um livro de crônicas, com o intuito de valorizar o potencial criativo do aluno, mostrando-lhe que seus textos têm espaço e função no meio social" (Informações básicas/Plataforma Brasil, p. 03).

A pesquisa contará com a participação de 35 estudantes do 9º ano do Colégio CENTRO EDUCACIONAL NILTON OLIVEIRA SANTOS, em Santaluz-Ba.

Apresenta orçamento estimado em R\$ 7.295,00, com contrapartida da instituição proponente. Informa no Cronograma que a coleta e seleção dos dados se darão em agosto de 2017.

Objetivo da Pesquisa:

PRIMÁRIO: "Desenvolver competências e habilidades escritoras, a partir do gênero textual crônica, por meio de uma sequência didática que permita a valorização da cultura local e a utilização das múltiplas linguagens, possibilitando assim, a formação de leitores proficientes e protagonistas de sua aprendizagem" (Informações básicas/Plataforma Brasil, p. 04; Projeto completo, p. 12).

SECUNDÁRIOS: "• Possibilitar aos alunos o reconhecimento das características do gênero textual crônica, no que se refere ao seu conteúdo temático, construção composicional e estilo;• Conduzir os alunos a utilizar com propriedade e desenvolver os padrões da escrita em função das exigências do gênero e das condições de produção, observando critérios de coerência e coesão;• Promover a prática da análise e revisão textual pelos alunos, a fim de alcançarem os objetivos estabelecidos para a intenção comunicativa e o público a que se destina;• Conduzir atividades didáticas que atendam à proposta dos multiletramentos, com vistas à utilização do universo cultural do aluno e das linguagens influenciadas pelas novas tecnologias" (Informações

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460
UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75) 3161-8067 **E-mail:** cep@uefs.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
FEIRA DE SANTANA - UEFS



Continuação do Parecer: 2.042.649

básicas/Plataforma Brasil. p. 04; Projeto completo, p. 12).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

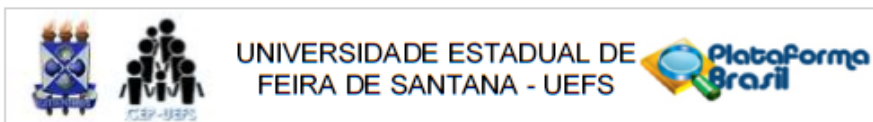
RISCOS: No decorrer das atividades ligadas às etapas previstas no projeto de pesquisa, caso o participante tenha qualquer despesa decorrente da pesquisa, ele será ressarcido, e caso ele sofra qualquer dano, em nível de aprendizagem ou de desenvolvimento de atividades de outras disciplinas, assim como no caso de um acidente, no âmbito da sala de aula no decorrer das atividades, ele será indenizado, seja em aulas de reforço, seja em quaisquer necessidades financeiras relacionadas ao tipo de acidente por ele sofrido (Informações básicas/Plataforma Brasil. p. 04).

A participação nessa pesquisa não irá atrapalhar as demais atividades escolares das crianças, ao contrário, ela irá contribuir para a melhoria no seu desempenho estudantil. A pesquisa não prevê danos físicos, materiais ou emocionais, mas é possível que as crianças sintam-se desconfortáveis por terem de responder a um questionário e participar de atividades propostas durante a execução do projeto. Caso ocorra algum episódio que se confirme em dano para seu filho/sua filha durante sua participação nesta pesquisa, você poderá ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil [...] Uma das etapas desse projeto consistirá na criação de um blog, de acesso limitado aos participantes do projeto, e de um livro para a publicação das crônicas produzidas em sala de aula, logo será necessária a divulgação de imagens fotográficas do seu (sua) filho (a) nesses dois suportes, por isso, solicitamos também a sua autorização para o uso de fotografias nessas atividades. (TCLE).

Este estudo não apresenta riscos, mas você pode sentir-se desconfortável ou indisposto para realizar as atividades propostas nesta pesquisa, saiba que você é livre e, caso não queira realizá-las, não será prejudicado por isso [...] Uma das etapas desse projeto consistirá na criação de um blog, de acesso limitado aos participantes do projeto, e de um livro para a publicação das crônicas produzidas em sala de aula, logo será necessária a divulgação de imagens fotográficas de todos os envolvidos no projeto (TALE).

BENEFÍCIOS: Contribuir para o desenvolvimento e o aprimoramento das práticas de escrita dos alunos, tendo como mote o gênero textual crônica narrativa, bem como a utilização de atividades pedagógicas que façam uso de práticas multiletradas e da valorização da cultura local (Informações básicas/Plataforma Brasil. p. 04).

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460
UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8067 **E-mail:** cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 2.042.649

O principal objetivo do presente estudo é desenvolver competências e habilidades escritoras, a partir do gênero textual crônica, por meio de uma sequência didática que permita a valorização da cultura local e a utilização das múltiplas linguagens, possibilitando assim, a formação de leitores proficientes e protagonistas de sua aprendizagem. A participação nessa pesquisa não irá atrapalhar as demais atividades escolares das crianças, ao contrário, ela irá contribuir para a melhoria no seu desempenho estudantil (TCLE).

O principal objetivo do presente estudo é desenvolver competências e habilidades escritoras, a partir do gênero textual crônica, por meio de uma sequência didática que permita a valorização da cultura local e a utilização das múltiplas linguagens, possibilitando assim, a formação de leitores proficientes e protagonistas de sua aprendizagem [...]Ao final da pesquisa, você aprenderá mais como aprimorar a sua leitura e escrita (TALE).

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto de pesquisa intervenção de caráter relevante, viável no que refere aos aspectos éticos da pesquisa, após a realização de ajustes para atender às exigências das Resoluções 466/12 e 510/16.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

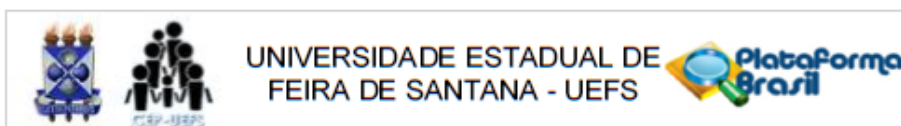
Protocolo completo, atendendo às exigências das Resoluções 466/12 e 510/16. Foram anexados os seguintes documentos:

- 1.Folha de Rosto devidamente carimbada, datada e assinada pela Diretora do Departamento de Letras e Artes/UEFS;
- 2.Termo de compromisso das pesquisadoras (responsável e colaboradora) afirmando participar do estudo e a observar as Resoluções 466/12 e 510/16.
- 3.Declaração de Anuência assinada pela gestora do Colégio Centro Educacional Nilton Oliveira Santos, em Santaluz-BA.
- 4.Termo de Autorização para uso de imagem de terceiros.
- 5.TCLE.
- 6.TALE.

Recomendações:

Recomenda-se remover o cabeçalho, bem como ajustar as margens e a fonte para tornar a leitura confortável e para que o texto caiba apenas em uma lauda. Caso não seja possível em uma lauda,

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
 Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.031-460
 UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA
 Telefone: (75)3161-8067 E-mail: cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 2.042.649

recomenda-se a rubrica nas páginas anteriores à página de assinatura.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

PROJETO APROVADO

Após o atendimento das pendências, o projeto está aprovado para execução, pois atende aos princípios bioéticos para pesquisa envolvendo seres humanos, conforme a Resolução nº 466/12 e a Resolução nº 510/16(CNS).

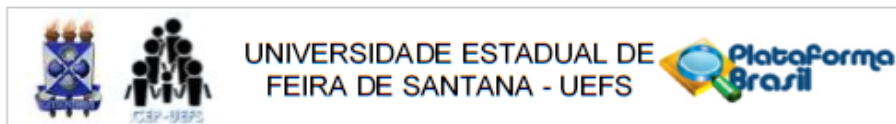
Considerações Finais a critério do CEP:

Tenho muita satisfação em informar-lhe que seu Projeto de Pesquisa satisfaz às exigências da Res. 466/12 e da Res. 510/16. Assim, seu projeto foi Aprovado, podendo ser iniciada a coleta de dados com os participantes da pesquisa conforme orienta o Cap. X.3, alínea a - Res. 466/12. Relembro que conforme institui a Res. 466/12 e a Res. 510/10, Vossa Senhoria deverá enviar a este CEP relatórios anuais de atividades pertinentes ao referido projeto e um relatório final tão logo a pesquisa seja concluída. Em nome dos membros CEP/UEFS, desejo-lhe pleno sucesso no desenvolvimento dos trabalhos e, em tempo oportuno, um ano, este CEP aguardará o recebimento dos referidos relatórios.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_Daniela.pdf	30/04/2017 20:44:57	JEAN MARCEL OLIVEIRA ARAUJO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Daniela.pdf	30/04/2017 20:44:28	JEAN MARCEL OLIVEIRA ARAUJO	Aceito
Outros	Oficio_pendencias.pdf	04/04/2017 16:44:28	LAURA BARRETO MIRANDA CAMPOS	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_848163.pdf	04/04/2017 16:40:01		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_CORRIG.pdf	04/04/2017 16:23:49	DANIELA DOS REIS SANTOS LIMA	Aceito
Orçamento	ORcAMENTO.pdf	04/04/2017 16:19:12	DANIELA DOS REIS SANTOS LIMA	Aceito

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
 Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.031-460
 UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA
 Telefone: (75)3161-8067 E-mail: cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 2.042.649

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	04/04/2017 16:08:09	DANIELA DOS REIS SANTOS LIMA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	04/04/2017 16:05:24	DANIELA DOS REIS SANTOS LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	04/04/2017 16:03:23	DANIELA DOS REIS SANTOS LIMA	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	05/01/2017 23:09:41	DANIELA DOS REIS SANTOS LIMA	Aceito
Outros	TERMO_USO_IMAGEM.pdf	03/01/2017 14:24:45	DANIELA DOS REIS SANTOS LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_.pdf	03/01/2017 14:22:38	DANIELA DOS REIS SANTOS LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	03/01/2017 14:22:11	DANIELA DOS REIS SANTOS LIMA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_CEPP.pdf	03/01/2017 14:21:20	DANIELA DOS REIS SANTOS LIMA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_ORIENTADORA.jpg	03/01/2017 14:20:13	DANIELA DOS REIS SANTOS LIMA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_PESQUISADORA.jpg	03/01/2017 14:17:24	DANIELA DOS REIS SANTOS LIMA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DECL_DIRETORA.jpg	03/01/2017 14:15:05	DANIELA DOS REIS SANTOS LIMA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FEIRA DE SANTANA, 02 de Maio de 2017

Assinado por:
JEAN MARCEL OLIVEIRA ARAUJO
(Coordenador)

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
 Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.031-460
 UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA
 Telefone: (75) 3161-8067 E-mail: cep@uefs.br